

DM

**Representações de Estereótipos Nacionais
em Narrativas Europeias de um Tempo Entre Guerras**
Marguerite Yourcenar, Ilse Losa e Erich Maria Remarque

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Manuela Patrícia Teles Fernandes Luís
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

Setembro | 2017

**Representações de Estereótipos Nacionais
em Narrativas Europeias de um Tempo Entre Guerras**
Marguerite Yourcenar, Ilse Losa e Erich Maria Remarque

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Manuela Patrícia Teles Fernandes Luís

MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS

ORIENTADORAS

Anne Martina Emonts

Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz



Faculdade de Artes e Humanidades

Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais

Dissertação de Mestrado

Representações de estereótipos nacionais em narrativas europeias de
um tempo entre guerras – Marguerite Yourcenar, Ilse Losa e Erich
Maria Remarque

Orientadoras: Professora Doutora Ana Isabel Moniz

Professora Doutora Anne Martina Emonts

Discente: Manuela Patrícia Teles F. Luís, nº 1022390

2017

Agradecimentos

Gostaria de agradecer às minhas orientadoras, Professora Doutora Ana Isabel Moniz e Professora Doutora Anne Martina Emonts, pelo seu exemplar, permanente e incondicional apoio ao desenvolvimento deste projecto, pela confiança que em mim depositaram, pelas conversas sempre ricas em ideias e conteúdo, pela motivação constante e pela extraordinária paciência perante os meus avanços e recuos.

Este trabalho também não teria sido possível sem a bolsa de estudo Kurt Tucholsky Stipendium für Literatur und Publizistik, atribuída pelo Deutsches Literaturarchiv – Marbach (DLA), que me permitiu cinco deslocações ao referido arquivo e o acesso à maior parte da bibliografia de apoio.

Por fim, um agradecimento especial à minha família, que me acompanhou e apoiou em todas as horas.

Resumo: O modo como um país e um povo são representados na literatura exerce um papel significativo nas imagens que outros povos deles formam. Em *Im Westen nichts Neues* (Erich Maria Remarque, 1929), *Le Coup de Grâce* (Marguerite Yourcenar, 1939) e *O Mundo em que Vivi* (Ilse Losa, 1943), que constituem a base desta investigação, surgidas no período entre as duas guerras mundiais, a Alemanha e os alemães assumem frequentes vezes imagens estereotipadas, algumas delas influenciadas pela propaganda posta a circular na imprensa nacional e estrangeira. A comparação dessas representações oferece-nos uma perspectiva alargada de como os estereótipos da Alemanha e dos alemães, incluindo o povo judeu, se disseminaram na opinião pública e contribuíram para a formação de determinadas crenças e conceitos, alguns dos quais se poderão ter mantido ao longo do séc. XX.

Palavras-chave: estereótipo; nacionalismo; anti-semitismo; guerra; Alemanha.

Abstract: The way a country and a people are portrayed in literature plays a significant role on the image that other peoples/nationalities perceive of them. In *Im Westen nichts Neues* (Erich Maria Remarque, 1929), *Le Coup de Grâce* (Marguerite Yourcenar, 1939), and *O Mundo em que Vivi* (Ilse Losa, 1943), that serve as a foundation for this study, and that were published in the period between the two world wars, representations of Germany and its people are often stereotyped, some of them influenced by the propaganda circulating on national and foreign press. Comparing those representations presents us with a broad perspective on how stereotypes of Germany and the Germans, including the Jewish people, have spread through the public opinion and contributed to the formation of certain beliefs and concepts, some of which might have endured throughout the 20th century.

Keywords: stereotype; nationalism; anti-Semitism; war; Germany.

Índice

1. Introdução.....	9
1.1. Enquadramento teórico e metodológico – A Literatura Comparada e a Imagologia	11
1.2. O contexto histórico – A Primeira Guerra Mundial	15
2. Experiências de guerra na literatura	29
2.1. Erich Maria Remarque, <i>Im Westen nichts neues</i> [A Oeste Nada de Novo] (1929)	31
2.1.1. O ponto de vista do soldado: o absurdo da guerra	32
2.2. Marguerite Yourcenar, <i>Le Coup de Grâce</i> [O Golpe de Misericórdia] (1939)	51
2.2.1. O militarismo alemão	51
2.3. Ilse Losa, <i>O Mundo em que Vivi</i> (1943).....	61
2.3.1. Identidade e alteridade – A representação literária do judaísmo	62
3. Considerações finais	81
4. Bibliografia	87

1. Introdução

Este estudo consiste numa análise de três romances publicados entre 1929 e 1943 (Erich Maria Remarque, *Im Westen nichts Neues*, 1929; Marguerite Yourcenar, *Le Coup de Grâce*, 1939; Ilse Losa, *O Mundo em que Vivi*, 1943), numa óptica comparatista, com vista a determinar quais as representações de estereótipos nacionais atribuídos à Alemanha e ao povo alemão (incluindo a questão judaica) em narrativas surgidas num período entre guerras (*Im Westen nichts Neues*, *Le Coup de Grâce*) e/ou que a esse período se reportam (*O Mundo em que Vivi*).

As obras seleccionadas surgiram num contexto de profundas alterações aos níveis sócio-económico, geo-político e cultural, em que a Alemanha ocupou um lugar central e determinante do rumo do continente Europeu e do mundo. Ainda hoje, a Alemanha, considerada o país mais populoso da União Europeia, possui uma das maiores economias mundiais, aliada a uma longa tradição cultural, à sua história marcada por rupturas, conflitos e convulsões superados por uma exemplar capacidade de recuperação, factores que tornam a Alemanha e a sua cultura um foco de interesse para investigadores que se dedicam às questões em torno da identidade nacional. O espaço cultural alemão abrange países como a Alemanha, a Áustria e a Suíça e ainda outras regiões europeias que outrora fizeram parte do então Império, pelo que a(s) cultura(s) de expressão alemã exerce(m) uma forte influência sobre uma vasta parte da Europa central.

Cem anos após o início da Primeira Guerra Mundial, o presente projecto propõe-se investigar que imagens e estereótipos da Alemanha surgem em narrativas europeias da primeira metade do século XX, numa tentativa de responder às seguintes questões: Em que contexto histórico e sociocultural surgem estas narrativas? Até que ponto a intervenção alemã na Primeira Guerra Mundial contribuiu para a cristalização de imagens, estereótipos e clichés associados à Alemanha e aos seus cidadãos? Quais são as imagens e os estereótipos mais utilizados para descrever a Alemanha e os alemães, incluindo os judeus alemães, nas narrativas em estudo? Como são construídas as imagens da Alemanha, dos alemães e dos judeus alemães em cada uma das três obras seleccionadas? Até que ponto os estereótipos nacionais são petrificados, modificados ou desconstruídos – por exemplo, sob a forma de postulados éticos – pelo discurso literário?

Tendo em conta a temática subjacente a estas questões, este trabalho tem por objectivos identificar as imagens e os estereótipos utilizados para descrever a Alemanha, os alemães e os judeus alemães nas obras em estudo, bem como relacionar as

representações nacionais expressas pelos autores alemães com as da autora francófona; reflectir brevemente sobre a manutenção, modificação ou desconstrução dos estereótipos no discurso literário; comparar a abordagem destas representações nas obras literárias com a sua adaptação ao cinema (adaptação cinematográfica do romance *Im Westen nichts Neues* ao filme *All Quiet on the Western Front*).

O presente estudo começa por referir o enquadramento teórico e metodológico adoptado, seguindo-se uma apresentação do contexto histórico da Primeira Guerra Mundial. Na segunda parte, procede-se à análise das narrativas seleccionadas, sequenciadas por ordem cronológica, e que ditam uma linha temporal que cobre o período decorrente entre o início da Primeira Guerra Mundial (1914) e a ascensão de Adolf Hitler ao cargo de Chanceler do regime que ficou conhecido por Terceiro Reich, em 1933. A terceira parte apresenta as considerações finais, seguidas da bibliografia consultada.

1.1. Enquadramento teórico e metodológico – A Literatura Comparada e a Imagologia

A literatura possui, inegavelmente, uma função comunicativa preponderante para o processo intercultural, dado que ela nos coloca em confronto com a realidade do “outro”, mas não exclusivamente: esse confronto é sempre mediado pela subjectividade e pela noção de identidade do leitor/receptor. Os estilos de vida, tradições e crenças reflectidos nos textos literários ocupam um lugar determinante no acesso ao mundo, e foram os livros que, durante séculos, constituíram principal veículo de mediação cultural disponível para a humanidade.

Assim, através da leitura, os povos europeus foram construindo imagens mentais de outros povos e culturas que até então desconheciam e criando o seu próprio juízo de valor sobre os outros, consoante as obras que liam e as chaves de interpretação que lhes eram fornecidas não só pelos autores dos textos, mas também pelos filtros da sua própria cultura, subjectividade e as circunstâncias sociais e históricas em que se encontravam. Ao longo do tempo, foram surgindo historiadores, teóricos e críticos da literatura que ajudaram a formar padrões de interpretação literária e cultural das obras a que dedicavam os seus estudos.

O texto literário assume-se, ainda, como um repositório de memórias que o autor opta por destacar, ao mesmo tempo que ignora ou elimina outras, e que contribuem para que os povos formem uma memória colectiva e, através dela, construam a sua própria identidade.

A memória faz-se da subtil mas às vezes também potencialmente violenta negociação entre o que é recordado e o que é eliminado; entre o que colocamos na luz e o que remetemos para a sombra ou mesmo para a escuridão. São estas escolhas, efectuadas sobre o passado, que permitem imaginá-lo como estratégia de construção de qualquer identidade, ou de qualquer comunidade imaginada (Benedict Anderson) e que permitem, por outro lado, imaginar o futuro. (Buescu, 2013: 13)

São inúmeros os exemplos de obras literárias que dedicam especial atenção às imagens de povos e nações, remontando algumas delas à antiguidade clássica: *A Ilíada*, de Homero, *Os Persas*, de Ésquilo, *Germania*, de Tácito. A partir do séc. XV, com as viagens dos navegadores europeus pelos restantes continentes, surgem relatos sobre povos que ora são considerados exóticos, bárbaros e primitivos, ora são caracterizados

como inocentes que vivem num estado de pureza em cenários idílicos. Estas representações eurocêntricas são comuns a muitos diários e crónicas de viagem.

Em tempos mais recentes, obras como *De la Littérature* e *De l'Allemagne*, de Madame de Staël, são frequentemente identificadas como alguns dos primeiros trabalhos dedicados à caracterização de povos e nações. Ao longo do séc. XIX, a aplicação do método comparatista e positivista posto em prática nas ciências foi-se alargando a outras áreas do conhecimento, entre elas aos estudos literários.

Nos anos 50 do séc. XX, o reconhecimento da literatura comparada em França, enquanto disciplina do ramo da História da Literatura, está ligado a nomes como Ferdinand Baldensprenger e Jean-Marie Carré, discípulo do primeiro, sendo este considerado por comparatistas como Manfred Fischer e Hugo Dyserinck o pai deste ramo dos estudos literários. A Literatura comparada era entendida como o estudo das representações do Outro, do “Estrangeiro” na literatura. Na Alemanha, a literatura comparada surge associada ao Centro de Estudos Imagológicos de Aachen, fundada por Hugo Dyserinck, cuja influência se fez sentir em trabalhos de vários discípulos seus, como é o caso de Manfred Fischer e Joep Leerssen, cujos trabalhos nesta área são reconhecidos internacionalmente. Esta corrente considera as representações veiculadas pela obra literária como um elemento a abordar através de métodos comuns à antropologia, à sociologia e à psicologia, porém levando em conta a sua dimensão estética.

A Imagologia constitui, então, um ramo da Literatura Comparada que veio a ganhar notoriedade nos estudos literários, em especial, após o fim da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Bleicher, ocupa cada vez mais um lugar de maior destaque no âmbito da literatura comparada (Bleicher, 1980: 3). Dedicar-se ao estudo e à comparação das auto e hetero-imagens na literatura, sobretudo na narrativa, nomeadamente a representação de países, povos e culturas, paisagens, lugares e cidades, locais de interesse, monumentos e acontecimentos, mas, principalmente, os indivíduos com os seus defeitos, mas também com as suas virtudes.

Das Bild des Anderen meint hier die Darstellung fremder Länder, Völker und Kulturen in der Literatur. Da werden Landschaften, Orte und Städte, Sehenswürdigkeiten, Denkmäler und historische Ereignisse beschrieben, vor

allem aber die Menschen mit ihren guten und schlechten Eigenschaften¹.
(Beller, 2006: 21).

Salientando que apesar de, ainda nos nossos dias, continuar a existir no discurso quotidiano um *Nationalcharakterkonzept* (conceito de carácter nacional) que atribui uma determinada mentalidade a um povo (Florack, 2007: 3), Ruth Florack afirma que os estereótipos já não constituem indicadores definitivos de um todo colectivo, mas antes elementos rudimentares de conhecimento do Outro baseados na simplificação do que é complexo (Florack, 2007: 4) e uma ajuda para melhor compreender o ponto de vista do Outro, também no que respeita ao discurso literário. A Imagologia, enquanto ciência, não pode tomar como válidos estereótipos redutores de um grupo:

Nachdem die Komparatistik die Imagologie als eigenes Forschungsgebiet entdeckt hat, wird die Annahme, daß die Angehörige eines Volkes über ein relativ konstantes Ensemble von Eigenschaften verfügen, durch das sie sich von anderen Völkern unterscheiden – unabhängig davon, ob nun von ‚Nationalcharakter‘, ‚modal personality‘ oder ‚ethnotype‘ die Rede ist – wissenschaftlich zunehmend fragwürdig.² (Florack, 2007: 15)

Já Beller afirma que, no texto literário, as características nacionais aparecem como um conjunto de traços positivos ou negativos que são atribuídos a uma nação e que, sob a forma de clichés e *topoi* retóricos, estabelecem juízos de valor e preconceitos sobre povos e países. Acrescenta que se entende por identidade nacional o conjunto de mentalidades e formas de comportamento, experiências históricas e localização territorial nos quais um povo se reconhece a si próprio, mas ressalva que é praticamente inconcebível definir essa Identidade apenas partindo do texto, uma vez que

Das Zusammenleben der Menschen in Gruppen, sozialen Schichten, Völkern, Nationen und Rassen ergibt ein vielstimmiges Konzert, das in den Texten der Dichter mit den Noten ihrer Urteile, Vorurteile, Stereotypen und Klischees, richtigen und falschen Charakteristiken widerhallt.³ (Beller, 2006: 21)

¹ A imagem do Outro é aqui entendida como a representação de países, povos e culturas estrangeiras na literatura. São descritos paisagens, lugares e cidades, locais de interesse, monumentos e acontecimentos históricos, mas sobretudo as pessoas com as suas características positivas e negativas.

² Após a Literatura Comparada ter descoberto a Imagologia como o seu próprio campo de análise, é cada vez mais questionável, do ponto de vista científico, a suposição de que os membros dum povo dispõem de um conjunto constante de características através das quais esse povo se distingue de outros – independentemente de se estar a falar de “carácter nacional”, “personalidade modal” ou “etnotipo”.

³ O convívio dos homens em grupos, classes sociais, povos, nações e raças produz um concerto polifónico que os autores fazem ecoar nos seus textos, nas notas dos seus juízos de valor, ideias pré-concebidas, estereótipos e clichés, características certas e falsas.

Directamente ou sob a forma de eufemismos e metáforas, os autores exprimem os seus juízos e opiniões acerca do que lhes parece diferente, estranho, ou que divirja do que lhes é próprio, incluindo o aspecto físico, a raça, a religião, os costumes e as relações sociais que consideram dignos de nota. As características nacionais reúnem, no texto literário, um conjunto de traços valorizados de maneira favorável ou desfavorável, que são atribuídos a uma nação sob a forma de clichés e *topoi*, e que estabelecem e cristalizam os juízos e preconceitos sobre povos e nações (cf. Beller, 2006: 21).

Beller salienta, ainda, que os estudiosos e teóricos da literatura se servem, sobretudo, dos conceitos de auto e hetero-estereótipo, oriundos da psicologia social, para analisar as correspondências (por vezes simétricas) entre as imagens do próprio e as imagens do outro (Beller, 2006: 22). A relação complexa entre estes polos, ora convergentes, ora divergentes, da interação humana constitui um segmento importante da imaginação literária. A representação dos estereótipos, da sua função e do seu efeito sob o ponto de vista estético, literário, histórico, cultural e social é tarefa da Imagologia. Deste modo, padrões de percepção nacionais não constituem apenas obstáculos, mas também pontes de compreensão no encontro com uma cultura estrangeira e percepção da mesma.

No mundo ocidental, vivemos, nos nossos dias, em confronto directo e permanente com novas realidades, povos e culturas que, por via das circunstâncias do quotidiano (conflitos, guerras, pobreza, migração maciça) e pela situação social e política da Europa, que para muitos surge como um oásis de estabilidade social e material, procuram no espaço europeu a protecção e o conforto que não encontram no seu país de origem. Estes factores fomentam uma maior interacção entre povos, nações e culturas que se vêem confrontados com novos mundos e perspectivas de apreensão do real divergentes daquelas que até então conheciam. A literatura pode e deve ser encarada como um veículo de comunicação e compreensão do outro capaz de desempenhar um papel essencial na convivência e integração social e cultural na nossa sociedade.

Devido ao seu objecto de estudo e ao tipo de metodologia aplicada, este trabalho insere-se no campo da literatura comparada, mais especificamente, da imagologia literária. As narrativas seleccionadas e a bibliografia de apoio foram consultadas no original e traduzidas pela autora, à excepção de *Le Coup de Grâce (O Golpe de Misericórdia)*, cuja análise se baseou na tradução de Rafael Gomes Filipe para as Publicações D. Quixote (2003).

1.2. O contexto histórico – A Primeira Guerra Mundial

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), também conhecida como a Grande Guerra, foi o primeiro conflito global do séc. XX que envolveu as maiores potências mundiais: a Alemanha aliou-se ao Império Austro-Húngaro, que declarou guerra à Sérvia após o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo, capital da Bósnia, e encontraram a oposição da Grã-Bretanha, da França e da Rússia, que se uniram na Tríplice Entente. Também se envolveram no conflito a Itália, o Império Otomano e, numa fase mais tardia, os Estados Unidos da América.

Após um ciclo de paz, progresso e prosperidade na Europa, o confronto, que se previa breve, viria a revelar-se o mais sangrento até à data, registando-se cerca de 10 milhões de mortos e 20 milhões de feridos. A Alemanha foi o país com mais baixas, tendo contabilizado 1.773.000 mortos, para além do elevadíssimo número de pessoas que morreram devido à fome provocada pelo empobrecimento decorrente dos longos quatro anos de combates e do bloqueio naval a que a nação alemã foi submetida.

Poucos previam que a guerra fosse prolongar-se por quatro anos e registar tão alto número de baixas, uma vez que as potências envolvidas pretendiam um conflito breve que lhes proporcionasse novas conquistas territoriais e benefícios financeiros que as ajudassem a consolidar a sua posição no mapa geopolítico do século XX: a Alemanha ambicionava ser a potência dominante da Europa, em parte por receio da expansão do Império Russo (que procurava impedir o domínio austro-húngaro sobre os Balcãs e conquistar influência nos Estreitos Turcos), enquanto o Império Austro-Húngaro tentava manter a sua supremacia nos Balcãs, cada vez mais posta em causa pela Sérvia.

O período anterior à guerra ficou conhecido pelos anos de ouro – *the Gilded Age* foi como os americanos viriam a designar os anos pré-guerra, enquanto a burguesia parisiense referia *la belle époque* (Kershaw, 2016: 10) – que se caracterizaram por um grande desenvolvimento tecnológico e económico, contribuindo, assim, para que as classes mais favorecidas enaltescessem a grandeza do progresso e se deslumbrassem com os seus benefícios, que as classes trabalhadoras desconheciam. Contudo, a sociedade do início do séc. XX sofria mudanças rápidas e complexas, pois a industrialização conduziu ao crescimento rápido de muitas regiões da Europa, ao mesmo tempo que largas faixas da população ainda se dedicavam à agricultura:

Most Europeans still lived in villages or small towns. Standards of living continued to improve, though they were still miserable for the majority of Europeans, whether they had joined the teeming masses seeking work in the insanitary conditions of rapidly swelling cities such as Berlin, Vienna or St. Petersburg, or whether they still eked out a precarious existence in the countryside. Many voted with their feet and left. Poverty and lack of opportunity drove many from their homelands. Far from seeing the benefits of prosperity and civilization, millions of Europeans simply could not wait to get away. Emigration to the United States of America peaked in 1907, when over a million Europeans crossed the Atlantic.⁴ (Kershaw, 2016: 12)

Estas alterações do tecido social viriam a gerar novas pressões que começavam a ameaçar a ordem política estabelecida. O poder político e militar permanecia nas mãos de elites constituídas pelos proprietários das terras e por famílias aristocráticas, bem como por abastados industriais, apesar de já existir na maioria dos países europeus uma forma de governo constitucional e até, em alguns, sufrágio directo, embora com limitações. Era o caso da Alemanha, que, de acordo com a constituição do Reich de 1871, garantia a todos os homens maiores de 25 anos o voto nas eleições para o parlamento (*Reichstag*).

Não obstante, tal não significa que as estruturas de poder estivessem tão demarcadas como nos nossos dias e, mais ainda, as relações entre as diversas potências anteriores à Primeira Guerra Mundial, no que respeita às suas políticas externas, acabavam por reflectir a complexidade das conexões dentro de cada estado.

The chaotic intervention of monarchs, ambiguous relationships between civil and military, adversarial competition among key politicians in systems characterized by low levels of ministerial or cabinet solidarity, compounded by the agitations of a critical mass press against a background of intermittent crisis and heightened tension over security issues made this a period of unprecedented uncertainty in international relations. (Clark, 2013: 239)

A mudança fundamental, vista pelas elites como ameaçadora do seu poder (Kershaw, 2016: 14), foi desencadeada pela ascensão das classes trabalhadoras e pela sua organização em sindicatos e partidos políticos, apoiada pelos movimentos socialistas

⁴ A maioria dos europeus ainda vivia em aldeias e vilas. As condições de vida continuavam a melhorar, embora ainda fossem miseráveis para a maioria dos europeus, quer estes se tivessem juntado às numerosas massas à procura de trabalho nas condições insalubres de cidades em rápido crescimento, como Berlim, Viena e São Petersburgo, quer ainda subsistissem vivendo no campo de forma precária. Muitos votavam com os pés e partiam. A pobreza e a falta de oportunidades conduziavam muitos para fora dos seus países. Longe de contemplarem os benefícios da prosperidade e da civilização, milhões de europeus simplesmente não podiam ver a hora de partirem. A emigração para os Estados Unidos da América atingiu o seu ponto alto em 1907, quando mais de um milhão de europeus atravessaram o Atlântico.

européus, que continuavam a ser influenciados pelas doutrinas revolucionárias de Karl Marx e Friedrich Engels:

Their attack on the innately exploitative nature of capitalism, and their propagation of a new society based upon equality and the fair distribution of wealth, had obvious and growing appeal for large numbers of the poor and deprived industrial working class. Attempts by ruling elites to proscribe or suppress worker parties and the growing trade unions had failed. Workers were now organizing the defence of their interests better than ever before.⁵ (Kershaw, 2016: 14)

Esta nova força dos trabalhadores acabou por se reflectir nos resultados eleitorais tanto na França como na Alemanha, dois dos países economicamente mais desenvolvidos da Europa, onde as novas forças socialistas, impulsionadas pela conquista de assentos parlamentares, privilegiaram a acção parlamentar à revolucionária. Também na Grã-Bretanha o Partido Trabalhista viria a optar por uma mensagem menos radical, defendendo que o capitalismo não precisava de ser derrubado, mas antes reformado em benefício dos trabalhadores. O mesmo se applicava ao poder do estado, que “could be transformed by peaceful means to represent working-class interests”⁶ (Kershaw, 2016: 15).

Uma das soluções encontradas pelas classes dominantes para se protegerem dos avanços de grupos de extrema-esquerda e, de forma complementar, para adquirirem mais apoio popular, foi a criação de grupos e movimentos populistas com o apoio de industriais e latifundiários: “They sought to ‘nationalize’ the masses, to instil in them assertive nationalist, imperialist and racist sentiments intended to benefit the political status quo.”⁷ (Kershaw, 2016: 15) Com o aumento da literacia e de jornais populistas a preços acessíveis, tornou-se mais fácil divulgar estas ideias, assim como expandir a retórica nacionalista, xenófoba e anti-semita de modo mais abrangente.

Ao mesmo tempo, a imprensa transformou-se num meio de persuadir a opinião pública a apoiar as medidas políticas, nomeadamente em matéria de política externa, embora não possamos atribuir exclusivamente à imprensa a responsabilidade pelas

⁵ O seu ataque ao capitalismo, que era explorador por natureza, e a sua propagação a uma nova sociedade baseada na igualdade e na justa distribuição da riqueza teve um apelo óbvio e crescente a largas camadas da classe trabalhadora industrial, pobre e desfavorecida. As elites tinham falhado nas suas tentativas de prescrever ou suprimir os partidos políticos e o crescente número de associações sindicais. Nunca antes os trabalhadores haviam organizado a defesa dos seus interesses.

⁶ Poderia ser transformado por meios pacíficos para representar os interesses das classes trabalhadoras.

⁷ Procuravam ‘nacionalizar’ as massas, incutir-lhes sentimentos de marcado nacionalismo, imperialismo e racismo.

decisões tomadas nos meios políticos e militares: “In these contexts, the press was the *instrument* of foreign policy, not its determinant. But this did not prevent policy-makers from taking the press seriously as an index of opinion.⁸” (Clark, 2013: 232)

Os judeus, que continuavam a ser representados como os assassinos de Jesus Cristo e recorrentemente acusados de serem os responsáveis pelas crises económicas e outros males que afectavam a sociedade, haviam conquistado a sua emancipação com a unificação da Alemanha em 1871. No entanto, o ódio aos judeus não se extinguiu por decreto nem desapareceu a imagem negativa que lhes era associada, um fenómeno explorado, por exemplo, por Ilse Losa em *O Mundo em que Vivi* (1943). Em outras partes do continente europeu, como na Rússia, a situação dos judeus era ainda mais grave, com o regime czarista a executar milhares de judeus em massacres sangrentos (*pogroms*) após a revolução falhada de 1905.

Embora o discurso anti-semita parecesse estar a abrandar nos anos que antecederam a Grande Guerra, muitas vezes metamorfoseava-se numa retórica de índole conservadora e nacionalista. (Kershaw, 2016: 19) No início do séc. XX, a retórica nacionalista não era encarada de forma negativa, mas a necessidade de auto-preservação das elites detentoras do poder acabou por lançar a semente para o surgimento de movimentos e partidos mais radicais que, mais tarde, viriam a determinar um novo curso na história da Europa e do mundo. A imagem desfavorável do inimigo era utilizada com o intuito de exaltar os ânimos e gerar ódios racistas, o que fortaleceu organizações como a Liga Pangermânica, que encontrava apoios entre as classes média e baixa e defendia uma política externa mais assertiva e expansionista. (Kershaw, 2016: 17)

Aliado a este fenómeno, o cepticismo sentido nos países europeus em relação aos seus vizinhos conduziu a uma maior militarização e à corrida ao armamento por parte de países como a Alemanha e a Rússia, que, assim, procuravam afirmar-se no contexto geopolítico europeu. Em parte, isto devia-se à instrumentalização da imprensa pelos governantes, que assim aproveitavam para conquistar influência e simpatias: “In areas where the European powers competed for local influence, the use of subsidized press organs to win friends and discredit the machinations of one’s opponents was commonplace.⁹” (Clark, 2013: 232)

⁸ A imprensa era o *instrumento* de política externa, não aquilo que a determinava. Mas isto não evitava que os decisores políticos a encarassem com seriedade enquanto barómetro de opinião.

⁹ Em zonas onde as potências europeias competiam por influência local, o uso de órgãos de imprensa subsidiados para conquistar amizades e desacreditar as intrigas dos adversários era prática comum.

O alargamento do recrutamento na Alemanha, na Rússia e na França gerou alarme nos seus adversários e fez com que eles, por sua vez, também recorressem a uma maior mobilização de tropas. Kershaw aponta um aumento das despesas com a defesa e o armamento na ordem dos 30% na Alemanha e 50% na Rússia entre 1911 e 1913 (Kershaw, 2016: 27). Milhões de homens preparavam-se para a eventualidade de um conflito: “At full mobilization, Russia’s army comprised 3.5 million men, Germany’s 2.1 million, France’s 1.8 million, and Austria-Hungary’s 1.3 million.”¹⁰ (Kershaw, 2016: 28)

A complexidade das relações de poder dentro de cada país e, sobretudo, entre as diferentes nações, foi outro factor que contribuiu para desestabilizar a convivência entre as potências, levando a que poucos governantes tivessem tido o discernimento suficiente para aferir a situação política europeia: “The policy oscillations and mixed signalling that resulted made it difficult, not just for historians, but for statesmen of the last pre-war years to read the international environment.”¹¹ (Clark, 2013: 239)

Por outro lado, poucos acreditavam que a Europa se veria confrontada com uma guerra generalizada, mas antes um conflito rápido e preventivo que anulasse o inimigo e consolidasse o poder dos vencedores. Talvez por terem consciência do potencial destrutivo da tecnologia militar da época, os líderes europeus ainda tentaram chegar a uma solução pacífica para a crise originada pelo assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, mas a garantia de apoio incondicional ao Império Austro-Húngaro por parte da Alemanha (o chamado “cheque em branco”) precipitou os acontecimentos e encorajou a Áustria-Hungria à intransigência na resolução da contenda.

A garantia alemã teve por base a convicção de que “[...] limited action against Servia would swiftly follow as punishment for the murder by Serbian nationalists of the heir to the Austrian throne, Archduke Franz Ferdinand, and his wife, Sophie, during a state visit to Sarajevo on 28 June.”¹² (Kershaw, 2016: 24) Este apoio, que permitiu à Áustria-Hungria impor à Sérvia condições tão severas que eram quase impossíveis de satisfazer, é frequentemente apontado como o grande impulsionador da Grande Guerra.

Combinando as suas ambições de se tornar a potência dominante na Europa com um medo crescente da ascensão e hegemonia da Rússia, a Alemanha arriscou um conflito

¹⁰ Se totalmente mobilizados, o exército russo era composto por 3,5 milhões de homens, o da Alemanha, por 2,1 milhões, o da França, por 1,8 milhões e o da Áustria-Hungria, por 1,3 milhões.

¹¹ As oscilações das políticas e os sinais contraditórios delas resultantes tornavam difícil fazer uma leitura do ambiente internacional, não apenas para os historiadores, mas também para os estadistas.

¹² A acção circunscrita contra a Sérvia seguir-se-ia de forma rápida, como castigo pelo assassinato do herdeiro ao trono austríaco, o Arquiduque Francisco Ferdinando, e da sua mulher, Sophie, às mãos dos nacionalistas sérvios, durante uma visita a Sarajevo a 28 de Junho.

européu generalizado. Já a Áustria-Hungria estava disposta a conduzir o continente a uma guerra para evitar a perda do seu controlo sobre os Balcãs e a desintegração do império, mesmo sabendo que o Império Russo iria apoiar os sérvios para contrariar as pretensões austríacas. Por sua vez, o intrincado sistema de alianças entre as nações europeias do início do séc. XX contribuiu para o envolvimento no conflito de potências como a França e a Grã-Bretanha, mas é de salientar que, de acordo com Kershaw, a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Rússia constituíram as forças decisivas na crise e foram os grandes responsáveis pela primeira Guerra Mundial:

The high-risk strategy of Germany, Austria-Hungary and Russia – the willingness to escalate rather than to calm an essentially local conflict even if it meant a full-scale European war to serve their respective aims of power-politics – ultimately caused the catastrophe of 1914. And of those three powers, as noted, Germany bears especial responsibility.¹³ (Kershaw, 2016: 25)

Na Alemanha, Helmut von Moltke, Chefe do Estado-Maior, já havia defendido em 1912 que a guerra na Europa seria inevitável e que, por isso, o país deveria envolver-se no conflito enquanto estivesse em posição de o vencer, o que significava que o melhor seria fazê-lo antes que a Rússia concluísse o seu programa de armamento, previsto para 1916 ou 1917. Apesar das tentativas de Moltke no sentido de convencer os decisores políticos a enveredar pela beligerância, o Kaiser parecia entrar em pânico de cada vez que surgia uma ameaça séria de um conflito e recomendava cautela aos generais, o que constituía uma fonte de frustração para os mesmos (Clark, 2013: 334). Moltke chegou a sugerir que a imprensa agitasse os sentimentos da opinião pública contra os russos, para garantir o apoio popular quando a guerra efectivamente eclodisse. (Kershaw, 2016: 31)

Por seu turno, o Chanceler alemão, Theobald von Bethmann-Hollweg, chegou a prever em 1914 que, ao contrário do que muitos calculavam, a guerra no continente europeu seria extremamente destrutiva e que, ao invés de aniquilar a influência dos social-democratas e a sua ameaça à estrutura social existente, iria, de facto, fortalecê-la. Apesar de, em Julho de 1914, Bethmann-Hollweg ainda ter tentado uma via pacífica para a crise, predominava a influência de Moltke, que argumentava que, perante a ascensão do império

¹³ A estratégia de alto risco da Alemanha, Áustria-Húngria e Rússia – a vontade de escalar em vez de acalmar um conflito de cariz essencialmente local, mesmo que isso acarretasse uma guerra europeia de grande alcance para servir os respectivos objectivos da política do poder – causou, em última análise, a catástrofe de 1914. E, dessas três potências, cabe à Alemanha especial responsabilidade.

russo, a Alemanha ficaria fragilizada e cercada a oeste pela França, aliada da Rússia. (Kershaw, 2016: 31)

Um conflito que levasse ao enfraquecimento da Alemanha na Europa era do interesse da França, que assegurou o apoio à Rússia durante a visita de estado do presidente francês e do primeiro-ministro a São Petersburgo entre 20 e 23 de Julho de 1914, facto que encorajou os russos a endurecerem a sua posição em relação à Áustria-Hungria na crise dos Balcãs e a decidir-se, primeiro em segredo, por uma mobilização parcial do exército e das frotas da marinha no Báltico e no Mar Negro. A 28 de Julho, o império austro-húngaro declara guerra à Sérvia e, a 29, os líderes russos anunciaram a mobilização geral das suas tropas. (Kershaw, 2016: 35)

Aproveitando a mobilização russa como argumento para legitimar o avanço da Alemanha e obter o apoio político à intervenção alemã na guerra por parte dos social-democratas, que incluíam nas suas hostes membros de movimentos pacifistas, os líderes alemães conseguiram passar a ideia de que o país se via forçado a aderir ao conflito para se defender da hegemonia russa (Kershaw, 2016: 35). Assim, a Alemanha declarou guerra à Rússia a 1 de Agosto, dia em que a França se mobilizou em apoio à Rússia e, a 3 de Agosto, a Alemanha declarou guerra à França.

Já a Grã-Bretanha, que, das grandes potências europeias, era aquela que teria menos a ganhar com uma guerra no centro da Europa, receava, por um lado, os efeitos desastrosos de um conflito alargado no continente e, por outro, o domínio europeu por parte da Alemanha, com a consequente perda de poder e influência dos britânicos (Kershaw, 2016: 36). Não estando disposta a arriscar a sua posição de grande potência, e uma vez que as tropas alemãs haviam cruzado a fronteira com a Bélgica, acabaria por apresentar um ultimato à Alemanha para que respeitasse a neutralidade belga, exigência que não foi satisfeita e levou a que os ingleses declarassem guerra à Alemanha a 4 de Agosto. Curiosamente, a Áustria-Hungria foi a última grande potência a aderir ao conflito, declarando guerra à Rússia a 6 de Agosto, enquanto a França declarou guerra ao império austro-húngaro a 11 e a Grã-Bretanha, a 12 de Agosto.

A crença de que a guerra era justificada e que seria breve expandiu-se para fora das classes dominantes e estendeu-se a largas camadas da população das cidades europeias (Kershaw, 2016: 39), desencadeando um entusiasmo pela entrada num conflito visto como necessário para a defesa da nação e afirmação geopolítica. Multidões em júbilo celebraram nas ruas de Viena, Berlim e outras cidades alemãs, bem como em São

Petersburgo e Paris, uma atitude que Kershaw atribui à vigorosa propaganda nacionalista da época:

At the root of such extraordinary emotions, years of nationalist indoctrination in schools and universities, during military service, in patriotic organizations and lobby-groups, and in the popular press had done their job. In the upper and middle classes, especially, and among intellectuals and students, nationalist fervour was widely prevalent. For many, too, war was welcomed as national regeneration, as a liberation from the perceived moral decadence of contemporary society.¹⁴ (Kershaw, 2016: 40)

Porém, este apoio verificava-se sobretudo nas grandes cidades. Tanto entre operários como trabalhadores do campo, predominava a angústia perante a ameaça da guerra e o desejo que a paz triunfasse (Kershaw, 2015: 41). A questão é que, antes como agora, as decisões desta natureza não são tomadas pelos milhões de combatentes que sacrificam a sua vida em combate, mas por esferas de poder longe dos campos de batalha. E na Europa de antes da Primeira Guerra Mundial, por influência das imagens negativas do inimigo que circulavam em cada um dos países que viriam a envolver-se no conflito, difundiu-se uma noção de que a guerra era necessária, preventiva e defensiva. Assim, mesmo grupos associados aos partidos socialistas e aos sindicatos, muitos de tendência pacifista e apologistas do internacionalismo, foram convencidos da premência do conflito.

What won supporters of international socialism to back nationalistic war was the belief that the war was defensive, and unavoidable. It was seen as a war that had reluctantly to be fought – and for freedom, not imperialist domination. [...] Workers were ready to fight – and die – for their country alongside their compatriots and Allies in what they saw as a righteous self-defence against aggression from foreign enemies.¹⁵ (Kershaw, 2016: 41-42)

¹⁴ Na base de emoções tão extraordinárias, anos de doutrinação em escolas e universidades, durante o serviço militar, em organizações patrióticas, grupos de pressão e na imprensa popular tinham feito o seu trabalho. Particularmente nas classes média e alta e entre intelectuais e estudantes, o fervor nacionalista era amplamente dominante. Para muitos, também, a guerra era acolhida como uma forma de regeneração social, uma libertação do que se entendia ser a decadência moral da sociedade contemporânea.

¹⁵ O que conduziu ao apoio à guerra nacionalista por parte do socialismo internacional foi a convicção que a guerra era defensiva e inevitável. Era considerada uma guerra que tinha de ser travada, ainda que de forma relutante – e pela liberdade, não pelo domínio imperialista. [...] Os trabalhadores estavam dispostos a lutar – e morrer – pelo seu país, ao lado dos seus compatriotas e aliados, no que entendiam ser uma auto-defesa justificada contra inimigos estrangeiros.

Apesar de os social-democratas terem organizado manifestações contra a guerra em muitas cidades alemãs no final de Julho de 1914, os seus líderes também afirmavam estar contra o avanço da Rússia e do czarismo e dispostos a combater o inimigo em defesa da pátria. A situação viria a definir-se de forma mais clara quando, após a declaração de guerra à Rússia na sequência da mobilização, a Alemanha obteve o apoio dos socialistas: “Strikes were halted, pacifists and internationalists forced into exile.”¹⁶ (Kershaw, 2016: 42)

Um factor que poderá explicar esta intensa adesão à guerra por parte da sociedade civil é a disseminação de valores tradicionais prussianos, como o dever para com o estado e o monarca e as tradições da ordem e disciplina que eram transmitidos em casa e, acima de tudo, na escola: “The national system of public education, which had been centralized in Berlin in 1871, formed the most important conduit for the inculcation of nationalist ideas in young minds.”¹⁷ (Linder, 1996: 35) As reformas implementadas no ensino secundário a partir da última década do séc. XIX visavam, por um lado, uma modernização do sistema educativo e, por outro, a propagação do nacionalismo romântico ao currículo (Linder, 1996: 36). O próprio *Kaiser* havia encorajado a implementação de uma linha orientadora no sistema de ensino que lhe garantisse um carácter “uniformly German, national and patriotic”¹⁸ (Linder, 1996: 36), facto que aponta para uma sociedade ainda marcada pelo exercício do poder e pela glória monárquicos.

Não nos podemos alhear da influência que teve na Alemanha Guilhermina o “nacionalismo de conotações xenófobas do romantismo político alemão, com o seu culto das origens étnicas, da pureza originária alemã, a sua glorificação do Estado e da comunidade contra os modelos liberais” (Opitz, 1998: 253). Acreditava-se que a nação seguia um *Sonderweg*, ou seja, um percurso especial ou uma via específica (Opitz, 1998: 253), uma ideia que se prolongou ao longo do séc. XIX e estendeu até ao início do séc. XX.

Until the end of the First World War – and indeed for Germans of a conservative inclination, until the end of Second World War – the German *Sonderweg* posited a positive model of development, buttressing the Second Empire with an aura of spiritual legitimacy and historical continuity, and supplying conservatives of the Weimar Republic with persuasive arguments for rejecting “alien” forms of

¹⁶ As greves foram suspensas, pacifistas e internacionalistas foram forçados a exilar-se.

¹⁷ O sistema nacional de educação pública, que havia sido centralizado em Berlim em 1871, formava o mais importante canal de transmissão de ideias nacionalistas às mentes jovens.

¹⁸ Uniformemente alemão, nacional e patriótico.

republicanism. After the collapse of 1945, the *Sonderweg* was seen only in a negative light.¹⁹ (Linder, 1996: 22)

Imbuídos deste espírito e apoiados em noções defendidas por Friedrich Nietzsche, Johann Gottlieb Fichte e *Turnvater Jahn*, os responsáveis pela educação na Alemanha do início do séc. XX preconizavam que, sobretudo no ensino secundário (*Gymnasium*), a formação do indivíduo deveria incluir valores que lhe permitissem tornar-se num bom cidadão e num bom soldado. Os estudantes eram incentivados, muitas vezes pressionados, a voluntariar-se para o serviço militar, após o qual se tornavam oficiais na reserva, posição socialmente muito considerada. Como nota Linder, “the authority of the school teacher, especially the secondary school professor, was very broad”²⁰ (Linder, 1996: 38).

Esta atitude encontra-se retratada em *Im Westen Nichts Neues*, de 1929, nos excertos em que Paul Bäumer, o protagonista reflecte sobre o incentivo do professor Kantorek para que os seus alunos se alistassem como voluntários, uma influência tão veemente que levou a que todos os alunos da turma assim o fizessem. Assim se pode reconhecer o domínio dos pedagogos do Reich, que, no seu patriotismo exacerbado, instilavam nos jovens a crença de que a *luta* era inerente à vida individual e nacional e, juntamente com a guerra, era elevada a um nível de necessidade metafísica e nacional, o que convertia a guerra num acto de necessidade da nação. O estatuto privilegiado do professor conferia-lhe o poder de inspirar nos jovens o respeito pelo poder e pela autoridade, pelo heroísmo da guerra e pela ideia da nação como um valor absoluto (Linder, 1996: 39).

This education for war worked primarily through the commitment to war as a necessary part of the natural order of things and through the omnipresent of German nationalism. Students bombarded at home and in the classroom with the traditional chauvinism of the Wilhelmine bourgeois and mythical images of the glory of war supplemented their Romantic nationalism with the *völkisch* ideas of the youth movement, especially those of the Wandervögel.²¹ (Linder, 1996: 40)

¹⁹ Até ao final da Primeira Guerra Mundial – e, de facto, para os alemães de tendência conservadora, até ao final da Segunda Guerra Mundial – o *Sonderweg* alemão postulava um modelo positivo de desenvolvimento, permitindo ao Segundo Império apoiar-se numa aura de legitimidade espiritual e continuidade histórica e fornecendo aos conservadores da República de Weimar argumentos persuasivos para a rejeição de formas “estranhas” de republicanismo. Após o colapso de 1945, o *Sonderweg* passou a ser encarado apenas por um ângulo negativo.

²⁰ A autoridade do professor, sobretudo o do ensino secundário, era muito ampla.

²¹ Esta educação para a guerra impunha-se sobretudo através do compromisso para a guerra como parte da ordem natural das coisas e da omnipresença do nacionalismo alemão. Os estudantes, bombardeados em casa e na sala de aula com o chauvinismo tradicional das imagens burguesas e míticas da glória da guerra

Tendo em conta o acesso à informação originado pela grande circulação de ideias através da imprensa, o aumento da literacia nos países europeus e as poderosas máquinas de propaganda nacionalista, expansionista e xenófoba, não nos podemos surpreender com a veiculação de uma imagem da Alemanha militarista, imperialista e chauvinista que permeou a opinião pública europeia no primeiro quartel do séc. XX, ainda que essas sejam imagens estereotipadas e que estão longe de representar a nação alemã e o seu povo. Christopher Clark explica como, nos países europeus, a imprensa era instrumentalizada não só para formar a opinião pública, mas também para veicular ideias e representações que poderiam favorecer o poder e enfraquecer a imagem de países inimigos:

Semi-official newspapers and ‘inspired’ articles planted in the domestic press to test the climate of opinion were familiar tools of continental diplomacy. Inspired journalism masqueraded as the autonomous expression of an independent press, but its effectiveness depended precisely on the suspicion among readers that it emanated from the seat of power.²² (Clark, 2013: 230).

O recurso a representações de carácter negativo, aliado ao escalar do potencial bélico da Alemanha, à sua participação na Primeira Guerra e, posteriormente, à ascensão de Hitler e do nacional-socialismo que culminaram na catástrofe da Segunda Guerra Mundial, manifestou-se (e ainda se manifesta) em diferentes meios de comunicação, desde a literatura ao cinema. São alguns exemplos a série de banda desenhada *Maus* (Art Spiegelman, 1980-1991), o romance satírico *Slaughterhouse-Five, or The Children's Crusade: A Duty-Dance with Death* (Kurt Vonnegut, 1969) e os filmes *The Great Dictator* (Charlie Chaplin, 1930) e *Inglorious Basterds* (Quentin Tarantino, 2009).

Também a forma determinada como as tropas alemãs enfrentaram as batalhas na Frente Ocidental, nos campos da Bélgica e da França (Marne, Verdun, Somme), a sua resistência aos avanços dos russos na Frente Oriental, o recurso a alvos civis, aliados às novas tecnologias implementadas em combate (artilharia pesada, metralhadoras, morteiros, granadas, submarinos, tanques e gás tóxico) garantiram que a imagem da

características da época Guilhermina, complementavam o seu nacionalismo romântico com ideias étnicas (*völkisch*) provindas do movimento de juventude, especialmente as do Wandervögel.

²² Jornais semi-oficiais e artigos ‘inspirados’ que eram colocados na imprensa nacional para testar em que sentido estava a opinião constituíam instrumentos familiares na diplomacia continental. O jornalismo inspirado fazia-se passar pela expressão autónoma duma imprensa independente, mas a sua eficácia dependia precisamente da suspeita entre os leitores de que ele emanava das sedes do poder.

Alemanha ficasse associada ao ódio e à luta sangrenta e cruel e terão, certamente, contribuído para cimentar a imagem nacionalista, militarista e imperialista que há muito circulava nos países inimigos.

Com o final da guerra e o Armistício baseado no programa de Catorze Pontos elaborado pelo presidente americano Woodrow Wilson, o povo alemão poderia ter esperado um período de acalmia e recuperação, mas as condições severas do Tratado de Versalhes depressa provocaram nos alemães um sentimento de desilusão e revolta por se sentirem injustiçados e explorados pelos seus opositores. Ou seja, após quatro anos de sacrifícios, de carnificina na Frente Ocidental e de perdas incalculáveis em termos humanos e materiais, a população alemã viu-se confrontada com um novo tipo de luta, desta vez contra o desrespeito dos Aliados pelas dificuldades do país. Além disso, os responsáveis militares haviam passado a ideia de que as tropas alemãs não haviam sido derrotadas no campo de batalha, mas antes que as negociações de paz haviam constituído uma traição por parte dos social-democratas e outras forças políticas que exigiam a implementação de um regime parlamentar democrático.

Os ódios populares eram acicatados pela propaganda estatal e a hostilidade das populações contra os capitalistas que financiavam a guerra eram palpáveis. Também o ódio racial, sobretudo contra os judeus, era inflamado e eram-lhes atribuídas variadas falhas que iam desde acusá-los de serem exploradores das massas e o rosto do capital, passando pelo assassinato de Cristo e pela responsabilidade do aparecimento do bolshevismo e da revolução (Kershaw, 2016: 78). Associado à discriminação e ao preconceito vigente relativamente ao povo judeu, este tipo de discurso era gerador de mais ódio e ressentimento numa época em que as populações se debatiam com as dificuldades económicas decorrentes da guerra e dos termos de Versalhes.

A turbulência política, social e económica surgida na Alemanha no final da guerra, a abdicação do Kaiser e a instauração da chamada República de Weimar, o desaparecimento da jovem geração de homens que havia morrido ou ficara ferida na guerra, o desemprego e as dificuldades decorrentes da hiper-inflação contribuíram para um descontentamento generalizado da população e para o fortalecimento de forças políticas mais radicais, tanto à direita como à esquerda. A propaganda baseada em imagens estereotipadas dos inimigos continuou a contribuir para a culpabilização de outras nacionalidades e etnias, como foi o caso do povo judeu, que, no auge da crise económica e financeira, se transformou no bode expiatório ideal, como podemos constatar na leitura de *O Mundo em que vivi* de Ilse Losa.

Os anos da República de Weimar (1918-1933) foram marcados pela contestação pelos extremistas de direita e de esquerda, que acusavam as forças republicanas, liberais e democráticas de traição por terem aceitado as condições de Versalhes e a imposição de reparações de guerra e a divisão do território. Nas eleições de 1925, 1930 e 1932, a extrema esquerda e a extrema direita conseguiram reunir a maioria dos assentos do Reichstag e ambas as partes pretendiam aniquilar a democracia na Alemanha (Schwarz, 1975: 8).

2. Experiências de guerra na literatura

Nos anos do pós-guerra, a vida na Alemanha e a literatura foram marcadas pelo surgimento de duas correntes: a corrente militarista, cujo expoente máximo e encontra representado na obra *In Stahlgewittern*, de Ernst Jünger (1920), que defendia ideais de autoridade, militarismo, nihilismo e nacionalismo e advogava a renúncia aos valores individuais em benefício de ideais etnocêntricos que Hitler aproveitou para tomar o poder; a corrente de tendência pacifista, nas quais se incluíam autores como Hermann Hesse, Carl von Ossietzky, Kurt Tucholsky e o próprio Erich Maria Remarque, que defendia a denúncia do militarismo e da guerra (Schwarz, 1975:7-8).

A partir do final dos anos 20, surge na Alemanha um conjunto de livros que abordam a primeira guerra do ponto de vista literário. São obras que procuram mostrar a realidade dos campos de combate e atestar a “verdade” e a “realidade” (Rüter, 1980: 9) tal como elas aconteceram. Em 1929 surge um romance que se transformou num inaudito sucesso ao nível do público e que se converteu num objecto de extraordinária discussão literária e política: *Im Westen nichts Neues*, de Erich Maria Remarque. Até aos nossos dias, continua a exercer grande fascínio sobre os leitores, ao contrário dos romances de guerra que se lhe seguiram. É mesmo considerado um dos maiores sucessos literários a nível internacional.

A juntar ao sucesso editorial, o livro foi quase de imediato adaptado ao cinema pelo realizador Lewis Milestone, que em 1930 foi premiado com o Oscar para o melhor filme por *All Quiet on the Western Front*, facto que, certamente, também terá contribuído para a popularização deste romance. Já em 1979, foi adaptado por Delbert Mann para um telefilme. A título de curiosidade, note-se como o próprio nome da obra se converteu numa espécie de expressão idiomática de uso frequente.

Não é por acaso que o romance de guerra é muitas vezes associado ao aspecto comercial e à literatura trivial, de massas. Este género é muito apreciado pelo público (os livros com mais sucesso foram rapidamente adaptados ao cinema). Em círculos literários não são muito considerados (Rüter, 1980: 9). A importância de Remarque, ainda que se questione a qualidade literária da sua obra, reside na sua denúncia da violência da guerra e da destruição que o conflito provocou na vida pessoal, social e cultural da Alemanha e da Europa.

Também *O Golpe de Misericórdia*, de Marguerite Yourcenar (1939), se debruça sobre eventos decorrentes da Primeira Guerra Mundial, embora sob uma perspectiva

diversa da de Remarque. Na sequência do enfraquecimento das posições russas a Leste, foi negociado um tratado entre as Potências Centrais e o Império Russo (Tratado de Brest-Livosk), que determinou a retirada à Rússia de vastas áreas que incluíam o Báltico, a Ucrânia, o Cáucaso e a região da Polónia sob o domínio russo. A região do Báltico ficou sob o domínio da Alemanha, mas os intensos confrontos entre os russos vermelhos (bolshevistas) e os russos brancos, apoiantes da monarquia, e o clima de guerra civil, por um lado, e, por outro, a situação de crise vivida na Alemanha após o final da guerra provocaram naquela região a instabilidade focada por Yourcenar em *O Golpe de Misericórdia*.

Já *O Mundo em que Vivi*, publicado apenas em 1943, abrange um período de tempo mais alargado, pois os eventos narrados estendem-se por um período que decorre entre a Primeira Guerra até à subida de Adolf Hitler ao poder, em 1933. Pode-se considerar que esta é a obra que nos apresenta uma perspectiva mais abrangente do ponto de vista deste estudo, pois não só nos apresenta uma visão da Alemanha durante e após a guerra, como, centrando-se no binómio identidade-alteridade, nos revela como os judeus foram alvo de discriminação nesse período e que culminou no negro período do Terceiro Reich.

2.1. Erich Maria Remarque, *Im Westen nichts Neues* [A Oeste nada de novo] (1929)

Im Westen nichts Neues, romance publicado em 1929 por Erich Maria Remarque, apresenta-nos uma visão crítica da guerra transmitida pelo relato do narrador autodiegético Paul Bäumer, um jovem alemão combatente na Primeira Guerra Mundial. A narrativa centra-se, sobretudo, no último ano do conflito, embora sejam feitas referências a acontecimentos que remontam até 1916, através do recurso à analepse e à prolepse. É de sublinhar que estamos perante um relato ficcional sobre um contexto factual/histórico, e não um relato ou documentário, que se tornou comum sobretudo após a Segunda Guerra Mundial e de que é exemplo *Se Isto é Um Homem*, publicado por Primo Levi em 1947.

Neste sentido, o autor começa por esclarecer numa nota prévia [*Vorwort*] que esta obra não constitui nem uma acusação, nem uma confissão, mas apenas uma tentativa de apresentar um relato sobre uma geração destruída pela guerra, incluindo aqueles que escaparam à morte:

Dieses Buch soll weder eine Anklage noch ein Bekenntnis sein. Es soll nur den Versuch machen, über eine Generation zu berichten, die vom Kriege zerstört wurde – auch wenn sie seinen Granaten entkam.²³ (Remarque, 2014: 5)

Esta nota inicial sublinha a intenção do autor de se cingir à narração de factos ocorridos durante a guerra que afectaram toda uma geração de combatentes e marcaram as gerações seguintes, postulando, desse modo, o carácter universal do seu conteúdo. (Rüter, 1980: 65) Assim, a narrativa na primeira pessoa (singular e plural) tem o efeito de uma espécie de diário de guerra ou uma reportagem, conferindo ao relato maior credibilidade e uma relação que se supõe mais estreita com os factos a que se reporta. O recurso quase constante ao pronome pessoal «nós» [*wir*] assume, do início ao fim da diegese, uma função de representação do grupo de combatentes, não se limitando ao destino individual de Paul Bäumer. Esse pronome é utilizado para referir o grupo mais restrito de Paul e dos seus três colegas de escola, bem como o núcleo desses quatro colegas mais quatro soldados de quem são próximos. Em certos episódios do texto, este

²³ Este livro não deverá constituir uma acusação nem uma confissão. Deverá apenas tentar contar sobre uma geração que foi destruída pela guerra – mesmo que tenha escapado às suas granadas.

pronome poderá alargar-se à segunda companhia e, num sentido mais lato, a todos os que participam activamente na guerra. (Remarque, 2014: 69). No entanto, a falta de dados concretos relativos, por exemplo, a lugares e datas, enfatiza o carácter subjectivo da obra, que se concentra na apresentação do aspecto pessoal e de cenas do quotidiano da guerra em detrimento de uma perspectiva histórica, ao mesmo tempo que traz ao de cima o seu carácter universal e o seu valor intemporal.

2.1.1. O ponto de vista do soldado: O absurdo da guerra

A narrativa não se estrutura de forma linear, o que confere ao romance um carácter fragmentário que muitas vezes se assemelha à técnica de edição cinematográfica (Rüter, 1980: 77), com cortes repentinos e mudanças de cenário e de tom. Também em termos cronológicos, os episódios são narrados muitas vezes sem referências temporais, ou, quando as há, são feitas de forma vaga, predominando, de acordo com Rüter, a dissonância e a desarmonia na combinação das sequências narrativas (Rüter, 1980: 77). Esta fragmentação da estrutura narrativa contribui para acentuar a noção de clivagem entre passado e presente, entre o que é a guerra na frente ocidental. O título remete para um “lugar de memória” e o que dela se pensa na Alemanha, entre o real e o imaginado, que impregna toda a obra, como adiante se procurará demonstrar. A título de curiosidade, é de acrescentar que o filme de 1930 *All quiet on the Western Front*, baseado no romance de Remarque e realizado por Lewis Milestone (tendo-lhe sido atribuído o Oscar para o melhor filme), reordena os episódios e segue uma estrutura cronológica sequencial e linear.

É pela voz de Paul Bäumer que o leitor fica a saber que ele e os colegas de escola se alistaram no exército como voluntários, influenciados pelos discursos patrióticos do seu professor, Kantorek, e alimentados pela ânsia de defender o país. Este episódio reflecte a perversidade do sistema educativo alemão, em que aos professores, na sua posição de autoridade, incitavam os jovens a oferecer-se para o combate em defesa da pátria e pressionavam os seus alunos para que se fizessem bons soldados e, cumprindo o seu dever, dessem o seu contributo à nação.

Paul e os colegas deixaram os bancos da escola para ingressarem na recruta com o rigoroso cabo Himmelstoß²⁴, que depressa os obrigou a desempenhar tarefas “menores” (montar a cama do cabo catorze vezes seguidas, engraxar as suas botas durante 20 horas, retirar a neve que cobria o pátio com uma vassoura e uma pá de lixo) e submeteu a duros castigos, o que acabou por confrontar Paul e os seus companheiros com a sua inexperiência e falta de conhecimento sobre o que é, realmente, a guerra que se preparavam para travar. Durante a recruta, os jovens são obrigados a realizar trabalhos que, disfarçados de exercícios disciplinadores, mais têm de humilhação e subjugação por parte dos representantes da autoridade do que de preparação para as situações com que terão de lidar em combate, numa descrição nítida do que Erich Fromm designava de *autoritärer Charakter* (carácter autoritário) dos alemães. Após esse período, são deslocados para a Frente Ocidental, para território francês, onde o choque com a realidade será o seu supremo instrutor.

Só na linha da frente é que os soldados mais velhos e experientes da companhia, como Stanislaus Katzinsky (“Kat”), transmitem as informações e os ensinamentos realmente essenciais sobre os bombardeamentos aéreos, os ataques com gás e a utilização do terreno para protecção do indivíduo. Forma-se uma relação estreita e cúmplice entre os membros do grupo, que se vai desmembrando devido às mortes decorrentes da intensificação do conflito com recurso às inovações utilizadas na Grande Guerra, como os gases tóxicos e os bombardeamentos aéreos. É o caso de Kemmerich, um dos mais íntimos amigos de Paul que, no início da narrativa, morre no hospital de campanha onde se encontrava internado. As mortes em combate levam Paul e os companheiros a tecer longas considerações sobre o efeito que a guerra tem no homem e a antecipar um futuro negro para aqueles que lhe sobreviverem. O que ajuda a suportar a guerra é o espírito de camaradagem e a cumplicidade que se cria entre os soldados.

Quando lhe é concedida uma licença de dezassete dias, Paul viaja para a Alemanha, onde visita a família que vive numa situação de fragilidade económica devido à escassez provocada pelos sacrifícios impostos aos alemães em prol da guerra. É o espaço casa que lhe proporciona um confronto com a mudança que se operou em si a partir do momento em que partiu para a guerra, é em casa que o jovem se apercebe da distância que separa o Paul que partiu do Paul que regressa. A comunicação com a família tornou-se quase impossível, uma vez que o soldado é incapaz de se abrir e contar as situações

²⁴ Note-se a carga irónica do nome do cabo: *Himmelstoß* significa, literalmente, empurrão para o céu, o que parece sugerir que a recruta é mais um passo no caminho para a morte dos jovens.

extremas com que se debateu na Frente. Limita-se a esperar que o tempo passe, enquanto circula pela cidade e conversa com algumas pessoas que o incentivam a lutar pela Alemanha.

De regresso à Frente, Paul é ferido em combate, pelo que tem de ser deslocado para um hospital instalado num mosteiro, ficando os soldados feridos sob a supervisão das religiosas. Após a sua recuperação, regressa à frente de combate, onde a falta de comida, os reforços e as munições são cada vez mais escassos. As tropas alemãs são alvo de ataques duríssimos, pelo que as companhias, nomeadamente a de Paul Bäumer, vão sendo deslocadas no terreno para suprirem as faltas, ao mesmo tempo que se tornam cada vez menos numerosas por causa da brutalidade dos ataques que provocam uma verdadeira carnificina.

É durante um destes ataques que Katzinsky, o mais velho e experiente soldado, é ferido e levado por Paul até um hospital de campanha, mas não resiste aos ferimentos e morre nos braços do companheiro. A partir de então, Paul fica completamente sozinho e desamparado, acabando por morrer serenamente num dia igualmente calmo e silencioso de Outubro de 1918, já quase no fim da guerra, e é encontrado caído “*wie schlafend an der Erde*” [*como que adormecido sobre a terra*] (Remarque, 2014: 259). Nesse dia, a única mensagem enviada da Frente foi que “*im Westen sei nichts Neues zu melden*” [a Oeste, nada de novo a reportar]. O relato da morte de Paul Bäumer, na última página, constitui a única parte do romance que não é narrada na primeira pessoa, mas por um narrador desconhecido, heterodiegético.

Paul parece ter encontrado na morte a paz por que ansiou nos seus últimos anos de vida: „Als man ihn umdrehte, sah man, daß er sich nicht lange gequält haben konnte; – sein Gesicht hatte einen so gefaßten Ausdruck, als wäre er beinahe zufrieden damit, daß es so gekommen war.“²⁵ (Remarque, 2014: 259) Assim acaba a história de Paul e, com ele, a de milhares de soldados que se envolveram num conflito que não compreendiam e para o qual não estavam preparados. Paul Bäumer representa uma geração de homens que se alistaram na guerra para defender a sua pátria e que se depararam com uma realidade tão dura e incompreensível que eram incapazes de a revelar à própria família, a chamada “geração perdida” daqueles que se fizeram homens na mais dura das guerras.

Muitos dos soldados da companhia de Bäumer são jovens de classe média que saíram dos bancos da escola para entrarem nos campos de recruta. Alguns, como Müller,

²⁵ Quando o viraram, constataram que não poderia ter sofrido por muito tempo; - o seu rosto tinha uma expressão composta, quase parecendo feliz por as coisas terem acontecido assim.

ainda se preocupam com a continuação dos estudos e com os exames que poderão vir a ter de realizar quando a guerra terminar. Raramente têm qualquer experiência profissional ou sexual. Alistaram-se como voluntários, convencidos pelos exacerbados discursos nacionalistas do seu professor, Kantorek.

Paul Bäumer apresenta os seus companheiros logo no início do romance, quando o grupo se enfileira à espera do almoço:

An der Spitze natürlich die Hungrigsten: der kleine Albert Kropp, der von uns am klarsten denkt und deshalb erst Gefreiter ist; – Müller V, der noch Schulbücher mit sich herumschleppt und vom Notexamen träumt; [...] – Leer, der einen Vollbart trägt und große Vorliebe für Mädchen aus den Offizierspuffs hat; [...] – und als vierter ich, Paul Bäumer. Alle vier neunzehn Jahre alt, alle vier aus derselben Klasse in den Krieg gegangen.²⁶ (Remarque, 2014: 8)

Além destes, fazem parte da companhia Tjaden, um serralheiro da mesma idade, magro e comilão, Haie Westhus, mais velho, um *Torfstecher* (extractor de turfa) que pensa sobretudo em mulheres, Detering, um agricultor que vive preocupado com a sua quinta e a mulher que lá deixou, e Stanislaus Katczinsky que, com a experiência dos seus quarenta anos e um apurado sexto sentido – “einer wunderbaren Witterung für dicke Luft, gutes Essen und schöne Druckposten”²⁷ – (Remarque, 2014: 9), se revela como o verdadeiro líder do grupo. O grupo constituído por Paul e os seus três colegas de escola é facilmente integrado no dos homens mais velhos, formando todos uma “unidade de guerra”.

De modo recorrente, o narrador salienta a idade precoce dos combatentes, a sua inexperiência, a sua inocência: Os uniformes são demasiado grandes para o seu corpo „den meisten ist die Uniform zu weit, sie schlottert um die Glieder, die Schultern sind zu schmal, die Körper sind zu gering, es gab keine Uniformen, die für dieses Kindermaß eingerichtet waren.“²⁸ (Remarque, 2014: 118); os reforços que chegam são cada vez mais jovens e inexperientes, “blutarme, erholungsbedürftige Knaben, die keinen Tornister tragen können, aber zu sterben wissen. Zu Tausenden. Sie verstehen nichts vom Kriege,

²⁶ No início da fila, os mais esfomeados, claro: O pequeno Albert Kropp, o que de entre nós melhor sabe pensar e só chegou a cabo; - Müller V., que ainda arrasta consigo os manuais escolares e sonha fazer o exame ao abrigo da legislação especial; [...] – Leer, com a sua barba cerrada e uma predileção pelas raparigas dos bordéis dos oficiais; [...] – e em quarto lugar, eu, Paul Bäumer. Nós todos quatro com dezanove anos, todos os quatro partindo da mesma turma para a guerra.

²⁷ Um faro extraordinário para confusões, boa comida e trabalhos fáceis.

²⁸ A farda fica-lhes muito grande, os membros ficam a nadar ali dentro, os ombros são demasiado estreitos, os corpos demasiado pequenos, não havia fardas destinadas a estas medidas de criança.

sie gehen nur vor und lassen sich abschießen. [...] „Deutschland muß bald leer sein“, sagt Kat.”²⁹ (Remarque, 2014: 247). Kat comenta como são “So junge, unschuldige Kerle”³⁰ (Remarque, 2014: 68) e, após um combate em que muitos são mortos, Bäumer refere que os seus rostos têm uma “entsetzliche Ausdruckslosigkeit gestorbener Kinder.”³¹ (Remarque, 2014: 118).

Perante a cruel realidade da guerra, Paul e os colegas recordam os tempos de escola em que o professor Kantorek, homem severo e de baixa estatura, usara a sua autoridade de professor e os seus dons de oratória para fazer propaganda a favor da guerra, instilando nos seus jovens alunos sentimentos patrióticos e pressionando-os a alistar-se:

Kantorek war unser Klassenlehrer, ein strenger, kleiner Mann [...] Kantorek hielt uns in den Turnstunden so lange Vorträge, bis unsere Klasse unter seiner Führung geschlossen zum Bezirkskommando zog und sich meldete. Ich sehe ihm noch vor mir, wie er uns durch seine Brillengläser anfunkelte und mit ergriffener Stimme fragte: »Ihr geht doch mit, Kameraden?«³² (Remarque, 2014: 15-16)

Mesmo aqueles que, como Josef Behm, se sentem hesitantes, acabam por se deixar convencer, caso contrário, passariam a ser completamente desconsiderados. “[...] *er hätte sich auch sonst unmöglich gemacht.*”³³ (Remarque, 2014: 16)

Kantorek é mencionado pela primeira vez na narrativa quando os soldados recebem correio e uma das cartas é remetida pelo antigo professor, com o intuito de os motivar e louvar a sua participação no conflito. Nessa carta, Kantorek refere-se aos seus alunos como *eiserne Jugend*, juventude de ferro (numa referência aos ideais de sangue e ferro, *Blut und Eisen*, da era de Otto von Bismarck), uma forma de enaltecer a sua força e coragem. Após a visita a Kemmerich, o colega moribundo devido a um ferimento em combate, comentam a carta do professor:

²⁹ Rapazes anémicos e esfomeados, incapazes de transportar a própria mochila, mas que sabem morrer. Aos milhares. Não entendem nada da guerra, apenas sabem deixar-se abater. [...] “Em breve, a Alemanha ficará vazia”, diz Kat.

³⁰ Rapazes tão jovens e inocentes

³¹ Pavorosa falta de expressão de crianças mortas.

³² Kantorek era o nosso professor, um homenzinho severo [...] Kantorek dava-nos sermões tão longos durante as aulas de ginástica, que toda a nossa turma, guiada por ele, acabou por se dirigir ao Comando Distrital e alistou-se. Parece que ainda estou a vê-lo à minha frente, com aquele seu modo de nos olhar através dos óculos e perguntar numa vozinha comovida: «Também ireis, camaradas?»

³³ Caso contrário, teria tornado as coisas insuportáveis para si próprio.

Müller fragt ihn: „Was hat Kantorek eigentlich geschrieben?“
Er lacht: „Wir wären die eiserne Jugend.“
Wir lachen alle drei ärgerlich. Kropp schimpft; er ist froh, daß er reden kann.
—
Ja, so denken sie, so denken sie, die hunderttausende Kantoreks! Eiserne Jugend! Wir sind alle nicht mehr als zwanzig Jahre. Aber jung? Jugend? Das ist lange her. Wir sind alte Leute.³⁴ (Remarque, 2014: 22)

Ao mesmo tempo que os jovens revelam uma certa amargura por se terem deixado influenciar pelas exortações do professor, Paul também exprime alguma compreensão – carregada de mágoa – perante a atitude do antigo docente: “Es gab ja Tausende von Kantoreks, die alle überzeugt waren, auf eine für sie bequeme Weise das Beste zu tun.”³⁵ (Remarque, 2014: 17) Talvez para confrontar o professor com o duro quotidiano da guerra, Müller exprime o desejo de que também ele fosse chamado a combater – “Ich wollte, der wäre hier”³⁶ (Remarque, 2014: 15) –, desejo que, de certo modo, se concretizará quando, mais tarde, Paul voltar a casa, durante um período de licença, e constatar que Kantorek, entretanto recrutado, se encontra às ordens de um antigo aluno seu e colega de Paul, Mittelstaedt, que se encarrega de o humilhar e vergar-lhe o orgulho e a dignidade como forma de se vingar do modo como o professor havia dirigido os seus alunos inexperientes para a frente de combate. (Remarque, 2014: 156-160).

Quando não estão na linha da frente, há momentos de descontração – “gedankenlose Stunden” (Remarque, 2014: 14) – em que os soldados contemplam a natureza que os rodeia – “der blaue Himmel” [o céu azul]; “weißen Wölkchen” [nuvensinhas brancas]; “blühende Wiese” [prados em flor] (Remarque, 2014: 14). Porém, nunca podem abstrair-se totalmente do conflito, pois “wie ein sehr fernes Gewitter hören wir das gedämpfte Brummen der Front.”³⁷ (Remarque, 2014: 14). O único factor que contribui para atenuar o desespero da guerra é o espírito de camaradagem que se cria entre os soldados, que passam a contar com os colegas para se protegerem mutuamente: “Das Wichtigste aber war, daß in uns ein festes, praktisches Zusammengehörigkeitsgefühl

³⁴ Müller pergunta-lhe: “O que escreveu afinal Kantorek?”

Ele ri-se: “Que somos a juventude de ferro.”

Todos três rimo-nos amargamente. Kropp solta uns palavrões; contente por poder falar.

Pois é, é assim que pensam, é assim que pensam as centenas de milhar de Kantoreks deste mundo! Juventude de ferro! Nenhum de nós tem mais de vinte anos. Mas jovens? Juventude? Ao tempo que isso foi. Somos velhos.

³⁵ Havia milhares de Kantoreks, todos eles convencidos de que estavam a fazer o melhor que sabiam – como lhes convinha.

³⁶ Quem me dera que ele cá estivesse.

³⁷ Como se fora uma trovoadas muito distante, escutamos o ribombar abafado da frente.

erwachte, das sich im Felde dann zum Besten steigerte, was der Krieg hervorbrachte: zur Kameradschaft!”³⁸ (Remarque, 2014: 29)

A amizade que surge entre Paul e Kat assume-se como uma relação próxima da de pai e filho, apesar de pouco plausível, devido às diferenças de idade e de formação de ambos (Paul, instruído e bem-educado; Kat, um homem rústico, duro e sem formação). É Kat quem, no grupo, revela ter mais experiência da guerra, e é ele quem dá instruções aos soldados do grupo de Paul, ensinando-os a deixar correr algum tempo entre os ataques com gás e a retirada das máscaras, a distinguir o tipo de bombardeamento pelos sons dos projecteis a cair e a procurar bons esconderijos durante os ataques aéreos. Um dos episódios que mais reflectem a proximidade entre Paul e Kat é quando ambos conseguem apanhar um ganso, assam-no e banqueteam-se com o animal, transmitindo uma cumplicidade entre os dois que só é possível devido às circunstâncias em que se encontram.

So sitzen wir uns gegenüber, Kat und ich, zwei Soldaten in abgeschabten Rücken, die eine Gans braten, mitten in der Nacht. Wir reden nicht viel, aber wir sind voll zarterer Rücksicht miteinander, als ich mir denke, daß Liebende es sein können. Wir sind zwei Menschen, zwei winzige Funken Leben, draußen ist die Nacht und der Kreis des Todes. (...) Was weiß er von mir – was weiß ich von ihm, früher wäre keiner unserer Gedanken ähnlich gewesen – jetzt sitzen wir vor einer Gans und fühlen unser Dasein und sind uns so nahe, daß wir nicht darüber sprechen mögen.³⁹ (Remarque, 2014: 87)

A camaradagem serve, então, o propósito de se protegerem uns aos outros e de se apoiarem moralmente, com algumas conversas descontraídas e bem-humoradas entre os bombardeamentos (Remarque, 2014: 126) e a partilha de momentos mais íntimos, como no episódio em que Paul, Kropp e Leer vão ter com as raparigas francesas que se prostituem em troca de comida (Remarque, 2014: 130-135). Na frente de combate, onde se banalizam o horror e a crueldade, esbatem-se as diferenças entre os soldados, todos procuram defender-se da morte iminente e sobreviver até ao dia seguinte. Nesta luta pela vida, pouco importa a escolaridade que possuem ou os livros que já leram. As suas

³⁸ O mais importante foi que surgiu entre nós um sentido de união e de pertença forte e pragmático, que depois, no campo de batalha, evoluiu para o que de melhor a guerra nos trouxe: a camaradagem!

³⁹ Assim nos sentamos frente-a-frente, Kat e eu, dois soldados com fardas esfarrapadas, cozinhando um ganso a meio da noite. Não falamos muito, mas temos consideração e ternura um pelo outro como talvez consigam ter muitos amantes, creio eu. Somos dois homens, duas centelhas da vida, e lá fora fica a noite e o círculo da morte. (...) O que sabe ele de mim – o que sei eu dele, antigamente os nossos pensamentos não tinham nada em comum – agora sentamo-nos à frente de um ganso e sentimos a nossa existência e somos tão íntimos, que nem precisamos de falar.

principais preocupações são de carácter primário: a comida, o tabaco, as latrinas e a cerveja.

So haben wir im Augenblick wieder die beiden Dinge, die der Soldat zum Glückbraucht: gutes Essen und Ruhe. Das ist wenig, wenn man es bedenkt. Vor ein paar Jahren noch hätten wir uns furchtbar verachtet. Jetzt sind wir fast zufrieden. Alles ist Gewohnheit, auch der Schützengraben. Diese Gewohnheit ist der Grund dafür, daß wir scheinbar so rasch vergessen. Vorgestern waren wir noch im Feuer, heute machen wir Albernheiten und fechten uns durch die Gegend, morgen gehen wir wieder in den Graben. In Wirklichkeit vergessen wir nichts.⁴⁰ (Remarque, 2014: 124-125)

A progressiva falta de comida e de munições em bom estado vai fazendo com que os jovens se sintam cada vez mais amargurados e pessimistas, pois não só se voluntariaram para uma guerra de uma violência inimaginável, como depressa se apercebem da falta de meios de subsistência que torna a vida dentro e fora das trincheiras um verdadeiro suplício e os lança num desespero que não deixa espaço para as convenções sociais ou, acima de tudo, de linguagem.

Dem Soldaten ist sein Magen und seine Verdauung ein vertrauterer Gebiet als jedem anderen Menschen. Drei Viertel seines Wortschatzes sind ihm entnommen, und sowohl der Ausdruck höchster Freude als auch der tiefster Entrüstung findet hier seine kernige Untermalung. Es ist unmöglich, sich auf eine andere Art so knapp und klar zu äußern. Unsere Familien und unsere Lehrer werden sich schön wundern, wenn wir nach Hause kommen, aber es ist hier nun einmal die Universalsprache.⁴¹ (Remarque, 2014: 13)

Esta situação irá conduzir a um progressivo desenraizamento social e cultural dos jovens, que não se reconhecem no seu novo papel, mas também já não se identificam com o seu eu de outrora. Ao longo de todo o romance, Paul Bäumer manifesta a sua perplexidade perante aquilo em que ele e os amigos se transformaram e constata que o seu mundo não mais voltará a ser o que foi: “Genau wie wir zu Tiere werden, wenn wir nach vorn gehen, weil es das einzige ist, was uns durchbringt, so werden wir zu

⁴⁰ De momento temos, então, as duas coisas que fazem feliz o soldado: boa comida e sossego. Se pensarmos bem, até é pouco. Não há muitos anos ter-nos-íamos desprezado a nós próprios. Agora quase nos sentimos felizes. É tudo uma questão de hábito, até mesmo as trincheiras. É devido a este hábito que, aparentemente, tão depressa nos esquecemos das coisas. Anteontem estávamos debaixo de fogo, hoje fazemos tolices por aqui, amanhã voltamos às trincheiras. Mas a verdade é que não nos esquecemos de nada.

⁴¹ O estômago e a digestão são mais caros ao soldado do que aos outros homens. Três quartos do seu vocabulário derivam daí e tanto a expressão de maior alegria como da mais profunda indignação encontra neste campo o seu eco central. Não é possível exprimir-se de forma mais clara e concisa. As nossas famílias e os nossos professores hão-de admirar-se quando formos para casa, mas, aqui, esta é a linguagem universal.

oberflächlichen Witzbolden und Schlafmützen, wenn wir in Ruhe sind.”⁴² (Remarque, 2014: 125).

Paul vai dando conta deste embrutecimento, e até de uma certa animalização dos jovens soldados, que depressa esquecem o que aprenderam e quem foram para se converterem numa espécie de máquinas de morte. Podemos afirmar, pois, que estamos perante uma fragmentação da identidade, com uma distinção clara entre o eu passado e o eu presente – “Seit wir hier sind, ist unser früheres Leben abgeschnitten, ohne daß wir etwas dazu getan haben.”⁴³ (Remarque, 2014: 23). Note-se que o narrador fala quase sempre na primeira pessoa do plural, o que faz com que o seu relato e as suas considerações se estendam a todo o grupo de amigos e, até, a todos os que combateram na frente, pelo menos no lado alemão.

A estes jovens interessam apenas os assuntos práticos de um quotidiano vivido no limite da existência, “[...] denn unsere Lage ist zu verzweifelt, um lange sentimental sein zu können. Das ist nur möglich, solange es noch nicht ganz schlimm ist. Uns jedoch bleibt nichts anderes, als sachlich zu sein.”⁴⁴ (Remarque, 2014: 205). A obra apresenta-nos o jovem soldado como alguém que regride em termos civilizacionais, a uma espécie de primitivismo que o faz embrutecer e animalizar: “Das Leben hier an der Grenze des Todes hat eine ungeheuer einfache Linie, es beschränkt sich auf das Notwendigste, alles andere liegt in dumpfem Schlaf; – das ist unsere Primitivität und unsere Rettung.”⁴⁵ (Remarque, 2014: 240).

O narrador chega mesmo a admitir que as ideias do tempo anterior à guerra o deixam horrorizado: “So sachlich, daß mir manchmal graut, wenn einen Augenblick ein Gedanke aus der früheren Zeit, vor dem Kriege, sich in meinem Kopf verirrt. Er bleibt auch nicht lange.”⁴⁶ (Remarque, 2014: 240)

Ao longo da narrativa, Paul tece várias considerações sobre a destruição dos valores que haviam norteado a educação dos jovens voluntários. Logo a partir da recruta, os soldados apercebem-se do desfasamento entre a vida civil e a militar: “Wir wurden zehn

⁴² Assim como nos transformamos em animais quando vamos para a frente, pois essa é a única forma de voltarmos vivos, também nos transformamos em fanfarrões e dorminhocos quando estamos a descansar.

⁴³ Desde que aqui chegámos, deu-se um corte com a nossa vida anterior, sem que nada tivéssemos feito nesse sentido.

⁴⁴ [...] porque estamos demasiado desesperados para podermos ser sentimentais. A nós mais nada nos resta do que sermos pragmáticos.

⁴⁵ Aqui, na fronteira da morte, a vida segue um rumo extremamente linear, limita-se ao mais essencial, tudo o resto permanece num sono sombrio.

⁴⁶ Tão práticos, que às vezes chego a ficar aterrorizado quando surge na minha cabeça um pensamento dos tempos antigos, de antes da guerra. Mas esses pensamentos duram pouco.

Wochen militärisch ausgebildet und in dieser Zeit entscheidender umgestaltet als in zehn Jahren Schulzeit. Wir lernten, daß ein geputzter Knopf wichtiger ist als vier Bände Schopenhauer.“⁴⁷ (Remarque, 2014: 25)

Perante estes contrastes, a reacção inicial dos jovens foi o espanto, mas depressa compreenderam que o objectivo do treino fora despersonalizá-los e submeter a sua identidade aos regulamentos das tropas, às ordens superiores, à autoridade: “Zuerst erstaunt, dann erbittert und schließlich gleichgültig erkannten wir, daß nicht der Geist ausschlaggebend zu sein schien, sondern die Wichsbürste, nicht der Gedanke, sondern das System, nicht die Freiheit, sondern der Drill.”⁴⁸ (Remarque, 2014: 25) Tal como Remarque, já em 1928, Bertold Brecht escrevera na sua *Dreigroschenoper (A Ópera dos Três Vinténs)*: “Erst kommt das Fressen, dann die Moral” (Primeiro vem a comida, depois, a moral), o que aponta para uma profunda crítica ao Idealismo Alemão por parte dos dois autores.

A despersonalização é tão extrema, que os jovens chegam a um estado de regressão (Rüter, 1980: 134) moral e cultural, a uma fase de animalização condicionada pela constante luta pela sobrevivência durante os bombardeamentos, pelo desespero causado pela falta de alimentos decentes, pelas difterias que os maus alimentos lhes provocam, pelas dores que os atormentam quando são feridos em combate. Há vários momentos em que o próprio Paul se refere a si e ao grupo como animais: “Wir (...) sind Menschentiere geworden” [transformámo-nos em animais humanos] (Remarque, 2014: 53), “Aus uns sind gefährliche Tiere geworden” [Tornámo-nos em animais perigosos] (Remarque, 2014: 103), “denkenden Tieren” [animais que pensam] (Remarque, 2014: 241). Por outro lado, esta regressão a um estado mais primitivo é o que lhes confere o instinto que lhes permite reagir e sobreviver: «Es ist der Instinkt des Tieres, der in uns erwacht, der uns leitet und beschützt.» [É o instinto animal que nos desperta, orienta e protege.] (Remarque, 2014: 53)

A propósito da obrigatoriedade dos soldados matarem quando perante o inimigo, uma vez que havia guardas que asseguravam que os combatentes faziam o seu “trabalho”, Tucholsky, também ele combatente na Primeira Guerra Mundial, chegou a afirmar que “Soldaten sind Mörder” (Os soldados são assassinos) no texto *Der bewachte*

⁴⁷ Tivemos a recruta durante dez semanas e, nesse período, mudámos mais radicalmente do que em dez anos de escola. Aprendemos que um botão polido e brilhante é mais importante do que quatro volumes de Schopenhauer.

⁴⁸ Primeiro espantados, depois amargurados e, por fim, indiferentes, reconhecemos que já não importava o génio, mas a escova de engraxar, nem o pensamento, mas o sistema, nem a liberdade, mas o treino.

Kriegsschauplatz, publicado na *Die Weltbühne* em 04-08-1931. Paul e os colegas, e com eles todos os soldados, foram transformados em assassinos, em máquinas de matar. Nestas circunstâncias, o saber e os conhecimentos científicos adquiridos na escola são desvalorizados e perdem toda a sua utilidade quando o que importa é lutar e sobreviver um dia após o outro; os jovens chegam mesmo a fazer troça do que tiveram de aprender na escola e do professor Kantorek, imitando os seus modos e repetindo as suas palavras em tom jocoso (Remarque, 2014: 78), concluindo o narrador que

Von dem ganzen Kram wissen wir nicht mehr allzuviel. Er hat uns auch nichts genutzt. Aber niemand hat uns in der Schule beigebracht, wie man bei Regen und Sturm eine Zigarette anzündet, wie man ein Feuer aus nassem Holz machen kann – oder daß man ein Bajonett am besten in den Bauch stößt, weil es da nicht festklemmt wie bei den Rippen.⁴⁹ (Remarque, 2014: 78-79)

De acordo com Albert Kropp, a participação no conflito irá condicionar, para sempre, a vida dos combatentes, demasiado jovens no início do conflito e, depois dele, incapazes de superar os traumas do passado: “Es wird überhaupt schwer werden mit uns allen. (...) Zwei Jahre Schießen und Handgranaten – das kann man doch nicht ausziehen wie einen Strumpf nachher. (...) Der Krieg hat uns alle verdorben.”⁵⁰ (Remarque, 2014: 80) Estes homens vão constituir a chamada Geração Perdida [*lost generation*], ou seja, a geração popularizada por escritores e intelectuais americanos desenraizados e para sempre marcados pelos acontecimentos da guerra:

Er hat recht. Wir sind keine Jugend mehr. Wir wollen die Welt nicht mehr stürmen. Wir sind Flüchtende. Wir flüchten vor uns. Vor unserem Leben. Wir waren achtzehn Jahre und begannen die Welt und das Dasein zu lieben; wir mußten darauf schießen. Die erste Granate, die einschlug, traf in unser Herz. Wir sind abgeschlossen vom Tätigen, vom Streben, vom Fortschritt. Wir glauben nicht mehr daran; wir glauben an den Krieg.⁵¹ (Remarque, 2014: 81)

⁴⁹ De toda essa palha, já não nos lembramos. Também de nada nos serviu. Na escola ninguém nos explicou como se acende um cigarro à chuva, como se faz uma fogueira com madeira molhada – ou que é mais fácil enfiar uma baioneta na barriga, porque ali ela não emperra como nas costelas.

⁵⁰ Seja como for, vai ser particularmente difícil para todos nós. [...] Dois anos a mandar tiros e granadas – uma pessoa não se desembaraça disto como de uma meia [...] A guerra arruinou-nos a todos.

⁵¹ Ele tem razão. Já não fazemos parte da juventude. Já não queremos conquistar o mundo. Nós estamos a fugir de nós próprios. Da nossa vida. Tínhamos dezoito anos e começámos a amar o mundo e o estar no mundo. Tudo isso tivemos de aniquilar. A primeira granada a cair estilhaçou-nos o coração. É-nos vedada a acção, a aspiração, o progresso. Deixámos de acreditar em tudo isso; acreditamos na guerra.

Ou seja, estes jovens perderam não só a inocência, mas também a capacidade de sonhar e de confiar na vida. Contudo, não foi apenas uma geração que se perdeu com a guerra. Mais do que isso, durante o seu internamento, Paul reflecte sobre o modo como toda uma cultura que caracterizava a Europa antes do conflito, cultura milenar que servia de referência e modelo a todo o mundo ocidental, não foi capaz de se sobrepor à guerra. Os seus valores desapareceram e agora só restam escombros, ruínas, decadência.

Wie sinnlos ist alles, was je geschrieben, getan, gedacht wurde, wenn so etwas möglich ist! Es muß alles gelogen und belanglos sein, wenn die Kultur von Jahrtausenden nicht einmal verhindern konnte, daß diese Ströme von Blut vergossen wurden, daß diese Kerker der Qualen zu Hunderttausenden existieren. Erst das Lazarett zeigt, was der Krieg ist.⁵² (Remarque, 2014: 233)

Novamente surge na obra o fenómeno da clivagem, desta vez aliado à cultura europeia e às experiências de todo um continente devastado física, social e culturalmente. O aspecto da clivagem entre passado e presente parece ser mais marcante no episódio em que Paul, aquando de uma licença, vai a casa e se apercebe dos contrastes entre o que era e o que é, “Zwischen heute und damals liegt eine Kluft” (Entre hoje e outrora abre-se um abismo) (Remarque, 2014: 151), não só a nível da sua personalidade e da sua forma de encarar a vida, mas também na sua relação com o outro e com o mundo que o rodeia.

Nesta revisitação da paisagem da infância, tudo aquilo que antes lhe era querido deixou de fazer sentido (“Ich finde mich hier nicht mehr zurecht, es ist eine fremde Welt.”⁵³) (Remarque, 2014: 151), os seus livros já não lhe dizem nada (Remarque, 2014: 153-155), já não consegue comunicar com a família – nem sequer com a própria mãe – (“Wir sprechen nur einige Worte, und ich bin ihr dankbar dafür, daß sie nichts fragt. Was soll ich auch sagen: Alles, was möglich war, ist ja geschehen.”⁵⁴) (Remarque, 2014: 143), já não se identifica com o lugar nem com as gentes, que, idealisticamente, se propôs defender. Após regressar à linha da frente, irá concluir que “Ich kenne mich selbst nicht mehr. Doch es wird schon wieder besser werden, hier mit Kat und Albert und den übrigen. Hier gehöre ich hin.”⁵⁵ (Remarque, 2014: 178) A Paul e a todos os combatentes como ele,

⁵² Como é inútil tudo aquilo que já foi escrito, feito e pensado, quando uma coisa destas é possível! Só pode ter sido tudo uma mentira sem importância, se a cultura de milénios por uma vez não foi capaz de evitar que fossem derramadas estas correntes de sangue, que estas masmorras de agonia existam às centenas de milhar. Só o hospital de campanha revela o que a guerra é realmente.

⁵³ Já não me oriento aqui, é um mundo estranho.

⁵⁴ Dizemos algumas palavras e sinto-me grato por ela não me perguntar nada. O que posso eu dizer? Tudo o que poderia ter acontecido, aconteceu.

⁵⁵ Já não me conheço a mim próprio. Mas agora as coisas vão melhorar, aqui com Kat, Albert e os que sobram. É aqui que eu pertença.

a guerra trouxe apenas desilusão e destruição, guerra que se desdobra numa luta também interior, num combate íntimo entre o jovem estudante que partiu e o soldado que meses mais tarde regressa a casa:

Ein fürchterliches Gefühl der Fremde steigt plötzlich in mir hoch. Ich kann nicht zurückfinden, ich bin ausgeschlossen; (...) teilnahmslos und traurig sitze ich wie ein Verurteilter da, und die Vergangenheit wendet sich ab. Gleichzeitig spüre ich Furcht, sie zu sehr zu beschwören, weil ich nicht weiß, was dann alles geschehen könnte. Ich bin ein Soldat, daran muß ich mich halten⁵⁶. (Remarque, 2014: 155)

Quando chega à cidade, microcosmo de todo o país, Paul vai-se deparando com concidadãos seus, uns conhecidos, outros desconhecidos, que exprimem os seus sentimentos patrióticos, como a enfermeira da Cruz Vermelha que lhe oferece uma bebida, “[...] sie lächelt mich zu albern an, so durchdrungen von ihrer Wichtigkeit: Seht nur, ich gebe einem Soldaten Kaffee. – Sie sagt zu mir »Kamerad«, das hat mir gerade gefehlt.”⁵⁷ (Remarque, 2014: 140)

Na cidade, as pessoas vivem na ilusão de que a Alemanha está a dominar o conflito, que a guerra é justificada e que os combatentes conquistarão novos territórios para a nação, sem saberem que os soldados passam fome, sacrificam o seu bem-estar, suportando com um orgulho estóico os racionamentos e a escassez, o que se reflecte em palavras como as do antigo professor de Alemão de Paul:

„Na, wie steht es draußen. Furchtbar, furchtbar, nicht wahr? Ja, es ist schrecklich, aber wir müssen eben durchhalten. Und schließlich, draußen habt ihr doch wenigstens gute Verpflegung, wie ich gehört habe, Sie sehen gut aus, Paul, kräftig. Hier ist das natürlich schlechter, ganz natürlich, ist ja auch selbstverständlich, das Beste immer für unsere Soldaten!“⁵⁸ (Remarque, 2014: 149)

⁵⁶ De repente, uma horrível sensação de não pertença apodera-se de mim. Não consigo regressar, estou excluído; (...) apático e triste, permaneço ali sentado como um condenado, e o passado afasta-se de mim. Ao mesmo tempo, tenho receio de evocá-lo em demasia, pois não sei o que depois poderia acontecer. Sou um soldado, é a isso que tenho de me agarrar.

⁵⁷ [...]sorri-me de forma tão aparvalhada, tão obcecada com a sua própria importância: Olhem bem para mim, estou a dar café a um soldado. – Trata-me por “camarada”, mas não me faltava mais nada.

⁵⁸ “Então, como vão as coisas lá fora? Terríveis, terríveis, não é? Pois, é horrível, mas temos de nos aguentar. Além do mais, lá ao menos vocês têm bons alimentos, segundo ouvi dizer; olhe que está com bom aspecto, Paul, está robusto. Claro que aqui as coisas estão pior, claro que sim, mas é natural, o melhor vai sempre para os nossos soldados!”

Questões como esta levam Paul a interrogar-se, depois de regressar à linha da frente, sobre a falta de comida com um mínimo de qualidade e a forma como as autoridades gerem os recursos, dado que “Wir aber sind mager und ausgehungert. Unser Essen ist so schlecht und mit so viel Ersatzmitteln gestreckt, daß wir krank davon werden (...)”⁵⁹ (Remarque, 2014: 246), concluindo que „Die Fabrikbesitzer in Deutschland sind reiche Leute geworden – uns zerschrint die Ruhr die Därme.“⁶⁰ (Remarque, 2014: 246) Porém, a maioria dos alemães desconhece esta realidade. Segundo o narrador, „[...] man sollte den Leuten zu Hause diese grauen, gelben, elenden, ergebenen Gesichter hier zeigen, diese verkrümmten Gestalten, denen die Kolik das Blut aus dem Leibe quetscht [...]“⁶¹ (Remarque, 2014: 247).

Apenas as mães dos soldados se preocupam com o seu bem-estar. Quando Paul vai visitar a sua mãe doente ao quarto, a mulher intui que ele não consegue falar, e, por isso, não lhe faz perguntas acerca do seu quotidiano na frente ocidental (Remarque, 2014: 143). Esta atitude não é motivada pelo desinteresse, mas pela sensibilidade materna, a mesma que a leva a ter guardado um frasco com a conserva de frutos que o filho tanto aprecia (Remarque, 2014: 143), ou dois pares de ceroulas de boa lã, como afirma o protagonista,

Ach Mutter, ich weiß, was dich diese beiden Unterhosen gekostet haben an Herumstehen und Laufen und Betteln! Ach Mutter, Mutter, wie kann man es begreifen, daß ich weg muß von dir, wer hat denn anders ein Recht auf mich als du. Noch sitze ich hier, und du liegst dort, wir müssen uns so vieles sagen, aber wir werden es nie können.⁶² (Remarque, 2014: 165)

Enquanto isso, a maioria dos alemães que se encontra em casa vive a guerra num alheamento patriotista, num desconhecimento das verdadeiras circunstâncias da guerra, seduzidos pela ideia imperialista de expansão do espaço alemão, chegando ao ponto de discutir na esplanada sobre que partes da Europa deverá a Alemanha anexar: “Aber erst müßt ihr den Franzmann verkloppen!”⁶³ (Remarque, 2014: 149). Estas palavras

⁵⁹ No entanto, estamos magros e esfomeados. A nossa comida é tão má e misturada com tantos substitutos, que nos faz adoecer [...]

⁶⁰ Os proprietários das fábricas na Alemanha ficaram ricos – quanto a nós, a difteria arruína-nos os intestinos.

⁶¹ [...] as pessoas lá na terra deviam contemplar estes rostos cinzentos, amarelos, infelizes, derrotados, estas figuras dobradas, cujo sangue é drenado pela cólica [...]

⁶² Oh, mãe, eu bem sei o quanto te custaram estas ceroulas e como precisaste de esperar, andar e mendigar! Oh, mãe, como pode alguém entender que eu tenho de partir para longe de ti. Quem mais tem algum direito sobre mim a não ser tu? Mas eu estou aqui sentado, e tu estás aí deitada, temos tanto para dizer um ao outro, mas nunca conseguiremos fazê-lo.

⁶³ Mas primeiro vocês têm de dar uma boa sova aos franciús.

pertencem a um director de escola, cuja ambição pela conquista de novos territórios parece não ter limites:

Sie disputieren darüber, was wir annectieren sollen. Der Direktor mit der eisernen Uhrkette will am meisten haben: ganz Belgien, die Kohlengebiete Frankreichs und große Stücke von Rußland. Er gibt genaue Gründe an, weshalb wir das haben müssen, und ist unbeugsam, bis die andern schließlich nachgeben.⁶⁴ (Remarque, 2014: 150)

Não satisfeito, o director ainda explica aos outros qual a parte de França que os alemães deverão invadir, não se esquecendo de incentivar: “Nun macht mal ein bißchen vorwärts da draußen mit eurem ewigen Stellungskrieg. Schmeißt die Kerle ‘raus, dann gibt es auch Frieden.”⁶⁵ (Remarque, 2014: 150). Sem ter noção da situação de carência em que vivem os soldados na linha da frente, mesmo quando Paul opina que essa invasão será impossibilitada pela falta de reforços e outros factos que as pessoas desconhecem, o director invoca a poderosa força do colectivo:

“Gewiß, der einzelne“, sagt er, „aber es kommt doch auf das Gesamte an. Und das können Sie nicht so beurteilen. Sie sehen nur Ihren kleinen Abschnitt und haben deshalb keine Übersicht. Sie tun Ihre Pflicht, Sie setzen Ihr Leben ein, das ist höchster Ehren wert – jeder von euch müßte das Eiserne Kreuz haben –, aber vor allem muß die gegnerische Front in Flandern durchbrochen und dann von oben aufgerollt werden.“ (...) „Völlig aufgerollt muß sie werden, von oben herunter. Und dann auf Paris.“⁶⁶ (Remarque, 2014: 150)

Estas palavras acentuam a cisão entre a realidade da guerra e a das pessoas que vivem em solo alemão sem terem consciência, ou sem quererem tomar consciência, da carnificina que ocorre na periferia, que é a frente de combate, da violência dos bombardeamentos, dos mortos, dos feridos, dos estropiados. Aliás, esta é uma das imagens mais marcantes da Alemanha e dos alemães veiculada por esta obra: uma nação inteira que concebe uma ideia quimérica da guerra, quando a linha da frente é uma

⁶⁴ Discutem sobre quais os territórios que deveremos anexar. O director do relógio com corrente de ferro pretende obter, sobretudo: toda a Bélgica, as áreas mineiras da França e grandes partes do território russo. Apresenta razões pelas quais nós temos de conquistar essas zonas de forma tão veemente que, por fim, os outros têm de ceder.

⁶⁵ “Vejam lá se avançam mais um pouco na vossa eterna guerra de trincheiras. Expulsem os tipos lá do sítio e então, sim, haverá paz.”

⁶⁶ “Claro, o indivíduo”, prossegue, “mas aqui trata-se do todo. E isso, você não pode julgar dessa maneira. Você contempla apenas o seu pequeno sector e, portanto, não possui uma perspectiva geral. Você cumpre o seu dever, põe a sua vida em risco, o que é digno das maiores honrarias – a cada um de vós deveria ser atribuída a Cruz de Ferro –, mas, acima de tudo, têm de penetrar na frente lá na Flandres e depois é cilindrá-la.” (...) Cilindrá-la completamente de cima a baixo. E a seguir, o ataque a para Paris.”

autêntica distopia onde os jovens, outrora imbuídos de ideais militaristas e patrióticos, morrem aos milhares, alvejados, gaseados, vítimas inocentes do imperialismo que surgira no seu país.

Quando o *Kaiser* Wilhelm II, o mais alto representante da nação, vai visitar as tropas, tudo é polido e consertado, os soldados têm de se submeter a várias inspeções e a duros exercícios para impressionar o grande imperador com a arrumação, a limpeza, a ordem tão cara ao militarismo da época guilhermina.

Es wird mächtig geputzt. Ein Appell jagt den andern. Von allen Seiten werden wir revidiert. Was zerrissen ist, wird umgetauscht gegen gute Sachen. Ich erwische dabei einen tadellosen neuen Rock, Kat natürlich sogar eine volle Montur. (...)

Endlich sickert es durch: der Kaiser kommt zur Besichtigung. Deshalb die vielen Musterungen.

Acht Tage lang könnte man glauben, in einer Rekrutenkaserne zu sitzen, so wird gearbeitet und exerziert. (...)

Endlich ist der Augenblick da. Wir stehen stramm, und der Kaiser erscheint. Wir sind neugierig, wie er aussehen mag. Er schreitet die Front entlang, und ich bin eigentlich etwas enttäuscht: nach den Bildern hatte ich ihn mir größer und mächtiger vorgestellt, vor allen Dingen mit einer donnernderen Stimme.⁶⁷ (Remarque, 2014: 179)

Com este episódio, o narrador dá a ver o estado de duplicidade que caracterizava a Alemanha durante a Grande Guerra, no qual a realidade era maquiada para que o imperador contemplasse as suas tropas bem arranjadas e equipadas (encontramos uma situação análoga em *O Mundo em que Vivi*, também por ocasião de uma visita do *Kaiser* à aldeia), embora, após a visita, tudo voltasse ao que era: “(...) müssen wir die neu empfangenen Sachen fast alle wieder abgeben und erhalten unsere alten Brocken wieder. Die guten waren nur zur Parade da.”⁶⁸ (Remarque, 2014: 184) A questão da finalidade da guerra e da hipocrisia que ela encerra será, ainda, abordada por Paul, Kropp, Kat e Tjaden após a visita do imperador. As questões colocadas por Albert Kropp são as seguintes: E

⁶⁷ Tudo tem de ser limpo em profundidade. As paradas seguem-se em catadupa. As coisas estragadas são substituídas por outras novas. Consigo receber uma casaca nova, e Kat, claro está, um uniforme completo. [...] Por fim, lá se revela o segredo: o Kaiser vem visitar-nos. Daí tantas inspeções. Durante oito dias, poder-se-ia pensar que se estava num quartel de recrutas, de tanto que se trabalhava e treinava. [...]

Até que finalmente chega o momento. Pomo-nos em sentido e lá aparece o Kaiser. Estamos curiosos por descobrir qual será o seu aspecto. Caminha ao longo da linha da frente e fico algo desapontado: a julgar pelas fotografias, tinha-o imaginado mais alto e poderoso e, acima de tudo, com uma voz mais forte, de trovão.

⁶⁸ Temos de devolver as coisas acabadas de receber e voltam a dar-nos os nossos velhos trapos. O que era bom foi só para a parada.

se o Kaiser tivesse recusado a participação no conflito? Mais: E se, tal como ele, vinte ou trinta pessoas no mundo também a tivessem rejeitado? (Remarque, 2014: 180) No entanto, uma vez que não o fizeram, quem tem, afinal, razão? Os jovens alemães estão a combater para defender a sua pátria, passando-se o mesmo com os franceses. O problema é que, como acrescenta Kat,

Richtig, aber bedenk doch mal, daß wir fast alle einfache Leute sind. Und in Frankreich sind die meisten Menschen doch auch Arbeiter, Handwerker oder kleine Beamte. Weshalb soll nun wohl ein französischer Schlosser oder Schuhmacher uns angreifen wollen? Nein, das sind nur die Regierungen. Ich habe nie einen Franzosen gesehen, bevor ich hierherkam, und den meisten Franzosen wird es ähnlich mit uns gehen. Die sind ebensowenig gefragt wie wir.⁶⁹ (Remarque, 2014: 182)

Esta é, de resto, a questão que todos nós colocamos relativamente à guerra, seja ela qual for e ocorra onde ocorrer. Por que lutam os homens num conflito armado? Quais as suas motivações? Alguém os consultou antes de precipitar uma nação numa guerra? Se ninguém a deseja, qual a razão da sua existência, quando tudo o que ela acarreta é devastação e destruição, dor e morte? De acordo com Kat,

„Es muß Leute geben, denen der Krieg nützt.“
(...)
„Wer denn nur?“ beharrte Tjaden. „Dem Kaiser nützt er doch auch nicht. Der hat doch alles, was er braucht.“
„Das sag nicht“, entgegnet Kat, „einen Krieg hat er bis jetzt noch nicht gehabt. Und jeder größere Kaiser braucht mindestens einen Krieg, sonst wird er nicht berühmt. Sieh mal in deinen Schulbüchern nach.“⁷⁰ (Remarque, 2014: 182)

Ou seja, na opinião de Kaczinsky, o envolvimento num conflito está mais dependente do ego do imperador, dos delírios narcisistas de quem governa, do que dos

⁶⁹ Correcto. Mas repara bem, quase todos nós aqui somos pessoas simples. E em França a maioria dos homens são trabalhadores, operários ou funcionários humildes. Por que razão quererá, então, um serralheiro ou um sapateiro francês atacar-nos a nós? Não, são apenas os governos. Eu nunca tinha visto um francês até vir para cá, e o mesmo deverá aplicar-se à maioria dos franceses. Tal como a nós, ninguém lhes dá importância.

⁷⁰ “Deve haver gente a quem a guerra convém.”

[...]

“Então a quem?”, insiste Tjaden, “Ao Kaiser também não interessa a guerra. Ele já tem tudo o que necessita.”

“Isso não quer dizer nada.”, contrapõe Kat, “Até agora, ele não tinha passado por uma guerra. E todos os grandes imperadores precisam de, pelo menos, uma guerra para ficarem famosos. Ora vai lá ver aos teus manuais escolares.”

homens que, efectivamente, lutam na frente de batalha, daqueles cuja alma é destroçada pela injustiça e pela crueldade, daqueles combatentes anónimos cujo sangue é derramado em nome de um grupo, estado, bandeira ou país, e ainda dos milhares de mutilados, refugiados e órfãos por culpa de quem, já em pleno século XXI, ousou denominá-los danos colaterais.

2.2. Marguerite Yourcenar, *Le Coup de Grâce* [*O Golpe de Misericórdia*] (1939)

Marguerite Yourcenar, pseudónimo de Marguerite Cleenwerk de Crayencour (Yourcenar é um anagrama de Crayencour), nasceu em Bruxelas, em 1903, oriunda de uma família da aristocracia francesa e belga. Foi uma escritora prolífica e eclética, tendo publicado poemas, romances, ensaios e memórias. Da sua vasta obra podemos destacar *Alexis ou le Traité du vain combat* (*Alexis ou o Tratado do vão combate*) (1929), *Mémoires d'Hadrien* (*Memórias de Adriano*) (1951), *Archives du Nord* (*Arquivos do Norte*) (1977), e *L'Oeuvre au Noir* (*A Obra ao Negro*) (1988). Yourcenar foi agraciada com inúmeros prémios e reconhecimentos, destacando-se o facto de ter sido a primeira mulher a ser eleita para a Académie française, em 1980. Faleceu, em 1987, nos Estados Unidos da América.

Le Coup de Grâce, romance datado de 1939, começa por ser uma narrativa na terceira pessoa feita por um narrador onisciente, para depois ser “posta na boca da principal personagem”⁷¹, ou seja, do militar alemão Eric von Lhomond, figura central da obra, que, “ferido diante de Saragoça, tratado a bordo dum navio-hospital italiano, aguardava no bufete da estação de Pisa o comboio que o traria de volta para a Alemanha” (Yourcenar, 2006: 41). De acordo com a autora, este processo “elimina do livro o ponto de vista do autor, ou pelo menos os seus comentários, e [...] permite mostrar um ser humano fazendo face à sua vida, e esforçando-se mais ou menos honestamente por explicá-la, e, antes de tudo, por dela se recordar.” (Yourcenar, 2006: 32) Trata-se de uma estratégia que aproxima o leitor da personagem, dando-lhe acesso à “interminável confissão que no fundo só a si mesmo fazia” (Yourcenar, 2006: 43) dos factos ocorridos, quinze anos antes, no espaço ficcional de Kratovicé.

2.2.1. O militarismo alemão

Eric von Lhomond, com antepassados franceses, mãe báltica e pai prussiano (Yourcenar, 2006: 41), alista-se num corpo de voluntários do general barão von Wirzt, e, após o fim da Primeira Guerra Mundial, dirige-se para o Báltico, região onde se desenrola uma sangrenta guerra civil entre os soldados russos e os apoiantes dos barões donos da terra (conhecidos por russos brancos), apoiados pela Alemanha, que havia anexado a

⁷¹ Palavras de Marguerite Yourcenar, no prefácio que escreveu em 1962.

região em 1918 (Blanchet-Douspis, 2008: 40). A região não era desconhecida de Eric, visto ter sido em Kratovicé, na Curlândia, um recanto perdido na Letónia, que passara alguns anos da juventude. Ali fizera amizade com Conrad de Reval, descendente directo do conde de Reval, e que, no período a que se reporta a narrativa de Eric, se encontra entrincheirado no castelo da família com a irmã Sofia e a tia Prascovie. Sofia fora violada por um sargento lituano e, desde então, a sua auto-estima ficou afectada; convive com os soldados que ocuparam o castelo e entrega-se a eles, o que a conduzirá a uma progressiva decadência moral e social.

Rapidamente nasce em Sofia uma paixão arrebatadora, mas não correspondida, pelo amigo do irmão, que resiste aos avanços da jovem, ao mesmo tempo que vai revelando uma profunda admiração por Conrad e sentimentos que parecem ir para além da amizade, facto que dá a entender algumas tendências homoeróticas por parte de Eric. Cria-se, assim, uma espécie de triângulo amoroso latente, embora não evidente, já que a obra não contém referências específicas ao papel de Conrad que nos permitam considerá-lo mais do que uma personagem secundária como Volkmar e Grigori Loew, por exemplo. Os combates cada vez mais intensos e a resistência dos antigos senhores da terra, representados por Conrad de Reval, servem de enquadramento e pano de fundo à violenta paixão da jovem condessa pelo militar.

Os sentimentos de Sofia por Eric oscilam entre o desejo, a angústia e a rejeição, resultando num clima de constante tensão amorosa e sexual por parte da jovem e de indiferença e, até, repulsa por parte do alemão. De acordo com Agustina Bessa-Luís, que em 1977 escreveu uma introdução à obra em apreço, “trata-se duma guerra, como só acontece na primeira idade da mulher e do homem enfrentando-se no círculo mágico do vínculo conjugal [...] os protagonistas representam a explosão do instinto face ao sentimento. [...]” (Yourcenar, 2006: 10). Ou seja, a guerra é descrita nesta obra com uma perspectiva completamente diferente, na medida em que a autora a desloca para o interior das personagens. Com a história de atracção e repulsa de Sofia e Eric, Yourcenar explora o tema do amor e da morte, recorrendo ao mito de Eros e Thánatos. O cenário de guerra d’ *O Golpe de Misericórdia* não se limita aos episódios de guerra civil; a guerra é também travada dentro do castelo, entre os dois protagonistas que lutam pelo exercício do poder numa relação assimétrica e disfuncional.

Rejeitada por Eric, ferida na sua feminilidade e na sua auto-estima, Sofia é tragada pela vertigem da sedução fácil dos outros homens aquartelados no castelo, numa tentativa infrutífera de provocar ciúmes ao real objecto do seu desejo. Como

consequência, Eric destrata-a sucessivamente, rebaixa-a, insulta o seu amor e a sua condição. Sofia, que mostrava simpatia pelos revolucionários bolcheviques, decide, por fim, abandonar o castelo. Passado algum tempo, os russos brancos, abandonados pelas tropas do barão von Wirtz, vêm-se forçados a deixar o castelo e a avançar no terreno, envolvendo-se em lutas que resultam na morte de Conrad. Liderados por Eric, acabam por chegar a uma aldeia onde encontram o cadáver do judeu Grigori Loew, um amigo de Sofia que apoiava os vermelhos e acolhera a revolução russa, e, escondida, Sofia, que se aliara às tropas inimigas e, segundo dá a entender, chegara a casar com Loew.

Acusada de traição, Sofia é condenada à morte. Chegada a hora da execução, pede que seja Eric a disparar o tiro final. Na sua arrogância, Eric aceita, pensando tratar-se de uma réstia da paixão e estima de Sofia por si ou, eventualmente, uma espécie de lealdade fraternal, mas acaba por compreender que a intenção de Sofia é puni-lo:

Pensei, primeiro, que, ao pedir-me que me incumbisse desse serviço, ela julgara dar-me uma derradeira prova de amor, e a mais definitiva de todas. Compreendi, depois, que apenas quisera vingar-se e legar-me remorsos. Tinha calculado com justeza: sinto-os por vezes. Com mulheres destas, cai-se sempre no laço. (Yourcenar, 2006: 166)

No já mencionado prefácio, a autora esclarece que esta obra foi escrita “pelo seu valor de documento humano (se o tem), e não político [...] e é desta maneira que deve ser julgado” (Yourcenar, 2006: 38). Porém, tendo em conta os objectivos deste estudo, gostaríamos de apresentar uma leitura que aponta para duas linhas: a primeira centra-se no retrato (de parte) da Alemanha no período após a Primeira Guerra Mundial, focando o momento histórico e as tensões decorrentes do conflito; a segunda é a construção da figura de Eric von Lhomond e o seu papel enquanto estereótipo do militar alemão/prussiano por excelência.

Em breves alusões nesta obra, a Alemanha surge retratada como uma nação derrotada e em ruínas, cujas cúpulas, em vão, procuram agarrar-se aos vestígios da velha ordem europeia. Eric conta como realizou o serviço militar “sob as vistas de sargentos debilitados pela fome e pelos desarranjos intestinais, cuja única preocupação era coleccionar senhas para pão, rodeado de camaradas de que alguns eram agradáveis, e que antecipavam já as grandes desordens do pós-guerra” (Yourcenar, 2006: 50-51) – repare-se como, da mesma maneira que Paul Bäumer em *Im Westen nichts Neues*, também Eric refere a fome dos militares e a má qualidade das rações que provocam diarreias – e

descreve o período do pós-guerra como “os belos tempos do armistício, da revolução e da inflação. Encontrava-me, evidentemente, arruinado, e partilhava com sessenta milhões de homens uma completa ausência de futuro” (Yourcenar, 2006: 51).

Eric é apresentado ao leitor como um jovem prussiano com sangue báltico e francês (Yourcenar, 2006: 46), facto que, só por si, leva *ad absurdum* qualquer noção de nacionalismo, que “tinha pelos bolcheviques uma hostilidade de casta” (Yourcenar, 2006: 45) e que, não tendo idade suficiente para combater na guerra de 1914-1918, havia aderido às tropas de voluntários alemães após o fim do conflito, por entender ser essa a única alternativa que restava a “um rapaz cujo pai se fizera matar diante de Verdun, deixando-lhe unicamente por herança uma cruz de ferro, um título quando muito bom para se fazer desposar por uma americana, dívidas, e uma mãe semilouca” (Yourcenar, 2006: 46). A sua opção pela região da Curlândia é influenciada pela forte impressão e as boas recordações que guardara dos seus tempos de adolescente, passados com Conrad naquele “Éden setentrional isolado em plena guerra” (Yourcenar, 2006: 48) e junto de quem Eric declara ter conhecido “a felicidade, a verdadeira, a autêntica, a moeda de ouro inalterável” (Yourcenar, 2006: 50).

Define-se como “bem nascido, assás belo, bastante jovem para autorizar todas as esperanças, tudo em mim se conjugava para concentrar as aspirações numa rapariga até então sequestrada entre alguns brutos insignificantes e o mais sedutor dos irmãos” (Yourcenar, 2006: 66-67), pelo que não se surpreende com a inflamada paixão de Sofia por si. Sádico e emocionalmente negligente - “a crueldade não era minha; as circunstâncias encarregavam-se disso; mas não é certo que tal não me desse prazer” (Yourcenar, 2006: 67) -, Eric vai-se manifestar sempre incapaz de retribuir o sentimento, comprazendo-se mesmo na “intimidade de vítima e carrasco” (Yourcenar, 2006: 67) e na necessidade de Sofia “de odiar tudo o que era eu, excepto eu próprio” (Yourcenar, 2006: 80) para alimentar o próprio ego: “Tive para com ela insolências e ternuras alternadas, todas visando um mesmo objectivo, que era o de fazê-la amar e sofrer mais, e a vaidade comprometeu-me para com ela como o teria feito o desejo.” (Yourcenar, 2006: 75)

A forma como Eric trata Sofia é corroborada por diversos excertos que parecem sugerir que o alemão tinha inclinações homossexuais e que o seu maior interesse residia, sobretudo, em Conrad, pois reitera em vários momentos o quanto a sua presença no Báltico se deve à necessidade de estar próximo do amigo: “Para mim, existiam Conrad, e a guerra e algumas ambições de que depois me desembarcei” (Yourcenar, 2006: 65); “Conrad representava ao menos nesta existência incessantemente extraviada um ponto

fixo, um nó, um centro” (Yourcenar, 2006: 46); “longe de Conrad, vivera como em viagem. Tudo nele me inspirava uma confiança que de futuro nunca me seria possível depositar noutra pessoa. A seu lado, o espírito e o corpo não podiam deixar de estar em repouso” (Yourcenar, 2006: 54).

Esta figura personifica o domínio do racional sobre o emocional, do homem que coloca o cumprimento do dever acima de tudo, mesmo quando se vê perante o desafio de executar a mulher que o amara. No entanto, pressentimos-lhe o dilema pela forma como gere a decisão final de Sofia, pois ao executá-la “agarrei-me à ideia de que teria desejado acabar Conrad e era a mesma coisa. Disparei desviando a cabeça, quase como uma criança assustada que faz detonar um petardo na noite de Natal” (Yourcenar, 2006: 165-166) e, mesmo, pelos remorsos que diz sentir por vezes. O homem que vê assim tombar uma pessoa que fizera parte da sua juventude, irmã do seu amigo, não se compadece da perda da vida daquela jovem, mas tão somente sente-se “tomado duma absurda pena pelos filhos que aquela mulher poderia ter dado à luz, e que teriam herdado a sua coragem e os seus olhos” (Yourcenar, 2006: 165). Não há espaço para um arrependimento ou uma afeição, apenas um lamento pela eventual ausência de descendentes com a coragem e a fibra de Sofia.

Todavia, reconhece os momentos de dúvida que lhe iam surgindo durante o período da guerra no Báltico. De facto, o seu relato explora, em plena consciência e de forma profundamente analítica, não só o sucedido naqueles dez meses de guerra civil, mas também os dilemas com que se debate e a conseqüente luta interior, que se manifestam, nomeadamente, quando afirma que as “fricções contínuas duma existência em permanente estado de alerta deixavam-nos ao mesmo tempo em carne viva e endurecidos” (Yourcenar, 2006: 76), ou quando vai a Riga para discutir as operações em Kratovicé: “Deixei Riga cheio de um mal-humorado alívio, dizendo-me que não tinha nada de comum com aquela gente, aquela guerra, aquele país” (Yourcenar, 2006: 86).

A carreira militar e a guerra emergem em *Le Coup de Grâce* como uma espécie de destino natural do protagonista: “Veio, no entanto, a época em que me tive de esgueirar através da fronteira para ir fazer na Alemanha a minha preparação militar, sob pena de faltar ao que, afinal, havia de mais próprio em mim.” (Yourcenar, 2006: 50) O sarcasmo cortante permite-lhe criar o distanciamento emocional que o ajuda a construir uma espécie de muralha para a sua própria defesa. Remetendo para um campo de interpretação psicológica, poder-se-á, até, supor que Yourcenar tencionou espelhar neste protagonista

uma espécie de dupla personalidade que poderá funcionar como estratégia de sobrevivência.

Referindo-se à conclusão do seu serviço militar já no fim da Primeira Guerra Mundial, afirma que “dois meses mais, e teria ido preencher uma brecha aberta nas nossas fileiras pela artilharia aliada, e estaria talvez neste momento tranquilamente amalgamado à terra francesa, aos vinhos de França, às amoras que as crianças francesas irão colher.” (Yourcenar, 2006: 51)

Não se considera particularmente violento nem beligerante e retrata-se como um aventureiro: “contentava-me a maior parte das vezes com a morte sem frases [...] e quaisquer que sejam os perigos que escolheu enfrentar, um aventureiro (foi nisso que me tornei) experimenta muitas vezes uma espécie de incapacidade em empenhar-se a fundo no ódio” (Yourcenar, 2006: 45). Ou seja, não são tanto as ideias que o movem, nem sequer o ódio, mas mais o espírito de aventura, a galhardia e, não menos importante, a noção de virilidade associada à vida dos combatentes:

O nosso grupo, sempre mais reduzido, redescobria a grande tradição da austeridade e da coragem viril; Kratovicé voltava a ser o que fora em tempos que se julgava para sempre volvidos: um posto da Ordem Teutónica, uma cidadela avançada de Cavaleiros Porta-Clavas. Quando, mau grado tudo, relaciono Kratovicé com uma certa noção de felicidade, lembro-me daquele período tanto como da minha infância. (Yourcenar, 2006: 143)

Note-se como, mesmo se apercebendo do enfraquecimento progressivo da sua posição na guerra civil, Eric se mostra sensível à tradição de austeridade e coragem, aos valores tradicionalmente considerados germânicos, aqui atribuídos a antigas sociedades secretas, com os quais Eric se identifica de tal forma, que chega a comparar este período com a felicidade da infância. Do mesmo modo, o alemão enaltece o valor da austeridade para o militar prussiano, orgulha-se da vida que seguiu e gaba-se dos seus feitos, embora, por vezes, pareça querer relativizar a importância do seu envolvimento nos conflitos em que participou:

“Fui medíocre na Manchúria, e gabo-me de ter desempenhado em Espanha o papel mais insignificante possível. As minhas qualidades de chefe só renderam plenamente durante aquela retirada, e em face dum punhado de homens aos quais me ligava o meu único pacto humano. Comparado com aqueles eslavos que se abismavam vivos na desgraça, eu representava o espírito da geometria, o mapa do estado-maior, a ordem.” (Yourcenar, 2006: 147)

Uma vez mais, a personagem glorifica a austeridade, a ordem, a estrutura, a hierarquia como princípios essenciais para os defensores de ideais militaristas, o que a convertem num possível arquétipo do jovem fascista do período entre guerras. De acordo com Mireille Blanchet-Douspis, Eric representa uma certa categoria de jovens que, educados sob os valores do passado e desorientados perante o futuro, seriam sensíveis à retórica do homem forte (Blanchet-Douspis, 2008: 46) e, desestabilizados pelo declínio da sua classe social, aderiam a movimentos de extrema-direita como o *Freikorps*, numa tentativa de reencontrarem sentido para a sua existência. Ao proporem uma vida de acção e aventuras a jovens sem futuro, acabavam por se transformar em grupos bastante heterogéneos (Blanchet-Douspis, 2008: 59). Tal pode explicar a presença de Volkmar em Kratovicé, um jovem que, sem escrúpulos, se aproveita da sensualidade e da companhia de Sofia e provoca em Eric uma crise de ciúmes.

Repare-se que, ao contrário de Paul Bäumer e os seus companheiros, que, em *Im Westen nichts Neues*, se alistam no exército por puro patriotismo e sentido do dever, os militares apoiantes dos alemães n' *O Golpe de Misericórdia* (representados por Eric von Lhomond) parecem estar apenas interessados no heroísmo, na manutenção da velha ordem do Reich, representada pela nobreza, e em conservar vivos um conceito de masculinidade e virilidade aliado à carreira militar e ao orgulho da farda, bem como a vida social regrada e fortemente hierarquizada.

Esta tendência da aristocracia alemã não era um fenómeno do pós-guerra e remontava, pelo menos, até à fundação da Alemanha enquanto estado-nação, em 1871, quando Wilhelm I e Otto von Bismark se converteram no rosto do denominado Segundo Império e da modernidade. A aristocracia não lidava bem com esta nova ordem (e com o domínio do reino da Prússia sobre a Alemanha) e continuava apegada aos valores conservadores que remontavam, pelo menos, ao Romantismo Alemão.

For the nationalist middle class the truly national symbol of Germany's power was not its army – that remained too Prussian, aristocratic and conservative for their tastes – but the navy, a creation of the new state. Dynastic tradition jostled uneasily with new national sentiments in the symbols and institutions of the Second Empire. A flight into a distant history, like the great monument to Hermann (who had defeated the Roman legions) in the Teutoburg Forest, combined with the traditionless nationalism of navy building and *Weltpolitik* (world politics)⁷². (Breuilly, 1998: 54)

⁷² Para a classe média nacionalista, o verdadeiro símbolo nacional do poder da Alemanha não era o seu exército – que permanecia demasiado prussiano, aristocrático e conservador para o seu gosto – mas a marinha, uma criação do novo estado. A tradição dinástica lutava com dificuldade contra os novos

Outra faceta de Eric que Blanchet-Douspis e Luc Rasson também salientam é o seu anti-semitismo exacerbado, exteriorizado sobretudo quando o alemão se refere a Grigori Loew ou à sua família. Quando vai a casa da mãe de Grigori para tentar obter informações relativas ao paradeiro de Sofia, Eric descreve a mulher em termos pejorativos e de forma estereotipada, representando-a como uma “velha judia, cujas bochechas flácidas se puseram a tremer” (Yourcenar, 2006: 138) e como uma “matrona israelita” (Yourcenar, 2006: 134), que “exercia a dupla profissão de parteira e modista” (Yourcenar, 2006: 133), “com uma mistura de obsequiosidade revoltante e de hospitalidade bíblica” (Yourcenar, 2006: 135-136). No mesmo episódio, alude, também, ao falecido pai Loew, que “tinha praticado a profissão quase tão oficial e mais lucrativa ainda da usura, por muito tempo sem o conhecimento do filho, quero bem crê-lo, e depois para maior desgosto deste último” (Yourcenar, 2006: 133-134).

Ao qualificar desta forma a reacção de Grigori à actividade do pai, Marguerite Yourcenar já fornece pistas para a caracterização da personagem de Grigori: um jovem judeu instruído que adere aos ideais da revolução bolchevista e apoia os Vermelhos no cerco a Kratovicé. Blanchet-Douspis refere, a este propósito, que muitos dos judeus que haviam aderido ao bolchevismo eram dos melhores teóricos da Revolução e, por isso, fazer de Grigori Loew um intelectual que alinha pelas forças russas está de acordo com a realidade.

Neste aspecto, Loew assume-se como um verdadeiro antagonista de Eric von Lhomond (Blanchet-Douspis, 2008: 60). O tom depreciativo aplicado aos pais é o mesmo com que Eric descreve o filho, e vai desde a referência a “um pequeno estudante judeu de Riga” (Yourcenar, 2006: 55) que, na adolescência, emprestava livros a Sofia, passando pelas considerações que tece quando depara com o cadáver de Loew: “Conservara na morte o seu ar de estudante obsequioso, o que não o impedia de ter uma dignidade própria, que quase nunca falta a um morto” (Yourcenar, 2006: 153).

Desdenhoso e condescendente, Eric ainda se manifesta sobre o gosto literário do israelita, quando comenta o facto de ter encontrado junto do seu corpo “um exemplar do *Livro de Horas* de Rilke⁷³, que Conrad também tinha apreciado. Este Grigori fora

sentimentos nacionais projectados nos símbolos e instituições do Segundo Império. A fuga em direcção à história distante, como o grande monumento a Hermann (que havia derrotado as legiões romanas) na floresta de Teutoburg, estabelecia uma ligação com o nacionalismo sem tradição da construção naval e da *Weltpolitik* (política mundial).

⁷³ *Das Stunden-Buch*, no original, publicado entre 1899 e 1903 pelo poeta Rainer Maria Rilke e dividido em três partes. Os poemas são caracterizados pela religiosidade (o Livro das Horas remonta à tradição cristã

provavelmente o único homem, naquele país e naquela época, com quem eu teria podido conversar agradavelmente durante um quarto de hora” (Yourcenar, 2006: 154). De acordo com o alemão, o judeu possuía

essa mania judaica de se elevar acima do comércio de velharias paterno (...) [que] tinha produzido em Grigori Loew esses belos frutos psicológicos que são a dedicação a uma causa, o gosto pela poesia lírica, a amizade para com uma jovem ardente e, finalmente, o privilégio, um tanto aviltado, da própria morte. (Yourcenar, 2006: 154)

A figura de Eric parece, assim, adquirir contornos de arquétipo do militar prussiano, descendente da pequena aristocracia falida, com um forte sentido de heroísmo (embora Sofia se converta, por fim, na verdadeira heroína desta narrativa), possuidor de “qualidades de frieza e indiferença” (Yourcenar, 2006: 70), arrogante, cruel, machista e anti-semita. Não hesita no momento da execução de Sofia, porque, antes de tudo o resto, o que conta para si é o sentido do dever cumprido. Aliás, a sua vaidade leva-o a encarar esse momento quase como uma honra, um privilégio que Sofia lhe atribui no momento do golpe final, para só depois perceber que a intenção da jovem fora deixar-lhe o sabor amargo de ter morto uma companheira/irmã.

O Eric do tempo presente mantém essas características, já que, no início da narrativa, o primeiro narrador descreve-o como um homem “belo, apesar dos quarenta anos, petrificado numa espécie de dura juventude [...] os pálidos olhos azuis, a estatura elevada, a arrogância dos seus raros sorrisos, e aquele bater de calcanhares que doravante lhe interditava o pé fracturado e envolto em ligaduras” (Yourcenar, 2006: 41). É, porém, um guerreiro limitado em termos de movimentos, e o leitor não chega a saber o que lhe sucede após o relato. Sabemos, porém, que esta figura reúne um conjunto de características atribuído à personalidade autoritária ou de extrema-direita: anti-intelectualismo, misoginia, o culto do desprezo, anti-semitismo, militarismo, homossexualidade latente (Rasson, s.d.: 53) que contribuem para a construção de um estereótipo dos combatentes pelas causas pré-fascistas e fascistas, como os que contribuíram para a ascensão de Hitler ao poder.

A autora criou uma imagem estereotipada de Eric, e, no exagero de alguns traços, caricaturada ou, até, propositadamente *kitsch*. Ou seja, Yourcenar parece ter pretendido

da vida nos mosteiros e às orações consagradas às diferentes horas do dia) e pela sua estética associada à Arte Nova, com inspiração no neo-romantismo.

representar as tendências autoritárias, militaristas e anti-semíticas que, por altura da publicação da obra, eram percebidas por muitos dos que seguiam com atenção os relatos que chegavam da Alemanha nazi. A crueldade de Eric pode corresponder à dos militares alemães na sua generalidade, constituindo uma personagem-tipo à qual se atribui um conjunto de características estereotipadas que, com frequência, encontramos no discurso literário, como, por exemplo, o tio de Rose Frankfurter, a protagonista de *O Mundo em Que Vivi* de Ilse Losa, no qual centraremos a nossa atenção no próximo ponto deste estudo.

2.3. Ilse Losa, *O Mundo em que Vivi* (1943)

Ilse Lieblich nasceu perto de Osnabrück, Alemanha, em 1913, tendo chegado a Portugal em 1933, na sequência da fuga às perseguições aos cidadãos judeus implementadas por Adolf Hitler e pelo regime nacional-socialista. Em 1934, casou com um arquitecto do Porto, Arménio Taveira Losa, tendo, assim, adquirido o seu sobrenome e a nacionalidade portuguesa. Em 1943, Ilse Losa publica o seu primeiro romance, *O Mundo em que Vivi*, uma “autobiografia ficcionada” (Marques 2001: 54) em que relata a história de Rose Frankfurter, uma judia nascida na Baixa Saxónia. O original da obra é escrito em língua portuguesa, o que constitui um facto singular do ponto de vista literário e da questão da identidade para escritores no exílio, sugerindo a pretensão da autora de narrar algumas situações que a teriam afectado directamente, mas autoimpondo-se um distanciamento/filtro através da língua.

Numa entrevista concedida a Elfriede Engelmayer e publicada pela primeira vez na revista *Tranvía* em 1989, e republicada no número 51 (1998)⁷⁴, a autora explica que começou a escrever em português, por sugestão do médico que à data a acompanhava, e salienta que foi um erro ter começado a escrever nesta língua devido à dificuldade que esse trabalho implicava para uma falante não nativa, e também porque a publicação num idioma estrangeiro implicava que a sua obra nunca tivesse chegado a ser difundida na Alemanha. Na mesma conversa, Ilse Losa afirma que “Wenn ich nicht verheiratet gewesen wäre und keine Kinder gehabt hätte, wäre ich nach 1947 wieder nach Deutschland zurückgegangen, nur wegen der Sprache. Denn Sprache ist ja Heimat, dieses furchtbare Wort.”⁷⁵ (Engelmayer, 1998: 63)

A questão da língua parece ter estado sempre presente, dado que, de acordo com a autora, já em carta datada de 4 de Março de 1960 e endereçada à poeta alemã Hilde Domin⁷⁶, “Ich habe den grossen Fehler begangen, in portugiesischer Sprache zu starten, da ich s.Z. zu Deutschland keine Verbindungen hatte, denn ich bin Jüdin.”⁷⁷ Na mesma correspondência, revela que, tendo já publicado alguns escritos em alemão em revistas do

⁷⁴ Engelmayer, 1998: 62-64

⁷⁵ “Se eu não fosse casada nem tivesse tido filhos, teria voltado para a Alemanha após 1947, apenas por causa da língua. Porque a língua é a pátria, essa palavra terrível.”

⁷⁶ Carta de Ilse Losa dirigida a Hilde Domin em 4 de Março de 1960.

⁷⁷ “Eu cometi o grande erro de começar a escrever em língua portuguesa, uma vez que na altura não tinha qualquer ligação à Alemanha por ser judia.”

seu país, entretanto adquiriu algum reconhecimento em Portugal por via dos seus romances, contos e livros infantis, mas reconhece que “[...] bin mir aber bewusst, dass ich etwas verpfuscht habe, indem ich mit zwei Sprachen laboriere.”⁷⁸ A preocupação com a vertente linguística da sua obra volta a ser expressa numa carta que escreve a Domin a 18 de Março de 1960, ao explicar que “[...] der Roman *O Mundo em que vivi* mein erstes Buch ist. Ich schrieb damals noch ein ‘basic portuguese’ [sic].”⁷⁹

2.3.1. Identidade e Alteridade – A representação literária do Judaísmo

A história da protagonista Rose situa-se no período que decorre entre as duas grandes Guerras. A diegese encontra-se dividida em quatro blocos temporais, marcados graficamente no romance com imagens dos espaços que lhes servem de cenário: a primeira é de uma rua estreita de uma pequena aldeia; a segunda fornece uma vista aérea de um espaço maior, com mais ruas, igrejas e outras construções, “uma rua larga com casas pintadas a cores, um rio de nome Else, que é nome de rapariga; uma avenida debruada de espinheiros...” (Losa, 2000: 60); a terceira imagem inclui a mesma cidade da segunda, mas o foco está alargado e inclui mais ruas e casas, “uma cidade antiga e famosa com casas de espigões pontiagudos de portas de talha e baixos-relevos nas fachadas” (Losa, 2000:148); a última imagem é o nada, ou seja, não foi inserida nenhuma imagem no espaço correspondente, pelo que o leitor se depara com o vazio.

Em relação à estrutura da obra, Ana Isabel Marques destaca que “subjaz à narrativa um percurso espacial também quadripartido (mas não inteiramente coincidente com a segmentação acima referida) o qual corresponde aos diversos microcosmos em que a protagonista se movimenta.” (Marques, 2001: 62) De acordo com esta investigadora, “A par de uma progressiva aproximação à grande metrópole, assiste-se no romance ao adensamento de um clima de hostilidade contra os Judeus. A xenofobia, que se sente latente no pulsar da vida da aldeia e que conhece apenas erupções esporádicas num ou noutro episódio protagonizado por crianças, vai-se manifestando de forma cada vez mais

⁷⁸ “Mas tenho consciência de me ter desvirtuado um pouco, na medida em que trabalho com dois idiomas.” (Carta de Ilse Losa dirigida a Hilde Domin em 4 de Março de 1960)

⁷⁹ O romance *O Mundo em que Vivi* é o meu primeiro livro. Nessa época eu escrevia ainda um “basic portuguese”.

despudorada à medida que se diluem os laços entre as pessoas, tornando-se particularmente visível no *modus vivendi* desumanizado da cidade.” (Marques, 2001: 63) Podemos concluir, assim, que à estrutura do romance corresponde a deslocação da protagonista de um espaço pequeno e acolhedor para um ambiente cada vez mais estranho e hostil, e que, por sua vez, contribui para a evolução do percurso temporal da narrativa de uma época de inocência pueril até ao horror do regime nacional-socialista.

Assim, a primeira parte corresponde à primeira infância de Rose, quando a narradora vive com os avós paternos, Markus e Ester, numa pequena aldeia por motivos não revelados na obra. Rose Frankfurter é uma menina judia “frágil, de cabelo louro, de feições infantilmente lisas” (Losa, 2000: 7). O avô Markus, “homem alto e magro, de cara larga, ossuda e um tanto avermelhada, olhos claros e quase sempre triste [...] sempre tão apurado, com o cabelo farto, penteado cuidadosamente” (Losa, 2000: 7), está sempre disposto a brincar com Rose, a acarinhá-la e a responder às perguntas da neta curiosa. A avó Ester, “muito baixa mesmo, tinha a cara miúda sulcada de rugas e usava o cabelo rigidamente penteado para cima da cabeça [...]” (Losa, 2000: 7), contrasta com o avô pela sua austeridade, secura e aparente distanciamento em relação à menina. São estes avós os responsáveis pela sua educação, que a levam à sinagoga e lhe transmitem os primeiros valores.

A segunda fase abrange o tempo entre a mudança para a casa dos pais, numa pequena cidade onde a menina começa a frequentar a escola, até ao episódio da festa de tiro, em que o pai é insultado pelo inspector, dia que Rose designa por “o remate da minha infância” (Losa, 2000:137). É durante esse período que o avô Markus morre e a avó Ester vem viver com o resto da família, que Rose começa a desenvolver uma maior percepção das diferenças sociais e culturais que separam a comunidade judaica do resto dos cidadãos alemães, e em que Rose e os irmãos começam a sua educação religiosa.

O terceiro bloco temporal é o da doença do pai, que acaba por morrer de cancro, situação que leva a família a ter de se mudar para uma cidade maior, onde a mãe, pressionada pela necessidade de ganhar dinheiro para sustento da família, inicia a sua vida profissional com a compra de uma casa onde monta uma pensão. Mais tarde, Rose vê-se obrigada a abandonar os estudos e a mudar-se para Berlim, onde o trabalho escasseia, sobretudo para os judeus, cada vez mais perseguidos e maltratados pelos apoiantes do nacional-socialismo. Essa parte da obra termina com a ascensão de Hitler a chanceler do Reich.

O último período da narrativa, composto por apenas dez páginas, corresponde a nova mudança de casa (Rose é obrigada a sair da casa dos Krempke e a alugar um quartinho num prédio moderno e impessoal) e à convocatória da jovem para os escritórios da polícia no Alexanderplatz. Ali, um oficial intrigado pelo seu aspecto “ariano” leva-a a assinar uma admissão de culpa e uma retractação por ter escrito uma carta em que descrevia Hitler como um criminoso, após o que lhe dá um período de cinco dias para voltar ao edifício da polícia, mas, simultaneamente, sugerindo a possibilidade de fuga ao insinuar: “se, nessa altura, ainda por cá estiver...”. A narrativa termina com uma Rose que sente repugnância por si própria, “vergonha de ser nova e de ter um aspeto ‘ariano’” (Losa, 2000: 196) e “cinco dias para deixar o país” (Losa, 2000: 196).

É de sublinhar que, nos poucos anos que medeiam entre o nascimento de Rose (referido na página 22 como tendo acontecido um ano antes da mobilização do tio Franz, em 1914) e a saída da Alemanha, por volta de 1933 (após a ascensão de Hitler a chanceler), a vida no país sofreu inúmeras transformações: primeiro a guerra, depois os tempos do pós-guerra, marcados pela capitulação da Alemanha e pelas condições estabelecidas no Tratado de Versailles, a abdicação do Kaiser Wilhelm II, a fundação da República de Weimar, a hiperinflação, o crash da bolsa de valores de Nova Iorque e o elevadíssimo desemprego, que favoreceram o progressivo avanço do NSDAP (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) e culminaram na instauração da ditadura nacional-socialista.

Ana Isabel Marques observa que, a despeito de um percurso biográfico marcado por referências a acontecimentos históricos com datas precisas, este texto é “quase totalmente despojado dessas marcas, como que fazendo deslizar as personagens e a trama que as une para um plano temporal, não diria indefinido, mas de balizamentos cronológicos muito ténues.” (Marques, 2001: 61) De acordo com esta investigadora, tal estratégia pode servir os propósitos da verosimilhança, na medida em que representa a forma como “a criança judia recordaria os tempos da sua infância, memórias pejadas de pormenores de singular contundência sensorial, mas de uma cronologia a todos os títulos nebulosa.” (Marques, 2001: 61)) Deste modo,

Ao destituir a narrativa de marcos temporais ou referências rentes à realidade, verifica-se um investimento acrescido na subjectividade com que esse período é vivido. O relegar para segundo plano o evoluir dramático dos acontecimentos da política torna mais pungente o próprio drama da afirmação da identidade da protagonista. (Marques, 2001: 61)

Todos estes acontecimentos são referidos, de forma quase sempre breve e fragmentária, ao longo da diegese, servindo como pano de fundo às reminiscências da narradora e enquadrando no tempo a sua história, que parte dos tempos da primeira infância e da protecção na casa dos avós e, mais tarde, na casa dos pais, e passa pela sua ida para a escola primária, seguindo-se-lhe o liceu, a morte do pai, a entrada na vida adulta e o primeiro contacto com o mundo do trabalho, quando chega à grande Berlim dos anos 20. Ou seja, Rose nasce num momento crucial da história do seu país e, em escassos 20 anos, a vida proporcionar-lhe-á inúmeras experiências, muitas delas traumáticas, devido à sua origem judia.

O percurso de Rose parte da ordem, do conforto do lar numa pequena aldeia e do carinho dos avós (sobretudo do avô) e, à medida que cresce e vai tomando consciência de si, vai adquirindo elementos de desordem, até culminar, já na idade adulta, na agitação de Berlim e no caos que o anti-semitismo exacerbado do regime nacional-socialista irá trazer à sua existência. Neste sentido, procurar-se-á demonstrar com esta análise que o romance se apresenta ao leitor como um quadro da vida dos judeus alemães nos primeiros trinta anos do séc. XX, uma vez que representa não só a existência da narradora até à sua fuga da Alemanha (o próprio título remete para uma retrospectiva das vivências num mundo que já não é o da narradora/autora), como dá voz a todos os que, tal como ela e a sua família, viram o seu quotidiano evoluir de uma convivência pacífica, embora por vezes pontuada de episódios de anti-semitismo e discriminação social, para uma degradação progressiva que culminou com a alienação social caracterizada por humilhações, perseguições, detenções, destruição e confiscação da propriedade/do património, ostracismo, fuga/abandono do espaço europeu ocupado pelos nazis e a morte em campos de concentração.

No início da diegese, decorre a Grande Guerra e a vida na aldeia é marcada, embora não atingida directamente, pelo conflito: vive-se um período de escassez e de sacrifícios, que se reflectem na casa dos avós de Rose (frequentemente faltam ovos para o pequeno-almoço; a avó, por vezes demasiado poupada, aproveita a batata até ao mais insignificante pedacinho; Rose não pode ter os brinquedos que deseja), os habitantes da aldeia reúnem-se para lerem os comunicados com as notícias do conflito (Losa, 2000: 20), de vez em quando chega a notícia de um combatente que é ferido ou morto na guerra (Losa, 2000: 21).

O filho mais novo dos avós de Rose, o tio Franz, também se encontra na frente de combate. Quando vem a casa de licença, a protagonista espanta-se com o seu aspecto: “Que tivesse olhos de um azul tão luminoso eu não imaginara. Parecia-se mais com um rapaz que, quando muito, brincasse às guerras de índios mas não entrasse em guerras a sério. Esta impressão nem o uniforme cinzento conseguia destruir” (Losa, 2000: 24). Tal como *Im Westen nichts Neues*, esta passagem parece acentuar a juventude dos soldados que combateram na Primeira Guerra Mundial. Quando instado a contar histórias do conflito, Franz mostra-se relutante.

Mas por fim acabou por falar no tenente a que estava subordinado e que detestava os judeus, lhes chamava nomes feios, chegava mesmo a tratá-los por “judeu porco”, “safado”, e coisas do género.

- Porquê?, perguntei.

- Sabe Deus porquê, disse o tio Franz. O que sei é isto: ser judeu é uma desgraça. (Losa, 2000: 24)

Por um lado, esta atitude tende a reflectir o modo como grande parte da sociedade alemã via os judeus que tinham obtido a sua *Emancipação* em 1871, após a constituição em Versalhes do Império Alemão, liderado pela Prússia. Apesar da crescente importância social dos cidadãos judaicos, que podiam habitar as mesmas zonas da cidade que os restantes alemães, de as crianças poderem frequentar as mesmas escolas, de uma aparente aceitação e integração que se reflectia na própria participação dos judeus na guerra, subsistiam em muitos alemães sentimentos anti-judaicos que o tempo ainda não havia conseguido apagar. Simultaneamente, a teoria da raça e da superioridade da raça ariana, com olhos azuis e cabelos loiros, era levada ao extremo. Com ironia amarga, Rose possui essas características físicas e serão elas que a irão salvar de um destino que, de contrário, teria sido trágico.

Por outro lado, estas palavras revelam o sentimento do jovem Franz, que cresceu e se fez adulto entre duas culturas e que, em família, expressa desagrado pela forma como o seu povo é desconsiderado e ofendido. A amargura leva-o a definir a sua ascendência como “uma desgraça”, uma inescapável fatalidade que lhe provoca alguma revolta, mas Rose também nota que o tio não confrontara o tenente. Perante esta situação, a pequena Rose reage à resposta do tio, comentando no texto que ele se limita “ao queixume de que era uma desgraça ser-se judeu” (Losa, 2000: 25).

Por várias vezes ao longo da diegese, também Rose se verá confrontada com esta dualidade identitária, pois os judeus identificavam-se em primeiro lugar como alemães e

não como judeus. Os traços físicos comuns a Rose, ao avô Markus e ao tio Franz (os olhos azuis), a língua alemã, que era o veículo de comunicação da família com judeus e cristãos, e a própria presença do pai e do tio Franz na guerra também sublinham os fenómenos da integração social e da assimilação cultural, ainda que, de forma frequente, surgissem atitudes discriminatórias por parte da comunidade cristã em relação aos cidadãos alemães de ascendência hebraica.

Os avós procuram viver com decoro e discrição, como se quisessem passar despercebidos, ou para ganharem o respeito da aldeia. Quando Rose faz anos e recebe dos pais uma caixa com três vestidos para escolher um, a menina escolhe o de cor de tijolo, por achá-lo mais alegre. No entanto, esta escolha vai contra os hábitos de austeridade da avó paterna:

- Alegre?!, exclamou a avó. Para quê um vestido alegre? A cor não é prática, suja-se com facilidade. E não é no lavadouro que os vestidos se conservam. De resto, uma menina judia não deve dar nas vistas. (Losa, 2000: 17)

É através do contacto com os avós e da participação nas cerimónias na sinagoga que Rose se vai familiarizando com os rituais e costumes daqueles a quem a família chama “a nossa gente” (Losa, 2000: 45). Assim, a narradora conta como, em casa,

Depois da refeição terminada, o avô punha um barretinho na cabeça e rezava, as mãos no colo, uma em cima da outra. Em seguida tirava-me da cadeira, aconchegava-me entre os joelhos e pousava-me a mão direita sobre a cabeça. Era assim que me abençoava dia após dia, e sempre com a mesma calma, a mesma solenidade, o mesmo amor. (Losa, 2000: 12)

Losa aproveita vários momentos da diegese para descrever os rituais e celebrações judaicas e a sua razão de ser, ligando-os às suas raízes identitárias, quase sempre recorrendo às palavras de figuras tutelares mais velhas como o sr. Heim ou o avô materno, que se socorrem da autoridade dos ensinamentos das escrituras sagradas para explicarem as tradições do seu povo. É o caso das cerimónias fúnebres (Losa, 2000: 70), das práticas *kosher* (Losa, 2000: 73), do *Rosh Hashanah* (Losa, 2000: 79), do *Jaumkipur* (Losa, 2000: 80), da *Chanuka* (pp. 80-81), do *Passah* (Losa, 2000: 90-92) e do *Barmizwoh* (Losa, 2000: 135-136)⁸⁰.

⁸⁰ A grafia dos termos hebraicos utilizada neste trabalho é aquela que a autora usa na obra.

Rose também descreve como os membros de cada religião iam todas as semanas ao templo, “Às sextas-feiras ao anoitecer e aos sábados de manhã, os judeus iam à sinagoga, enquanto os cristãos veneravam o seu Deus aos domingos, na igreja” (Losa, 2000: 38). Na sinagoga, os homens sentavam-se “em baixo, na secção dos homens” (Losa, 2000: 38), pois só eles podiam pegar nos rolos da tora e ler os textos sagrados, enquanto as mulheres subiam para a galeria a elas destinada, sem intervirem nas cerimónias. Intrigada com esta separação, Rose procura obter da avó uma resposta satisfatória sobre o seu motivo, ao que Ester surpreende a neta com a seguinte resposta: “Enfim, as coisas já estiveram piores. Espero que se deem grandes modificações até tu seres uma rapariga crescida.” (Losa, 2000: 39)

A verdade é que a narradora apresenta a sua vida familiar estruturada em torno dos papéis tradicionais do homem e da mulher, tanto quando mora na casa dos avós, como na casa dos pais. À avó Ester cabe a gestão da vida doméstica, a confecção das refeições e os cuidados com a casa e a roupa. É também ela quem gere o dinheiro, porque, como indica Rose, não reconhece ao marido a capacidade de gestão das poupanças familiares (o avô passara para o pai de Rose o negócio da venda de cavalos anos antes, devido a problemas de saúde).

A autora não levanta questões quanto ao papel social da mulher nem acerca da relação distante entre os avós. Mesmo quando, na já citada entrevista à revista *Tranvía*, Ilse Losa é questionada sobre esse aspecto, explica que via a relação dos avós com a naturalidade inerente às crianças pequenas, e que a sua forma de encarar essa interacção era marcada pelo modo atento e carinhoso como o avô paterno a tratava, apesar de conjecturar que, se o avô não tivesse morrido numa fase tão precoce da sua vida, talvez essa temática tivesse surgido (Engelmayer, 1998: 63). Daqui podemos inferir que a Ilse Losa interessou mais salientar a vertente emocional da relação de Rose Frankfurter com o avô e o contributo dessa relação para a felicidade da protagonista durante a sua infância.

À medida que vai crescendo, Rose vai adquirindo maior consciência do fosso que separa os hebreus dos cristãos. Apesar de, desde sempre, a menina já ter a noção da distinção entre os dois grupos, é quando começa a ir à escola que, aos poucos, vai sentir mais intensamente na pele a força do estigma que carrega. Assim, logo no primeiro dia da escola primária

Quando o sr. Brand tomou nota do meu nome ninguém se virou para mim com sorrizinhos [*sic*] por soar a judaico, ninguém achou estranho eu

responder «Israelita» à pergunta do sr. Brand quanto à minha religião. Fora a mãe que me recomendara: “Quando o sr. Brand te perguntar pela religião, diz-lhe que és israelita. Soa melhor do que judia”. (Losa, 2000: 66)

Apesar de Rose achar que esta era “uma palavra estranha que não parecia pertencer à minha língua” (Losa, 2000: 66), admite que ninguém estranhou a designação nem o facto de o seu pai ser comerciante de cavalos, uma vez que muitos colegas seus eram filhos de lavradores e conheciam o seu pai. O mesmo não aconteceria mais tarde, no liceu situado numa cidade maior, quando, e novamente por recomendação da mãe, a jovem volta a identificar-se como israelita e diz que o pai é comerciante: “Na escola primária tudo fora natural. No liceu colegas viraram-se e olharam-me” (Losa, 2000: 103) A distância temporal permite à narradora observar que “os acontecimentos agradáveis, as amizades, a solidariedade de algumas companheiras de estudo me parecem agora independentes das angústias e das dúvidas que sofria” (Losa, 2000: 117), mas não esquece que

[...] naquele tempo tudo isso formava um todo e embaciava os momentos belos como um manto de nevoeiro invisível. Nunca me sentia totalmente livre. Torturava-me o receio de que alguém pudesse escarnecer dos judeus. Via-me sempre na perspectiva de ter de defender «a nossa gente» [...] Mas raras vezes as companheiras se manifestavam agressivas ou ofensivas na minha presença e quando isso acontecia o sangue subia-me à cabeça e a garganta apertava-me de tal forma que não conseguia defender-me. Tinha-me por cobarde. (Losa, 2000: 117)

Ao longo do percurso no liceu, Rose irá perceber que as atitudes dos colegas reflectem os efeitos do discurso anti-semita na sociedade alemã, embora se recrimine por se sentir incapaz de enfrentar a maioria e lutar contra o preconceito. Tal sucede, por exemplo, numa ocasião em que Rose acompanhava um grupo de colegas à saída da escola e, ao passar pela sinagoga, viu uma delas, Käte, “baixar-se, fazer uma bola de neve que atirou contra o templo e ouvi-a soltar gargalhadas. Os rapazes que a acompanhavam imitaram-na. Vi Herbert ir ter com eles e falar-lhes. Viraram-se para mim. Depois continuaram caminho. O corpo escaldava-me.” (Losa, 2000: 118). A incapacidade de se defender incomodava Rose, que evitava situações de maior interacção social

[...] pois receava que alguém troçasse dos judeus. Mas lembro-me nitidamente de um outro receio que me apoquentava paralelamente: incomodava-me apanhar os outros numa indelicadeza, vê-los na necessidade de se justificarem, de se humilharem diante de mim. Entre ser-se humilhado ou ver os outros humilharem-

se diante de nós, a primeira situação é mais deprimente mas a segunda mais penosa. (Losa, 2000: 119)

Esta sensibilidade cortês pode constituir um dos motivos por que tantos membros da comunidade hebraica se deixaram espezinhar, sem capacidade de reagir atempadamente e com determinação a uma espiral de troça, insultos e preconceitos, que acabaria por gerar o ódio devastador que viria a manifestar-se mais tarde, já após a chegada de Hitler ao poder e a instauração do chamado III Reich. Numa outra ocasião, após uma desconsideração por parte da irmã do namorado, Rose voltará a ponderar sobre o modo como os judeus se deixaram ultrajar: “Meu Deus, porque é que não tínhamos orgulho? Porque é que deixámos que nos humilhassem e pisassem?” (Losa, 2000: 160)

Mas nem todos eram como Rose: a sua mãe, por exemplo, adopta uma atitude mais corajosa quando, no decorrer de uma viagem, um “senhor bem posto e de luvas amarelas” (Losa, 2000: 119) comenta com naturalidade que gostaria de passar umas férias na praia, mas que não o faz, visto as praias estarem “[...] cheias de judeus. E eu não posso com judeus” (Losa, 2000: 119). Sem hesitar, a mãe de Rose diz-lhe que é judia, deixando o seu interlocutor muito atrapalhado:

- Perdão, minha senhora, não quis ofendê-la. A gente diz estas coisas mais por hábito. Creia que a achei simpática logo que a vi a entrar. De resto tenho alguns bons amigos judeus. Eu não detesto os judeus, digo muitas vezes aos meus amigos judeus: se todos fossem como vocês, nem havia anti-semitismo...

Desfez-se em medidas, mas a minha mãe conservou-se reservada.

Oh, essa frase horrível que tantas vezes havia de ouvir: «Se todos fossem como tu...». E o ridículo facto: cada alemão tinha o seu bom amigo judeu que era uma exceção. (Losa, 2000: 119)

Ainda mais marcante é o episódio ocorrido durante a festa anual de tiro, em que Leo, o pai de Rose, é alvo do ódio de um conterrâneo. A festa estava animada, a banda de música tocava, as pessoas bebiam cerveja, comiam salsichas e pão com presunto, cantavam e dançavam (Losa, 2000: 137). Quando Leo volta à mesa, Rose ouviu “uma voz gritar: - Seu judeu porco!” (Losa, 2000: 137). O insulto, proferido pelo inspector que havia impedido o namoro do filho com uma rapariga judia, suscita uma indignação imediata no pai de Rose:

O meu pai enfrentou-o, os olhos flamejavam-lhe:

- Retire o que disse!

O outro soltou uma gargalhada:

- Não retiro nada. Repito: seu judeu porco!

Então o meu pai, sempre pacífico e que não gostava de discutir, pegou na caneca de cerveja mais próxima e despejou o conteúdo na cara do inspetor. No mesmo momento, braços seguraram o meu pai e outros o inspetor. Era como se dois partidos inimigos se tivessem formado.

Regressámos a casa. Sem falar. Alguma coisa terrível se passara e pesava sobre nós como um pressentimento. (Losa, 2000: 137)

A questão da convivência entre judeus e cristãos destaca-se na narrativa. Desde cedo, Rose apercebe-se da controvérsia (ou, até, mal-estar) provocada por namoros e/ou casamentos mistos, embora faça referência a alguns relacionamentos que são aceites pela família e pela comunidade: o de Werner Levy com Hildegard, cujo pai “[...] não se incomodava com o facto de o namorado da filha ser judeu. Constava ser um homem liberal e, nesse tempo, isso significava elogio” (Losa, 2000: 100) e o casamento do tio Franz, que, apesar das reservas da mãe [*Kleine Oma*], se casa com a terna Marie, o que conduzirá, mais tarde, a uma tragédia: “Marie morreu. No fim da guerra o seu nome figurou, burocraticamente, entre os dos mortos em Buchenwald.” (Losa, 2000: 113-114)

Contudo, são referidos vários casos de relações que não chegam a ser aceites pelas famílias e a própria comunidade: “A avó pouco falava do tio Josef. Sempre que se tocava no assunto, dizia que perdera a estima da família por ter casado com uma americana que nem sequer era judia.” (Losa, 2000: 11). Por outro lado, o casamento de Lilli, uma amiga cristã da mãe de Rose, com o actor de teatro judeu Richard Brent também provocara na família da amiga uma reacção semelhante:

O pai de Lilli não quisera admitir um judeu na família e, além disso, não lhe agradara a ideia de ter como genro um ator. «Se casares com ele, estarás morta para mim e para a tua mãe», avisara. Mas ela não se deixara intimidar e casou com Richard Brent. Nunca mais voltara a ver o pai nem a mãe. (Losa, 2000: 83)

Na família Frankfurter surgem outras uniões desta natureza. Helga, a irmã mais nova da mãe de Rose, casa “com um senhor de Munique, de nome von Reichenstein” (Losa, 2000: 86). Nem os pais do noivo nem o pai da noiva concordavam com o casamento. Magoado, o avô Jakob chegou a comentar, numa carta, “a atitude rebelde da filha” e queixava-se de que “A família von Reichenstein, velha família fidalga, decerto com fortes tendências anti-semitas, não admitiria sequer que a tia Helga lhe fizesse uma visita.” (Losa, 2000: 86)

Durante a passagem do jovem casal pela casa dos Frankfurter, von Reichenstein mostra-se caloroso e bem-humorado, embora Rose note que o tio tratava o cunhado Leo, pai da protagonista, com alguma condescendência. A menina pede ao novo tio que lhe conte histórias do tempo em que esteve na guerra, pedido que é aceite de bom grado:

Prontamente começou a relatar aventuras em que ele e os amigos desempenhavam os papéis de heróis. Não falava da guerra com o tom de desalento do avô Markus, nem com a insatisfação e o rancor do tio Franz ou com o modo irónico do meu pai, mas antes como quem está a relembrar os tempos mais belos da vida. A avaliar pelo que nos contava, ele e os amigos deviam contar-se entre os homens mais corajosos do exército alemão, parecidos com aqueles de quem nos falam os livros de história e as velhas lendas. Ao ouvir o tio Reichenstein, esquecíamos-nos da derrota da Alemanha e até da fuga do Kaiser. (Losa, 2000: 87)

Estamos, pois, perante uma personagem que não só se congratula com a vida na frente de combate, como inclui na narração da sua experiência elementos que levam a criança a estabelecer paralelismos com as aventuras descritas nos livros de história e nas lendas antigas. Mesmo após o final da guerra, a derrota da Alemanha e a fuga do *Kaiser* Wilhelm II, o nobre von Reichenstein parece estar preso ao passado (ou à ideia que dele tem). Neste sentido, esta personagem aproxima-se de Eric von Lhomond de *O Golpe de Misericórdia*, ao mesmo tempo que se distancia das posições de outros antigos combatentes como o pai e o tio de Rose (*O Mundo em que Vivi*) e de Paul Bäumer de *Im Westen nichts Neues*.

Emblemática é a história de amor entre Rose e Paul Marten, que vivem um sentimento intenso, mas ensombrado pelo anti-semitismo de Ricarda, a irmã do rapaz, que acabará por ditar o fim do namoro. Tendo perdido os pais, Paul era muito influenciado pela irmã, que “simpatizava com o movimento nacional-socialista” (Losa, 2000: 153) e que “queria fazer-me sentir que o mundo de Paul não era o meu” (Losa, 2000: 153). Segundo Rose, “não é possível desprender o tempo de Paul de um todo, porque ele faz parte da perturbação geral que reinava no país” (Losa, 2000: 153). A contrastar com a fraqueza de carácter de Paul, surge Kurt, o seu melhor amigo, dono de uma livraria e dotado de fortes convicções, que “tentava combater nele a influência da irmã”. Apesar disso e do amor que dizia sentir por Rose, Paul acaba por ceder à pressão da irmã e afasta-se definitivamente da namorada quando ela se vê forçada a partir para Berlim em busca de trabalho.

Todos estes acontecimentos permitem dar a ver o ambiente hostil gerado por um crescente sentimento anti-semita, de que Rose vai dando conta ao leitor, sobretudo a partir do final da adolescência e início da vida adulta. Aquando da mudança da família para uma cidade maior, com o objectivo de abrir uma pensão, Rose observa que a mãe “teria preferido alugar só a judeus para evitar complicações. O anti-semitismo aumentava, o nome de Adolf Hitler estava na ordem do dia” (Losa, 2000: 148). A antipatia em relação aos hebreus era exacerbada por certa imprensa que reproduzia “caricaturas de judeus de monstruosos em cavalete, olhos esbugalhados, cobiçosos, expressão brutal ou lasciva e mãos papudas, carregadas de anéis descomunais” (Losa, 2000: 148). Antigos preconceitos e superstições voltavam a ser evocados pelos jornais, que publicavam

[...] artigos aterradores sobre o culto religioso nas sinagogas e nas casas judaicas. Chegava a afirmar-se que os judeus matavam crianças na noite de Passach em que esperavam o Messias. Nos carros eléctricos e nos comboios viam-se os passageiros divertirem-se à conta de tais histórias e das gravuras repugnantes que as ilustravam. Talvez não acreditassem no que liam e viam, mas procuravam a excitação e até o arpejo que lhes havia de justificar o pôr a descoberto os seus maus instintos. (Losa, 2000: 148)

Não obstante as mágoas que guarda em relação a esse período, a narradora não se deixa dominar pelo ódio e é capaz de discernir que muitas dessas pessoas estavam perturbadas pela falta de trabalho e a sua precária situação económica e social: “Jovens e velhos perdiam os empregos e esperavam em bichas nas repartições de trabalho pelo selo e o carimbo nos cartões do seguro social.” (Losa, 2000: 148) Desnorteados, os desempregados “exaltavam Hitler, que lhes prometia trabalho e lhes afirmava serem os judeus os culpados da desgraça económica do país. O nome ‘judeu’ cada vez se tornava mais injurioso.” (Losa, 2000: 148)

Na nova casa, a mãe de Rose era obrigada a trabalhar muito e a suportar as exigências de alguns inquilinos, mas revelava satisfação por ter sido capaz de reorganizar a sua vida e prover ao sustento da família. Alguns inquilinos, por sua vez, discutiam as posições do movimento sionista, apoiado de modo fervoroso pelo sr. Wolf, enquanto outros, nomeadamente o sr. Kahn, receavam “que aquele movimento fosse alimentar o anti-semitismo” (Losa, 2000: 150). Enquanto o sr. Kahn “se dizia ‘alemão de alto a baixo’ e não compreendia a aspirações dos outros judeus à terra de Israel” (Losa, 2000: 150), o sr. Wolf, “rapaz de aspeto ‘tipicamente judaico’, defendia o sionismo, pois sofria quando

andava na rua e “chamava a atenção das pessoas influenciadas pela propaganda contra os judeus e que o insultavam e ridicularizavam” (Losa, 2000: 150)

Afectada pela incerteza da sua relação com Paul, pela pouca firmeza de convicções manifestada pelo namorado e pelas preocupações com as acusações de que era alvo o povo hebreu, Rose não fica imune à degradação progressiva que afecta a vida dos judeus, agora transformados em bode expiatório de todas as desgraças que afligiam o povo alemão: “Acusavam-nos de sermos causadores de tudo: do desemprego, dos baixos salários, do desequilíbrio financeiro e de sermos responsáveis pelas desditas da Alemanha e do mundo inteiro; ‘os judeus são a nossa desgraça’, era o ‘slogan’ do dia.” (Losa, 2000: 154)

Triste, desiludida, Rose acaba por se ver forçada a abandonar os estudos e a procurar emprego em Berlim, sozinha num mundo que se lhe torna cada vez mais adverso. Aluga um quarto humilde na casa dos Krempke, um casal com a vida desfeita pelo desemprego do marido. Diz a mulher que o sr. Krempke, ultimamente, começa a deixar-se influenciar pelos discursos de Hitler, que “promete tudo: trabalho, casa, automóvel. Um automóvel para cada operário. O meu marido não é nazi, sempre foi um bom social-democrata⁸¹ [...] Mas de há um tempo para cá anda a cismar” (Losa, 2000: 165). Por recear confrontos com os vizinhos, Frau Krempke sugere que a religião de Rose não seja revelada, “[...] senão ainda são capazes de nos meter em sarilhos. Sabe o que o Müller outro dia disse? Que qualquer dia parte a cara ao patrão, que é judeu.” (Losa, 2000: 165).

Por intermédio de um familiar do Sr. Wolf, Rose consegue um emprego numa companhia de seguros, onde ganha tão pouco que o gerente, apesar das dificuldades que o negócio atravessa, lhe oferece um emprego extra como professora de piano do filho. Rose faz amizade com Else, a outra empregada do escritório, que vive com um pintor judeu. Quando engravida, Else, amedrontada, chega a pensar em abortar, pois “[...] chamam bastardos às crianças de mãe ou pai judeu [...] E que farão eles um dia aos bastardos?” (Losa, 2000: 182). Else acaba por se decidir a ter a criança, quando chega o dia 30 de Janeiro de 1933.

Mas quando à tardinha deixámos o escritório, o nosso futuro tinha-se decidido. Adolf Hitler era chanceler do Reich.

Nessa noite marcharam as tropas de uniforme castanho. Em cada mão um archote. Em cada boca um grito de entusiasmo. Braços erguidos. Botas, botas,

⁸¹ Nesta época, o Partido Social-Democrata alemão (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*, SPD) situava-se à esquerda no espectro político-partidário.

botas a bater no pavimento, num ritmo igual, sempre igual. Os archotes, o mar de chamas, o ritmo das botas. Gritos. Canções. Vitória! (Losa, 2000: 183)

Note-se como o ritmo das frases breves contribui para o acentuar de uma cadência que remete para o marchar da multidão que aclama o novo chefe de estado. A autora recorre com alguma frequência à metáfora da trovoadas, que funciona como um *leitmotiv* ao longo do romance, para descrever a aproximação da catástrofe. Tal sucede após o insulto ao pai durante a festa de tiro (Losa, 2000: 138), e quando refere o tempo em que namorou Paul (Losa, 2000: 151), Rose volta a comparar a trovoadas com a nomeação de Adolf Hitler para:

Em qualquer parte marchavam o inspetor e o filho, em qualquer parte marchava Ricarda. Em qualquer parte marchava Paul, com o archote na mão, com gritos na boca. Não havia mais distância entre o relâmpago e a trovoadas. Um horrível estrondo fazia estremecer a terra. E a voz, numa angústia mortal, exclamou: “Agora está mesmo por cima de nós!”. (Losa, 2000: 184)

É neste contexto que o gerente da companhia de seguros, o Sr. Herz, que se solidarizara com Rose, se suicida ao saber-se prestes a ser preso pelos “homens do uniforme” (Losa, 2000: 187). É substituído pelo sr. Höflich, “pouco antes ainda dono de uma galeria de quadros que tivera de fechar. Mas o sr. Höflich fugiu para Praga e eu tinha de lhe mandar para lá a correspondência. Embora me tivesse dito que talvez voltasse, eu sabia que não voltaria mais” (Losa, 2000: 187). Por outro lado, Else, única amiga de Rose em Berlim, fora “acusada de desonrar o ‘sangue ariano’, por isso partiu precipitadamente com Rolf para o estrangeiro” (Losa, 2000: 187). Para agravar ainda mais a situação, Rose, cada vez mais sozinha, fica a saber pela Frau Krempke que

O meu homem arranjou trabalho. Fez-se membro do partido. E é por causa do partido que não podemos ter em casa uma pessoa como a menina. Os Müller já começaram a desconfiar, e se ficam a saber a verdade, então adeus partido, adeus emprego! Compreende que não tenho outra saída? (Losa, 2000: 188)

Mais uma vez, Rose tem de abandonar o sítio onde se tinha fixado e aluga um quarto num outro prédio. Desenraizada, decide ir passar as férias a casa, ficando a saber que alguns inquilinos abandonaram a pensão e que os seus irmãos estão a equacionar a hipótese de emigrarem. Vai à livraria visitar o amigo Kurt, que lhe mostra um armário onde escondera alguns dos livros proibidos e queimados em autos-da-fé para gáudio dos

apoiantes do regime: “Livros queimados, explicou, atirados para fogueira. Vês? Thomas Mann, Heinrich Mann, Franz Werfel, Sigmund Freud...” (Losa, 2000: 188).

Quando volta a Berlim e ao escritório vazio, Rose é surpreendida pela visita de dois homens que procuram “uma judia de nome Frankfurter” (Losa, 2000: 188). Vêm intimá-la a comparecer no dia seguinte no prédio da polícia no Alexanderplatz, sem lhe revelarem o motivo da convocatória. Mais tarde, vimos a saber que tal se deve a uma carta que Rose escrevera ao amigo Kurt, na qual dizia que o Führer era um crioulo, e que acabara sendo interceptada pelas forças de segurança (Losa, 2000: 193). Enquanto um deles examina o conteúdo das gavetas, o outro, surpreendido pelo aspecto da jovem, tenta certificar-se de que Rose é mesmo a judia que procuram:

- É mesmo a Judia Frankfurter?

[...]

- Sou sim.

- Onde roubou o cabelo? E os olhos? (Losa, 2000: 189)

A seguir à nomeação de Hitler e, sobretudo, na sequência do incêndio do Reichstag a 27 de Fevereiro de 1933, as perseguições aos que foram declarados inimigos do regime intensificaram-se de tal ordem, que, nesse ano chegaram a estar detidos cerca de duzentos mil presos políticos por toda a Alemanha (Wachsmann, 2015: 31). Quase todos eram cidadãos alemães, na sua maioria membros e simpatizantes do partido comunista alemão (*Kommunistische Partei Deutschlands*, KPD), tratados como terroristas pelo regime nazi, que atribuía àquele partido as culpas no incêndio do Parlamento.

É nestas circunstâncias que, após uma noite agitada, Rose se dirige ao edifício indicado, onde se depara com “corredores apinhados de gente. Gente, gente. Homens e mulheres. Uns de cabeça enterrada nas mãos, outros com os olhos cravados no vazio. Outros a chorar em surdina” (Losa, 2000: 192). Levada à sala marcada, depara-se com o homem que estivera no escritório, agora sentado a uma secretária debaixo do retrato do novo chefe de estado. Vai ser sempre tratada por “Judia Frankfurter”, não “Fräulein” como era usual na época. Mais uma vez, o homem (identificado pela narradora com “o meu inquisidor”) mostra-se tão surpreendido pela aparência da jovem, que afirma que “teria apostado que era ariana pura...” (Losa, 2000: 193)

Após o interrogatório, o homem, dizendo-se bem-disposto, chama uma secretária e dita-lhe uma carta que Rose assina, em que a jovem se retracta do que escrevera sobre

o *Führer*. Então, numa espécie de reviravolta do destino, o homem diz-lhe que o documento será levado a uma instância superior e que, num prazo de “cinco dias saberemos para onde a teremos de levar, Judia Frankfurter. [...] Se, nessa altura, ainda por cá estiver...” (Losa, 2000: 196). Percebemos depois que o homem se deixara encantar pela beleza de Rose, pois sugere “Judia! Gostava de a encontrar esta noite.”, mas é rapidamente admoestado por um colega, que lhe diz que aquelas não são coisas para as horas de serviço, apesar de estar de acordo com a insinuação anteriormente feita pelo colega: “Você, pequena, desapareça! Sem demora, ouviu?” (Losa, 2000: 196) E assim Rose, sentindo “repugnância por mim própria, vergonha de ser nova e de ter um aspecto «ariano». Do meu prazo de cinco dias...” (Losa, 2000: 196) decide que tem de abandonar o país nesse período. O romance termina desta forma, deixando em aberto o que Rose Frankfurter fez depois e como resolveu a sua saída da Alemanha.

Esta obra introduz uma representação da Alemanha num período de viragem da História, sobretudo para os cidadãos de origem semita, as personagens centrais da narrativa. As tradições e a cultura marcam e definem a identidade da narradora, mas, ao defini-la, Rose apresenta-se como o produto de anos de convivência e assimilação cultural, já que o seu aspecto “ariano” realça a miscigenação e a confluência de culturas que caracteriza a Europa. Desde o início da diegese, Rose refere-se ao território alemão como sendo seu e da família (*a nossa rua*, p. 14; *a nossa casa*, p. 47; *na nossa floresta*, p. 60; *os nossos rios*, p. 60; *o meu salgueiro*, p. 71), rememora no cheiro das iguarias de Natal na casa dos Dorn (Losa, 2000: 36), refere a participação do pai e do tio Franz na guerra como “um defensor da pátria em terras longínquas” (Losa, 2000: 25).

Também em termos religiosos, Rose salienta que, de início, ela e os irmãos não observavam os preceitos da religião nem tinham lições de Bíblia e hebraico (Losa, 2000: 72), uma vez que a mãe, Selma, a quem o pai atribuía a educação dos filhos, não se preocupava com o aspecto religioso. Pelo contrário, “rabinos, padres, pastores, em sua opinião, ganhavam dinheiro sem fazerem coisa útil.” (Losa, 2000: 74). Somente por insistência e pressão do avô materno é que as crianças começam a receber lições de religião em casa, ministradas pelo Sr. Heim. Desse modo, depreende-se que, na época, muitos membros da comunidade judaica na Alemanha estavam integrados nela mais por uma questão de cultura e ancestralidade, do que por motivos de fé propriamente dita.

A família mostra-se confortável e membro de pleno direito da cidadania alemã, sendo a origem judaica mais um aspecto da sua identidade, não o único. Chegam mesmo a recriminar o Dr. Schönberg por este revelar que mandou baptizar os filhos para “lhes

facilitar o futuro” (Losa, 2000: 101). Na opinião da família, essa é uma medida que revela falta de orgulho do médico na sua gente e Rose, perplexa, pergunta-se se gostaria de ser protestante “para deixarmos de sentir qualquer diferença das outras pessoas”, mas conclui que “ser católico não adiantava [...] pouco mais consideração gozavam do que nós” e que “apesar de não me ser difícil de imaginar que seria mais cómodo e mais vantajoso tornar-me aquilo que era a maioria, não me seduzia a ideia de me batizar” (Losa, 2000: 101), pois isso representaria uma fuga a quem era e às suas raízes.

Por outro lado, não obstante a tentação do sionismo e de chegar a ir assistir a uma reunião daquele movimento, que muito a anima e enche de orgulho por ser judia, Rose é demovida pelos pais de continuar a integrar o grupo: “Só me meteria na cabeça a emigração para a Palestina e eu, como boa alemã, não devia abandonar a pátria a que pertencia.” (Losa, 2000: 104). Concluímos, então, que a família se identificava, em termos linguísticos e de nacionalidade, com a Alemanha e, em termos culturais, com as tradições do povo judaico. Não viviam da distinção, mas da confluência de culturas.

Neste romance, a alteridade é representada pelos alemães cristãos/não judeus, sobretudo os protestantes. Embora os judeus mantenham uma convivência diária e constante com os protestantes, os dois grupos não chegam, efectivamente, a formar uma unidade social. “A nossa gente” de Rose define-se em oposição aos outros, aos que celebram a festa de Natal (Losa, 2000: 80) e vão à igreja ao domingo (Losa, 2000: 38).

A assunção da identidade judaica pela protagonista não é, no entanto, um processo fácil e linear. Muito embora Rose Frankfurter se sinta integrada na comunidade hebraica, os repetidos confrontos com a alteridade alemã obrigam-na, desde cedo, a interiorizar a sua diferença – uma situação a todos os títulos desagradável, visto tratar-se de uma minoria malquista pelo comum da população. (Marques, 2001: 74)

Muitos habitantes da cidade onde Rose vive com os pais não calam o seu preconceito em relação aos judeus e, com o evoluir da crise política, económica e social, atribuem-lhes quase sempre a origem dos seus problemas, num perpetuar de uma atitude que já vinha desde o período da crise económica de 1873 e que se foi tornando socialmente aceite:

[...] the further Jewish integration progressed, - the more Jews blended into German society – the more pronounced anti-Semitism became. Soon

respected public men openly espoused their hatred of Jews, which lent political anti-Semitism an air of respectability⁸². (Markovits et al., 1998, 90)

A obra apresenta ainda a forma malévola como os judeus são retratados na imprensa aliada à propaganda anti-semita, retomando velhas superstições e imagens que demonizam os hebreus, e, acima de tudo, mostra como, à medida que essas campanhas se intensificam, os protestantes não se dignam defender os seus concidadãos e cedem à tentação da piada fácil e do insulto gratuito. Na imprensa alemã da época, muitos jornalistas e escritores como, por exemplo, Kurt Tucholsky, que foi perseguido, preso e acabou por sair para o exílio, onde se suicidou, foram chamando a atenção dos leitores para o escalar da agressividade e violência associadas a Adolf Hitler e aos seus seguidores, mas a opinião pública, fragilizada pelo desemprego e pela miséria, não lhes deu ouvidos e deixou-se embriagar pelos discursos populistas e demagógicos, hipotecou a sua liberdade e compactuou com um dos regimes mais perversos de que há memória.

⁸² Quanto mais progredia a integração dos judeus, - quanto mais os judeus se misturavam com a sociedade alemã – mais pronunciado se tornava o anti-semitismo. Em breve, conceituadas personalidades públicas assumiam o seu ódio aos judeus, o que conferia ao anti-semitismo uma aura de respeitabilidade.

3. Considerações finais

A literatura constitui um campo privilegiado de veiculação de imagens e representações do Outro, reflectindo, muitas vezes, não apenas a visão subjectiva do autor, mas também o modo como ele percebe as imagens formadas por determinado grupo social ou nacional em relação ao Outro e depois as transpõe para o discurso literário. Assim, podemos presumir que as representações literárias de estilos de vida, crenças, costumes e características nacionais de um povo ou uma nação são marcadas pela forma como o autor reflecte no texto um conjunto de traços positivos e negativos que lhe são atribuídos pelo colectivo em que se insere, ainda que filtrados pela apreciação do próprio autor e pela sua subjectividade.

Nas narrativas analisadas neste trabalho, encontramos um conjunto de auto e hetero-estereótipos que nos podem ajudar a compreender melhor a forma como a Alemanha e os alemães foram caracterizados por autores europeus no início do século XX, mais concretamente no período que decorreu entre as duas guerras mundiais. Ilse Losa e Erich Maria Remarque, alemães, apresentam-nos um conjunto de representações de um povo e uma nação que eram os seus, enquanto Marguerite Yourcenar nos apresenta um herero-estereótipo configurado na personagem de Eric von Lhomond.

Em *Im Westen nichts Neues*, Remarque concentra-se na Alemanha e nos alemães no período da Primeira Guerra Mundial. O autor salienta aspectos como o poder e a influência da educação (representada pela figura do professor Kantorek) sobre os jovens, o que os leva a alistarem-se como voluntários e sacrificar-se pela nação. Podemos afirmar que Kantorek constitui uma personagem-tipo com traços estereotipados, uma vez que representa os professores de liceu da Alemanha anterior à guerra – Paul diz que havia milhares de Kantoreks (Remarque, 2014: 17) – e reúne um conjunto de características de carga negativa, como o seu nacionalismo militante e o culto pela autoridade que, depois, foram exploradas com mais intensidade na adaptação ao cinema *All Quiet on the Western Front* (Lewis Milestone, 1930). Sendo inegável o poder de representação do cinema, não nos parece exagerado concluir que esta figura poderá ter tido um grande impacto na forma como os espectadores dos anos 30 percepcionavam os alemães, mais especificamente no exercício da autoridade.

O modelo educativo reflectia a ideologia prussiana da obediência ao Estado, do respeito pelas regras e pela autoridade, sem questionar a mensagem que era passada nem tão pouco contestar o seu conteúdo. A escola era o campo onde eram criados os cidadãos

cumpridores e “cultivados” os bons soldados. Esta perversão dos valores tradicionais da escola e da educação será, também, focada por Paul Bäumer, que se apercebe da discrepância entre os conteúdos que eram leccionados no liceu, lugar por excelência onde o país depositava confiança na formação cultural dos jovens, e os homens primitivos e animalizados em que se transformaram após a entrada do conflito. Confrontados com os bombardeamentos, a preocupação com a comida e a luta pela sobrevivência, os valores civilizacionais que os jovens julgavam possuir esbatem-se e depressa desaparecem. As lições do professor Kantorek perdem, assim, o seu sentido educativo e nos soldados ressoam apenas os seus discursos arrebatados, incitando os alunos a alistar-se.

Sem se aperceber de que esta era a forma do poder se perpetuar e manter a ordem estabelecida, Paul Bäumer e os seus colegas pensavam estar a combater por ser esse o seu dever e para defender a pátria dos seus inimigos. O período da recruta era muitas vezes dedicado a exercícios e tarefas sem sentido, que pretendem fazer sentir aos soldados que o mais importante na guerra é a autoridade e o respeito pelas hierarquias militares, em vez de os preparar melhor para enfrentarem a dureza dos combates nas trincheiras e ensiná-los a defender-se dos bombardeamentos e dos ataques com gases tóxicos.

Só na frente Ocidental, já em pleno campo de batalha, haverá um soldado mais velho (Katzinsky) que lhes explicará as estratégias de sobrevivência. O Estado e as chefias militares, a quem cabia essa tarefa, estão mais empenhados em exercer o poder e a autoridade do que em preparar os soldados para a guerra propriamente dita. Estes eventos fazem sobressair a imagem do militarismo alemão, no seu exercício cego da autoridade e do respeito pelas hierarquias até ao líder máximo, o *Kaiser* Wilhelm II, derradeiro símbolo da nação. Ao mesmo tempo, evidenciam as incongruências do discurso político e militar, que, de certa forma, se demite da sua responsabilidade de formar os bons soldados que tanto dão ao país e não os protege nem cuida para que lhes seja proporcionado um mínimo de bem-estar (boa comida, armas em condições, fardas e equipamento).

O episódio da visita do *Kaiser* às tropas também nos revela o recurso ao encobrimento da realidade para manter uma imagem harmoniosa de ordem, disciplina e bem-estar entre as tropas que não corresponde à realidade, uma vez que os soldados recebem fardas novas e consertam os equipamentos para que o imperador possa fazer boa figura e sair satisfeito. No entanto, após a sua partida, as fardas têm de ser devolvidas e a frente volta à sua rotina habitual. Ou seja, esta é apenas uma manobra de disfarce da realidade para que os meios de comunicação possam repercutir uma imagem consentânea

com os valores tradicionais e convencer a população civil do sucesso da guerra. Podemos encontrar uma certo paralelismo entre esta passagem em *O Mundo em que Vivi* de Ilse Losa, pois também a personagem Rose Frankfurter relata a forma como toda a aldeia se engalanou para receber a visita do imperador, espelhando este episódio a presença da monarquia no imaginário alemão.

Na sua viagem a casa por ocasião de uma licença, Paul dá conta do estado de desconhecimento em que vivem as pessoas, iludidas com a ideia de que o país está envolvido num conflito duro, mas pelo qual vale a pena fazerem sacrifícios e submeter-se a privações de ordem material. O clima é de apoio às tropas e ao seu avanço no terreno, por forma a expandir o território e afirmar o país no espaço europeu. O autor retrata uma população imbuída de um espírito nacionalista e imperialista, talvez por desconhecer as reais condições da frente de combate, sendo que só as mães dos soldados se preocupam a sério com eles.

Para a maioria daqueles que estão na cidade, a Alemanha está numa posição de domínio em relação aos inimigos e, portanto, a escassez que os atinge tem uma finalidade última que é o bem-estar colectivo. As necessidades individuais são remetidas para segundo plano, pois a nação é um valor que se sobrepõe ao sujeito e o patriotismo é um valor mais elevado do que a vida de cada um. Como vimos no ponto 1.2, a guerra revestia-se de um carácter preventivo e defensivo, pelo que constituía uma necessidade nacional.

Se, por um lado, a personagem de Paul Bäumer está a combater por patriotismo e vítima da pressão social, já a personagem Eric von Lhomond, protagonista de *O Golpe de Misericórdia*, representa o tipo de homem que adere à guerra de forma livre e espontânea, ainda que influenciado pela sua ascendência nobre. De origem prussiana, proveniente da pequena aristocracia, Eric encarna o estereótipo da velha nobreza europeia falida e decadente, que encontra na vida militar a única saída adequada ao seu *status*. Para este protagonista, a luta na guerra civil no Báltico constitui um tipo de vida que corresponde ao seu espírito de aventura e ao heroísmo que ele associa à virilidade e coragem.

Eric parece alimentar-se da energia dos combates e da luta pela sobrevivência. Cultiva valores germânicos como a primazia da nação sobre o indivíduo, a estrutura das hierarquias, o culto da autoridade e da ordem. No entanto, o que esta personagem deixa transparecer é que já não luta tanto por uma nação, mas por uma ideia de heroísmo que usa o conceito da pátria como argumento para aderir a um conflito que, à partida, já parece estar perdido. A sua luta é muito mais uma luta pela manutenção da velha ordem social

do que pelo país propriamente dito. Aliás, define-se como um prussiano com sangue báltico e francês, o que contribui para o esboroamento da noção de uma nacionalidade.

Num país derrotado e vergado pelas condições do Tratado de Versalhes, pela crise económica, política e social em que a Alemanha esteve mergulhada após 1918, aos jovens como Eric faltavam perspectivas de futuro. Condiicionados pela falta de uma profissão, sem formação e sem fortuna, muitos viam na guerra e na vida de mercenários uma forma de escape à adversidade e à ruína. Eric entrega-se à guerra com a determinação de quem está a cumprir o seu dever e o seu destino, lutando contra os bolcheviques, a quem culpa pelo declínio da velha ordem social que lhe era favorável.

Na medida em que atribui a mais elevada consideração aos valores de ordem militar, à ordem, ao culto da autoridade e do cumprimento do dever, a personagem de Eric assume características claras de figura arquetípica dos jovens do período entre guerras que, mais tarde, aderiram aos regimes totalitários de índole fascista, como, na Alemanha, foi o caso do nacional-socialismo. O anti-intelectualismo, a misoginia e o culto do homem forte, corajoso e nacionalista são outros traços que compõem a personagem de Eric von Lhomond e que, podemos presumir, Marguerite Yourcenar procurou projectar no prussiano.

Outro aspecto que caracteriza a personagem é o seu marcado anti-semitismo, que se traduz na forma como se exprime acerca do judeu Grigori Loew e da sua família. Atribui-lhes práticas com carga negativa como a usura e critica o intelectualismo de Grigori, que manifestava interesse pelos livros e aderira à causa dos bolcheviques. Eric não explica o porquê da sua aversão por esta família: é com naturalidade que a exprime, como se fosse normal e socialmente aceite.

Também Ilse Losa recorre em *O Mundo em que Vivi* a uma personagem de ascendência aristocrática, antigo combatente na Grande Guerra e cuja família o círculo familiar próximo de Rose Frankfurter supõe anti-semita. Trata-se do Sr. von Reichenstein, com quem casa a irmã mais nova da mãe da protagonista e que partilha alguns traços com Eric von Lhomond: ambos se regozijam nos feitos na guerra, nos relatos de aventuras vividas em combate e admiram o heroísmo. Parece-nos de interesse para este trabalho que duas autoras tão distintas como Ilse Losa e Marguerite Yourcenar representem este tipo de personagem, na medida em que as características de ambas as figuras tanto se aproximam.

O romance de Ilse Losa cobre um período temporal diegético mais longo do que as outras duas narrativas em estudo, abrangendo acontecimentos desde a Primeira Guerra

Mundial até à ascensão de Adolf Hitler a chanceler do chamado Terceiro Reich, em 1933. Os eventos narrados e as personagens não se centram tanto na guerra, na qual também tomam parte os cidadãos de origem judia, embora ela apareça em pano de fundo, mas na forma como a situação social dos judeus alemães se foi degradando após o final da guerra até 1933, ano em que a protagonista sai do país.

A Alemanha de Rose Frankfurter, a protagonista, está marcada pela crise política, económica e social que surgiu após o final do conflito. Em cerca de 20 anos, despontaram os eventos que determinaram o rumo da Alemanha, da Europa e do Mundo ao longo de todo o século XX: a capitulação da Alemanha, a abdicação do *Kaiser* Wilhelm II, a República de Weimar, a crise após a queda da bolsa de Nova Iorque. Na sequência destes acontecimentos, surgiram na Alemanha fenómenos como a hiperinflação e o forte desemprego, que constituíram terreno fértil para o avanço do NSDAP, liderado por Hitler e que se consolidou no poder entre 1933 e 1945.

Ilse Losa centra-se sobretudo na questão judaica na Alemanha e na forma como a situação de crise serviu de argumento para as perseguições de que o povo judeu foi alvo a partir dos anos 30. Durante a infância, a protagonista Rose Frankfurter já se dava conta da necessidade que os seus avós tinham de se manter discretos e do distanciamento cordial que caracterizava o convívio entre cristãos e judeus. Apesar de os judeus serem cidadãos alemães, Rose encontrava sempre algumas formas de discriminação do seu povo, mas essas atitudes eram toleradas pelos judeus para evitar conflitos.

Com o agudizar da crise, os ataques aos judeus começaram a ser mais frequentes e intensos. Eram demonizados, acusados de todos os males económicos que afectavam a nação e tratados com crescente antagonismo: eram caricaturados nos jornais, ameaçados e hostilizados na via pública. Antigos sentimentos anti-judaicos ressurgiram e aprofundaram-se, conduzindo a uma progressiva alienação dos judeus e ao declínio da sua posição social. Rose dá conta de como muitos começaram a perder o emprego e a fugir para o estrangeiro. Em simultâneo, o NSDAP foi-se infiltrando entre os trabalhadores cristãos e conquistando o seu apoio com as promessas de emprego, casa e bem-estar material para todas as famílias.

Nesta obra, é fulcral a questão da identidade dos judeus alemães. A família de Rose encontra-se socialmente integrada e define-se tanto pela nacionalidade alemã como pela cultura judaica. Vive da confluência de culturas e não quer nem é capaz de se identificar com apenas uma. As pessoas falam alemão em casa e mantêm as tradições culturais do povo judaico. Até em termos físicos, alguns elementos (Rose, o avô Markus,

o tio Franz) têm olhos azuis e cabelos loiros, características que associadas aos arianos e que, no fim da narrativa, constituem a salvação da protagonista.

Assim, do nosso percurso de investigação, podemos concluir que as obras em estudo, publicadas num período entre as duas guerras mundiais, convergem na representação de alguns estereótipos dos alemães, de que podem ser exemplo o culto pela autoridade, o nacionalismo, o militarismo e o imperialismo, sejam os autores de origem alemã (Ilse Losa, Erich Maria Remarque) ou francófona (Marguerite Yourcenar). Marguerite Yourcenar também aborda a retórica anti-semita na figura do protagonista, indo ao encontro do que Ilse Losa afirma ser uma atitude comum nos cristãos alemães.

Não podemos afirmar de modo categórico que as perspectivas apresentadas pelos três autores constituem o modo como os alemães se definem ou como os povos de outras nacionalidades os caracterizam. Todavia, é possível admitir que estes estereótipos tenham influenciado a visão sobre os alemães e, dada a disseminação destas obras, essas representações poderão ter induzido os leitores do séc. XX a formarem as suas crenças e conceitos, contribuindo para a manutenção dos auto e hétero-estereótipos representados.

4. Bibliografia

Bibliografia primária

a) Documentos de arquivo (Deutsches Literaturarchiv Marbach)

- Correspondência entre Ilse Losa, Erwin Walter Palm e Hilde Domin (HS004818491)

- Correspondência entre Ilse Losa e Hans Erich Nossack (HS007050541)

- Carta de Ilse Losa dirigida a Hilde Domin. 4 de Março do 1960. (HS004818491)

b) *Corpus literário*

Losa, Ilse. 2000. *O Mundo em que Vivi*. Edições Afrontamento, Porto. [1ª ed.1943].

Remarque, Erich Maria. 2014. *Im Westen Nichts Neues*. Kiepenheuer & Witsch, Köln. [1ª ed.1929].

Yourcenar, Marguerite. 2003. *O golpe de Misericórdia*. Publicações Dom Quixote, Lisboa. [1ª ed.1939].

Bibliografia crítica

Becker, Sabina. 1995. "Zwischen Akkulturation und Enkulturation: Anmerkungen zu einem vernachlässigten Autorinentypus: Jenny Aloni und Ilse Losa. [Zur Verarbeitung des Exilerlebnisses in den Romanen, Zypressen verbrechen nicht' von J. Aloni und ,Unter fremden Himmeln' von I. Losa]." *Exilforschung: ein internationales Jahrbuch* / hrsg. im Auftr. der. Gesellschaft für Exilforschung, Vol. 13: *Kulturtransfer im Exil*, edition text+kritik, München, pp. 114-136.

Beller, Manfred. 2006. *Eingebildete Nationalcharaktere. Vorträge und Aufsätze zur literarischen Imagologie*. Ed. Elene Agazzi in Zusammenarbeit mit Raul Calzoni, V&R unipress, Göttingen.

Beller, Manfred, Leerssen, Joep (eds.) 2007. "Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters: A Critical Survey." *Studia Imagologica*, Vol. 13, Rodopi, Amsterdão.

Bischoff, Doerte, Schlör, Joachim. 2013. "Dinge des Exils. Zur Einleitung." *Exilforschung – Ein internationales Jahrbuch*, Vol. 31, Ed. Doerte Bischoff und Joachim Schlör, et+k, Stuttgart, pp. 9-20.

Blanchet-douspis, Mireille. 2008. *L'influence de l'histoire contemporaine dans l'œuvre de Marguerite Yourcenar*. Rodopi, Amsterdam/New York.

Blanckeman, B. (org.) 2007. *Les diagonales du temps. M. Yourcenar à Cerisy*. Presses Universitaires de Rennes, Rennes.

Bleicher, Thomas. 1980. "Elemente einer komparatistischen Imagologie." *Komparatistische Hefte*, Heft 2: *Literarische Imagologie – Formen und Funktionen nationaler Stereotype in der Literatur*, Universität Bayreuth, Bayreuth, pp. 12-24.

Bleicher, Thomas. 1994. "Imagologie zwischen Kulturwissenschaft und Literaturwissenschaft." *Germanistentreffen Bundesrepublik Deutschland – Türkei. 25.9.-29.9.1994. Dokumentation der Tagungsbeiträge*, DAAD, Bonn.

Bock, Hans Manfred. 2000. "Nation als vorgegebene oder vorgestellte Wirklichkeit? Anmerkungen zur Analyse fremdnationaler Identitätszuschreibungen." *Nation als Stereotyp. Fremdwahrnehmung und Identität in deutscher und französischer Literatur*, Ed. Ruth Florack, Maz Niemeyer Verlag, Tübingen, pp. 11-36.

Breilly, John. 1998. "German National Identity." *Modern German Culture*, Ed. Eva Kolinsky and Wilfried van der Will, Cambridge University Press, Cambridge.

Buescu, Helena, João Ferreira Duarte e Manuel Gusmão (org.). 2001. *Floresta Encantada: Novos Caminhos da Literatura Comparada*. Publicações D. Quixote, Lisboa.

Buescu, Helena. 2013. *Experiência do Incomum e Boa Vizinhaça. Literatura comparada e Literatura Mundo*. Porto Editora, Porto.

Clark, Christopher. 2013. *The Sleepwalkers. How Europe Went to War in 1914*. Penguin, Milton Keynes.

Denham, Scott D. 1992. *Visions of War. Ideologies and Images of War in German Literature Before and After the Great War*. Germanic Studies in America, N° 64, Lang, Bern; Berlin; Frankfurt am Main; New York; Paris.

Engelmayer, Elfriede. 1998. "Denn Sprache ist ja Heimat, dieses furchtbare Wort. Ein Gespräch mit Ilse Losa." *Tranvía*, Heft 51, Ed. Walter Frey, Brunhilde Wehninger, Berlin, pp. 62-64.

Englmann, Bettina. 2001. *Poetik des Exils. Die Modernität der deutschsprachigen Exilliteratur*. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, pp. 13-39.

Firda, Richard Arthur. 1988. *Erich Maria Remarque. A Thematic Analysis of His Novels*. American University Studies, Series XIX General Literature, Vol. 8, Peter Lang, New York.

Fischer, Manfred S.. 1981. *Nationale Images als Gegenstand Vergleichender Literaturgeschichte. Untersuchungen zur Entstehung der komparatistischen Imagologie*. Aachener Beiträge zur Komparatistik, ed. Hugo Dyserinck, vol. 6, Bouvier Verlag. Bonn

Florack, Ruth. 2001. *Tiefsinnige Deutsche, frivole Franzosen. Nationale Stereotype in der deutschen und französischen Literatur*. J. B. Metzler, Stuttgart, pp. 1-48.

Florack, Ruth. 2007. *Bekannte Fremde. Zu Herkunft und Funktion nationaler Stereotype in der Literatur*. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, pp. 1-32, 143-161.

Gutzeit, Angela. 1988. "‘Die Welt, in der ich lebte‘ - Begegnung mit einer Emigrantin." *Anschlaege. Magazin für Kunst und Kultur*, Heft 19, November/Dezember, Osnabrück, pp. 12-14.

Horn, Peter. 1987. "Der ‚unbeschreibliche‘ Krieg und sein fragmentierter Erzähler. Zu Remarques Kriegerroman ‚Im Westen nichts Neues‘." *Heinrich Mann-Jahrbuch 4/1986*, Ed. Helmut Koopmann und Peter-Paul Schneider in Zusammenarbeit mit dem Senat der Hansestadt Lübeck, Amt für Kultur, Lübeck, pp. 85-108.

Howind, Angelika. 1988. "Ein Antikriegsroman als Bestseller. Die Vermarktung von Im Westen nichts Neues 1928-1939." *Erich Maria Remarque 1898-1970*, Ed. Tilman Westphalen, Rasch Verlag, Bramsche, pp. 55-64.

Kerker, Armin. 1974 "Zwischen Innerlichkeit und Nacktkultur: Der unbekannte Remarque." *Die Horen: Zeitschrift für Literatur, Kunst und Kritik*, Ed. Kurt Morawietz. Heft 3, Winter 1974, 19. Jahrgang, Ausgabe 96. Hannover, pp. 3-23.

Kershaw, Ian. 2016. *To Hell and Back. Europe 1914-1945*. Penguin Random House, Milton Keynes.

Krimmer, Elisabeth. 2014. *The Representation of War in German Literature: From 1800 to the Present*. Cambridge University Press, Cambridge.

Kuxdorf, Manfred. 1980. "Mynona versus Remarque, Tucholsky, Mann, and Others: Not so Quiet on the Literary Front." *The First World War in German Narrative Prose*, Ed. Charles N. Genno and Heinz Wetzel. University of Toronto Press, Toronto, pp. 71-92.

Leydecker, Karl (org.). 2006. *German Novelists of the Weimar Republic: Intersections of Literature and Politics*. Camden House, Rochester.

Linder, Ann P. 1996. *Princes of the Trenches. Narrating the German Experience of the First World War*. Camden House, Columbia.

Mackay, Marina. 2009. *The Cambridge Companion to the Literature of World War II*. Cambridge University Press, Cambridge.

Markovits, Andrei S., Noveck, Beth Simone, Höfig, Carolyn. 1998. "Jews in German Society." *Modern German Culture*, Ed. Eva Kolinsky and Wilfried van der Will, Cambridge University Press, Cambridge.

Marques, Ana Isabel Mendes Rosa. 2001. *Paisagens da Memória. Identidade e Alteridade na escrita de Ilse Losa*. Minerva Coimbra e CIEG, Coimbra.

Mendes, Ana Paula Coutinho. 2000. "Representação do outro e identidade: Um estudo de imagens na narrativa de viagens – I. Imagologia literária: contornos históricos e princípios metodológicos." *Cadernos de Literatura Comparada – I. Para uma crítica do discurso crítico. Narrativa Literária e Identidade*, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras do Porto, Porto, pp. 93-100.

Mühlen, Patrick von zur. 1992. *Fluchtweg Spanien-Portugal. Die deutsche Emigration und der Exodus aus Europa 1933-1945*. Verlag J. H. W. Dietz Nachf., Bonn, pp. 115-171.

Murdoch, Brian. 1990. "All Quiet on the Trojan Front: Remarque, Homer and War as the Targets of Literary Parody." *German Life & Letters. A Quarterly Review*, Ed. G.P.G. Butler et al, Vol. XLIII, 1989-1990, Basil Blackwell, Oxford, pp. 49-62.

Murdoch, Brian. 1992. "Hinter die Kulissen des Krieges sehen: Adrienne Thomas, Evadne Price – and E. M. Remarque." *Forum for Modern Language Studies*, Vol. XXVIII, Nº 1, January, University of St Andrews by Oxford University Press, Oxford, pp 56-74.

Murdoch, Brian. 2006a. *The Novels of Erich Maria Remarque*. Camden House, Rochester.

Murdoch, Brian. 2006b. "Innocent Killing: Erich Maria Remarque and the Weimar Anti-War Novels." *German Novelists of the Weimar Republic: Intersections of Literature and Politics*, Karl Leydecker (org.) Camden House, Rochester.

Opitz, Alfredo (coord.). 1998. *Sociedade e Cultura Alemãs*. Universidade Aberta, Lisboa.

Placke, Heinrich. 2009. "Einstein und Remarque – militante Pazifisten?." *Erich Maria Remarques militanter Pazifismus und die deutsch-europäische Friedens- und Kulturpolitik heute, Erich Maria Remarque Jahrbuch/Yearbook XIX*, Beiträge zur Internationalen Tagung der Erich Maria Remarque-Gesellschaft in Zusammenarbeit mit der Kurt Tucholsky-Gesellschaft Osnabrück, 31. Oktober – 2. November 2008, Ed. Thomas F. Schneider im Auftrag des Erich Maria Remarque-Friedenzentrums Osnabrück, V&R unipress, Universitätsverlag Osnabrück, Osnabrück, pp. 46-59.

Rasson, Luc. Un humanisme inadéquat. A propos du *Coup de Grace*. http://www.yourcenariana.org/sites/default/files/documents_pdf/06Rasson.pdf. Consultado a 27-02-2017.

Riesz, János. 1980. "Zur Omnipräsenz nationaler und ethnischer Stereotype." *Komparatistische Hefte*, Heft 2: *Literarische Imagologie – Formen und Funktionen nationaler Stereotype in der Literatur*, Universität Bayreuth, Bayreuth, pp. 3-11.

Robertson, Ritchie. 1999. *The 'Jewish Question' in German Literature, 1749-1939. Emancipation and its Discontents*. Oxford University Press, Oxford.

Rogasch, Wilfried. 1990. "Deutsche Juden oder jüdische Deutsche? Nachdenken über nationale Identität am Vorabend der Katastrophe." *Zeitschrift zum Verständnis des Judentums*, Ed. Elisabeth Reich, 29. Jahrgang, Heft 11, Frankfurt am Main.

Rudolf, Hemit. 1966. "Helden in der Krise. Zu Erich Maria Remarques Emigrationsromanen." *Német filológiai tanulmányok – 2 [Arbeiten zur Deutschen Philologie II]*, Budapest. Pp. 83-93.

Rüter, Hubert. 1980. *Remarque Im Westen nichts Neues. Ein Bestseller der Kriegsliteratur im Kontext*. Schöningh; Paderborn; München; Wien; Zürich.

Schneider, Thomas P. 1994. *Erich Maria Remarque. Ein militanter Pazifist*. Texte und Interviews 1929-1966, Edição e Introdução de Thomas F. Schneider, Kiepenheuer & Witsch, Köln.

Schoppmann, Claudia (Hg.). 1995. *Im Fluggepäck die Sprache. Deutschsprachige Schriftstellerinnen im Exil*. Coleção *Die Frau in der Gesellschaft*, Ed. Claudia Schoppmann, Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt am Main, pp. 11-37, 227-235.

Schwarz, Wilhelm J. 1975. *War and the Mind of Germany*. Vol. 117, *European University Press, Series I – German language and literature*, Peter Lang, Frankfurt am Main.

See, Klaus von. 1994. *Barbar, Germane, Arier: die Suche nach der Identität der Deutschen*. Winter, Heidelberg.

Sherry, Vincent. 2005. *The Cambridge Companion to the Literature of the First World War*. Cambridge University Press, Cambridge.

Thomé, Horst. 2000. "Vorbemerkung. *Nation als Stereotyp. Fremdwahrnehmung und Identität in deutscher und französischer Literatur*. Ed. Ruth Florack. Maz Niemeyer Verlag, Tübingen, pp. 1-7.

Tims, Hilton. 2003. *Erich Maria Remarque. The Last Romantic*. Constable & Robinson, London.

Uran, Steve. 1978. "Burentum und Deutschtum. Nationalistische Stereotype zwischen Imperialismus und Faschismus." *Zeitschrift für Literatur Wissenschaft und Linguistik (LiLi)* Beiheft 9. *Stereotyp und Vorurteil in der Literatur*, Ed. James Elliot, Jürgen Pelzer und Carol Poore. Vandengoeck & Ruprecht, Göttingen, pp. 111-131.

Volkov, Shulamit. 2006. *Germans, Jews, and Antisemites. Trials in Emancipation*. Cambridge University Press, Cambridge.

Watanabe-O'Kelly, Helen. 2000. *The Cambridge History of German Literature*. Cambridge University Press, Cambridge.

Wachsmann, Nikolaus. 2015. *KL. A History of the Nazi Concentration Camps*. Little, Brown, London.

Westphalen, Tilman. 2008. "'Wann wird zum Mord, was man sonst Heldentum nennt?'. Remarque als militanter Pazifist von *Im Westen nichts Neues* (1928/29) bis zu *Zeit zu leben und Zeit zu sterben* (1954)." *Der Antimilitarist und Pazifist Tucholsky. Dokumentation zur Tagung 2007 „Der Krieg ist aber unter allen Umständen tief*

unsittlich“, Ed. Friedhelm Greis und Ian King im Auftrag der Kurt Tucholsky-Gesellschaft, Röhrig Universitätsverlag, St. Ingbert, pp. 143-170.

Westphalen, Tilman. 2009a. “Einführung zur Tagung.“ *Erich Maria Remarques militanter Pazifismus und die deutsch-europäische Friedens- und Kulturpolitik heute. Erich Maria Remarque Jahrbuch/Yearbook XIX*, Beiträge zur Internationalen Tagung der Erich Maria Remarque-Gesellschaft in Zusammenarbeit mit der Kurt Tucholsky-Gesellschaft Osnabrück, 31. Oktober – 2. November 2008, Ed. Thomas F. Schneider im Auftrag des Erich Maria Remarque-Friedenzentrums Osnabrück, Universitätsverlag Osnabrück, V&R unipress, Osnabrück, pp. 5-10.

Westphalen, Tilman. 2009b. “Ultima Irratio – Remarque, die Stadt und der Frieden.“ *Erich Maria Remarques militanter Pazifismus und die deutsch-europäische Friedens- und Kulturpolitik heute. Erich Maria Remarque Jahrbuch/Yearbook XIX*. Beiträge zur Internationalen Tagung der Erich Maria Remarque-Gesellschaft in Zusammenarbeit mit der Kurt Tucholsky-Gesellschaft Osnabrück, 31. Oktober – 2. November 2008, Ed. Thomas F. Schneider im Auftrag des v Erich Maria Remarque-Friedenzentrums Osnabrück. Universitätsverlag Osnabrück, V&R unipress, Osnabrück, pp. 11-24.

Winkler, Michael. 1993. “Germany – Jeckyll und Hyde. Nationale Stereotypen und die Suche nach kultureller Identität im Exil.“ *Wider den Faschismus: Exilliteratur als Geschichte*. Ed. Sigrid Bauschinger, Susan L. Cocalis, Francke Verlag GmbH, Tübingen, pp. 1-21.